



Lia Diskin

Laura Gorresio Roizman

Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, nem tampouco a delimitação de suas fronteiras ou limites.



Lia Diskin
Laura Gorresio Roizman



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador

Anthony William Garotinho Matheus de Oliveira

Secretária Estadual de Educação

Darcília Aparecida da Silva Leite

Secretário Executivo do Gabinete do Governador

Luiz Rogério Gonçalves Magalhães

Coordenador de Desenvolvimento Humano e do

Programa Escolas de Paz

Fernando Otávio de Freitas Peregrino

UNESCO / Organização das Nações Unidas para a
Educação, Ciência e Cultura

Conselho Editorial

Jorge Werthein • Maria Dulce Almeida Borges •
Célio da Cunha

Comitê para a área de Ciências Sociais e
Desenvolvimento Social

Marlova Jovchelovitch Noletto • Júlio Jacobo
Waiselfisz • Carlos Alberto dos Santos Vieira •
Maria das Graças Rua

Coordenação do Escritório no Rio de Janeiro

Marta Porto

Assessoria da Área de Educação

Patrícia Lacerda



Representação no Brasil

SAS, Quadra 5 Bloco H, Lote 6,
Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º Andar
70070-914 – Brasília – DF
Tel: (55 61) 321-3525 • Fax: (55 61) 322-4261
UHBRZ@unesco.org

Escritório Rio de Janeiro

Rua Augusto Severo, 84 – 10º Andar
Ed. Barão de Mauá – Glória
20021-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel: (55 21) 2505-0076 • Fax: (55 21) 2505-0077

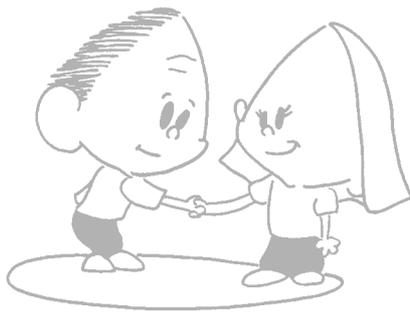
ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

Conselho Deliberativo

Ana Maria de Lisa Bragança
Aparecida Elci Ferreira
Daniela Maria Moreau
Eduardo Natalino dos Santos
George Hauach Barcat
João Roberto Moris
José Romão Trigo Aguiar
Laura Gorresio Roizman
Lucia Benfatti Marques
Lúcia Brandão Saft Moufarrige
Manuel Moreira da Silva
Manuel Morgado Cutolo
Mara Novello Gerbelli
Maria José Sesti Neves
Regina Fartos Terlizzi
Therezinha Siqueira Campos



Rua Leôncio de Carvalho, 99
04003-010 São Paulo - SP
Tel: (55-11) 3266-6188
Fax: (55-11) 287-8941
sedepalasathena@uol.com.br



© UNESCO, 2002

Diskin, Lia

Paz, como se faz?: semeando cultura de paz nas escolas / Lia Diskin e Laura Gorresio Roizman – Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro, UNESCO, Associação Palas Athena, 2002.

95p.

1. Educação 2. Paz I. Roizman, Laura Gorresio II. UNESCO III. Título

CDD 370

Coordenação e textos
Lia Diskin e Laura Gorresio Roizman

Coordenação de pesquisa
Aparecida Elci Ferreira

Edição
Áurea Lopes

Capa e projeto gráfico
Luciano Pessoa

Ilustrações
Darci Arrais Campiotti
Sílvio Paulo Ariento Filho

Jogos cooperativos
Fábio Otuzi Brotto

Pesquisadores
Alessandro de Oliveira Campos
Eliane de Cássia Souza
Fabiola Marono Zerbini

Revisão
Lucia Benfatti Marques

Agradecemos aos amigos e colaboradores
que nos auxiliaram na concretização deste trabalho

Ana Maria de Lisa Bragança • Arnaldo Omair Bassoli • Beatriz Miranda •
Cid Marcus Vasques • Cyntia Malaguti • Edith Ferraz Abreu • Erivan Moraes de Oliveira •
Fernanda Saguas Presas • George Hauach Barcat • Isabel Marques • José Romão Trigo Aguiar •
Luiz Carlos Andrade Santos • Maluh Barciotte • Maria Enid Mussolini •
Maria Teresa Faria Micucci • Neusa Maria Valério • Paulina Berenstein •
Raimunda de Assis Oliveira • Rita Mendonça • Rosa Itálica Miglionico •
Sonia Maria Nice Granolla • Suely Alonso Prestes Correa • Thereza Cavalcanti Vasques •
Vera Lúcia Paes de Almeida • Vera Lúcia Quartarola

De olhos abertos

O século que acaba de findar, em que pesem os avanços em vários ramos do saber, foi marcado, infelizmente, por uma crescente onda de violência. No Brasil, e de resto em todo o planeta, a sociedade contemporânea viu cair por terra muitos valores — como a solidariedade, o respeito, a tolerância, mesmo não sendo de forma generalizada.

Mais do que nunca há um clamor por mudanças, mesmo que ele não se faça audível. Para onde caminhamos, se não houver uma reversão da intolerância e violência instaladas em nosso cotidiano? Não podemos simplesmente fechar os olhos e seguir submissos rumo à barbárie. Há que se construir uma cultura de paz!

E neste propósito a Unesco e o Estado do Rio de Janeiro se unem para um projeto inovador, já experimentado e aprovado, e que tem servido de modelo para outros estados e países. O Estado do Rio é o nosso foco. Queremos de fato implantar aqui programas que influenciem os jovens no caminho da amizade e da paz. Acreditamos ser possível reverter a tendência instalada em muitas comunidades e regiões, com elevado número de mortes por causas externas entre os jovens e pelos motivos mais banais: ociosidade, que dá origem a muitos vícios; falta de opções em atividades esportivas, de cultura e lazer.

Respeitar a vida, rejeitar a violência, ser generoso, ouvir para compreender, preservar o planeta e redescobrir a solidariedade são as palavras de ordem do nosso programa — Escolas de Paz. Evidente que há muito para se fazer em uma sociedade marcada pela injustiça e desigualdade como a nossa. Mas é preciso começar de algum ponto. E, cremos, a Escola de Paz foi um acerto. Os exemplos falam por si mesmos. Pesquisadores de campo comentam a história do garoto pichador que se tornou grafiteiro, teve sua auto-estima restaurada e passou a ensinar em várias escolas a arte do grafitismo. Outros exemplos se somam a este.

E a escola redescobre o seu papel de educar no sentido mais amplo. Ela deixa de ser a mera repassadora dos conhecimentos curriculares e se abre à comunidade nos finais de semana, como fonte de lazer e inspiradora de valores mais nobres. Mesmo não sendo o seu objetivo final, algumas oficinas oferecidas pelo programa fornecem o aprendizado de um ofício.

A amplitude do projeto Escolas de Paz é muito maior do que se poderia classificar simplesmente como um programa de governo e de um organismo internacional de cooperação técnica. É uma resposta a uma demanda específica da sociedade, que quer alternativas para suas mazelas e práticas efetivas contra seus males.

Fernando Peregrino

Presidente da Fundação Carlos Chagas Filho
de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)
e Coordenador de Desenvolvimento Humano do Estado.

A PAZ EST « EM NOSSAS MÃOS

PEACE IS IN OUR HANDS
CULTIVONS LA PAIX
CULTIVEMOS LA PAZ

A paz no cotidiano

Mesmo trabalhando em uma variedade de campos de atuação, a missão exclusiva da UNESCO é a construção da paz: “O propósito da Organização é contribuir para a paz e a segurança, promovendo cooperação entre as nações por meio da educação, da ciência e da cultura, visando a favorecer o respeito universal à justiça, ao estado de direito e aos direitos humanos e liberdades fundamentais afirmados aos povos do mundo”.

Para atingir tal objetivo, a UNESCO trabalha cooperando com os governos em seus três níveis, com o poder legislativo e a sociedade civil, construindo uma imensa rede de parcerias, mobilizando a sociedade, aumentando a conscientização e educando para uma cultura de paz. No Rio de Janeiro, a UNESCO está desenvolvendo, em parceria com o Governo do Estado, o programa “Escolas de Paz”, cujo principal objetivo é dar oportunidades de acesso aos jovens, ao mesmo tempo que educa para valores, para a paz e para a construção da cidadania.

Nosso maior desafio é transformar os valores da Cultura de Paz em realidade na vida cotidiana. Traduzir cada um dos desafios propostos pela Cultura de Paz em realidade, na vida das pessoas.

Preparar a paz, portanto, significa:

- respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminar nem prejudicar;
- praticar a não-violência ativa, repelindo a violência em todas suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular ante os mais fracos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes;

- compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais, cultivando a generosidade, a fim de terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão política e econômica;

- defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre a escuta e o diálogo, sem ceder ao fanatismo, nem à maledicência e ao rechaço ao próximo;

- promover um consumo responsável e um modelo de desenvolvimento que tenha em conta a importância de todas as formas de vida e o equilíbrio dos recursos naturais do planeta;

- contribuir com o desenvolvimento de minha comunidade, propiciando a plena participação das mulheres e o respeito dos princípios democráticos, para criar novas formas de solidariedade.

A Cultura de Paz se insere em um marco de respeito aos direitos humanos e constitui terreno fértil para que se possam assegurar os valores fundamentais da vida democrática, como a igualdade e a justiça social. Essa evolução exige a participação de cada um de nós para dar aos jovens e às gerações futuras valores que os ajudem a forjar um mundo mais digno e harmonioso, um mundo de justiça, solidariedade, liberdade e prosperidade.

É este o desafio a que nos lançamos: construir, em nossa sociedade, uma Cultura de Paz. Trabalhar na educação, na construção solidária de uma nova sociedade, onde o respeito aos direitos humanos e à diversidade se traduzam concretamente na vida de cada cidadão, onde haja espaço para a pluralidade e a vida possa ser vivida sem violência. Cabe lembrar que não se pode pensar que esse desafio seja um sonho ou que estejamos propondo construir a utopia. Pelo contrário, acreditamos, como Margareth Mead, que mesmo um pequeno grupo, porém pensante e comprometido, pode mudar o mundo.

Assim, colocamos em suas mãos um material que irá ajudar a trabalhar os valores da Cultura de Paz na vida cotidiana. Temos certeza de que, aliado a seu empenho pessoal, este material contribuirá para lançar as sementes necessárias para transformar a realidade em que vivemos e construir o mundo mais igual e justo, com que todos nós sonhamos.

Marlova Jovchelovitch Noletto

Coordenadora de Desenvolvimento Social, Projetos Transdisciplinares e do Programa Cultura de Paz da UNESCO/Brasil.



السلام بين أيدينا
Мир в наших руках
让我们播种和平

Respeitar a vida

Rejeitar a violência

Ser generoso

Ouvir para compreender

Preservar o planeta

Redescobrir a solidariedade

O Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência foi esboçado por um grupo de laureados do prêmio Nobel da Paz. Milhões de pessoas em todo o mundo assinaram esse manifesto e se comprometeram a cumprir os seis pontos descritos acima, agindo no espírito da Cultura de Paz dentro de suas famílias, em seu trabalho, em suas cidades. Tornaram-se, assim, mensageiros da tolerância, da solidariedade e do diálogo.

A Assembléia Geral das Nações Unidas declarou o período de 2001 a 2010 a “Década Internacional da Cultura de Paz e Não-Violência para as Crianças do Mundo”.

Espaços de paz para os jovens

Temos refletido e escrito muito sobre a crise social e ecológica que assola nosso planeta. Mas a distância que separa nosso saber do nosso agir, ou seja, o que queremos do que fazemos, parece cada dia maior. Haverá mecanismos para encurtá-la? Quais as mudanças e as ações necessárias?

A transformação dos valores de uma cultura de guerra e violência para valores de uma Cultura de Paz e Não-Violência é o maior dos desafios que temos pela frente, em escala planetária.

A violência transborda pelos meios de comunicação, inunda o dia a dia. Por isso é tema de inúmeros estudos acadêmicos e projetos institucionais em todo o mundo. Pesquisas promovidas pela UNESCO no Brasil constatam que a violência afeta, fundamentalmente, os jovens.

Se olharmos para a violência em toda a sua complexidade, vemos que ela não se restringe aos crimes ou agressões de ordem física, mas permeia nossas relações familiares e o cotidiano escolar. Envolve fatores como a exclusão, a omissão e a indiferença entre seres humanos, sem falar nos mais variados tipos de agressões à natureza. Com o desejo de edificar uma sociedade justa e igualitária, esta publicação se propõe a criar e incentivar processos inclusivos na juventude — principal protagonista na construção de uma Cultura de Paz e de Não-Violência.

A participação das escolas no Programa ABRINDO ESPAÇOS — ESCOLAS DE PAZ pretende ser um contraponto à falta de equipamentos de lazer, esportes e cultura para a juventude nos finais de semana, quando há a maior incidência de envolvimento dos jovens em situações de risco. Este material, desenvolvido por integrantes do Programa de Educação em Valores Universais, Ética e Cidadania da Associação Palas Athena, propõe o desenvolvimento da expressão, da criatividade, da aceitação do outro e do diálogo, habilidades que contribuem para a construção da paz ativa nas comunidades participantes dos encontros.

O trabalho teve o cuidado de aproximar a teoria da prática, baseado nos quatro pilares da Educação do Futuro (aprender a

conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto, aprender a ser) apontados pelo Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, presidida por Jacques Delors, intitulado *Educação: um tesouro a descobrir*. E ainda nos seis pontos do Manifesto 2000 da UNESCO — Por uma Cultura de Paz e Não-Violência (respeitar a vida; ser generoso; ouvir para compreender; redescobrir a solidariedade; rejeitar a violência; preservar o planeta).

Assim, realizamos reflexões sobre os pontos do Manifesto 2000, seguidas por atividades-modelo que trabalham os valores e as atitudes valorizadas em cada ponto.

Em seguida, relacionamos sugestões de atividades que contemplam os conceitos do Manifesto 2000. Independente do talento, tipo de inteligência, origem sócio-econômica ou cultural, procuramos beneficiar os participantes com processos que envolvessem diferentes linguagens e formas de expressão, incrementassem a auto-estima e atitudes positivas para com o outro e para com o meio ambiente.

Longe de ser apenas uma lista exaustiva de atividades, este manual pretende incentivar processos de auto-criação e auto-gestão nos participantes, tendo em vista a promoção do protagonismo juvenil e do desenvolvimento espontâneo de lideranças. Ambos são ingredientes-chave para uma socialização benéfica e para a prática de uma mensagem de tolerância.

As atividades sugeridas são voltadas para o público jovem, mas foram elaboradas para serem utilizadas e adaptadas a diferentes faixas etárias, tendo por objetivo envolver diversos integrantes das famílias e da comunidade. Isso é fundamental na

criação de vínculos e no desenvolvimento de papéis de apoio mútuo, além de fertilizar o terreno para a prática do diálogo e da cooperação, para a criação de uma Cultura de Paz.

Os textos sobre os seis pontos do Manifesto 2000, bem como as atividades sugeridas, podem igualmente inspirar o trabalho de professores em sala de aula.

A produção desta publicação é resultante de um rico e agradável processo de trabalho em equipe, que envolveu jovens talentosos na pesquisa das atividades, nas ilustrações bem humoradas e na seleção de livros e filmes. Diversos professores da rede pública e consultores colaboraram, voluntariamente, com nosso trabalho. A todos, nossos profundos agradecimentos. Eis aqui bons exemplos de como encurtar a distância entre o "pensar" e o "agir"...

E a paz, como se faz?

Jamais podemos ignorar a força construtiva dos pequenos prazeres cotidianos, das coisas mais simples da vida, por vezes esquecidas no fundo de um armário, escondidas por pilhas de saberes e de fazeres desnecessários para um mundo melhor.

Talvez o sonho de uma Cultura de Paz esteja muito próximo de nós, repousando na natureza essencialmente generosa e criativa do ser humano, que simplesmente anseia por uma pausa, um espaço de acolhimento, de expressão e de partilha.

Laura Gorresio Roizman
Coordenadora do Programa de Educação em Valores Universais,
Ética e Cidadania da Associação Palas Athena



respeitar a vida

“Observe atentamente o caminho que seu coração aponta e escolha esse caminho com todas as forças”

Provérbio hassídico

Muito tempo passou, desde o início do universo, até surgir a vida humana. E ainda foi preciso muito mais para que aflorassem, no mundo, as mentes inteligentes e capazes dos seres humanos. O mais impressionante é pensar que a vida, que existe há tão pouco tempo, já está ameaçada. Dizem os biólogos que uma espécie viva está desaparecendo do planeta a cada vinte minutos. Em centésimos de segundo, aquelas mesmas mentes inteligentes podem destruir centenas de seres vivos: basta apertar um botão! Com frequência, mostram as estatísticas, um simples apertar de gatilho interrompe uma vida jovem, com sonhos, paixões, talentos.

A violência nas grandes cidades vitima milhares de pessoas, principalmente jovens. Por isso temos que praticar e disseminar, o máximo que pudermos, o resgate da vida, a defesa da vida, o respeito à vida. Precisamos começar refletindo sobre algumas lições que a própria vida nos passa. Em primeiro lugar, é fundamental compreender que, apesar dos surpreendentes avanços da ciência, é absolutamente impossível recriar todas as formas de vida em laboratório. Infelizmente, sabemos destruir, com diversos tipos de armas — nucleares, químicas e biológicas — toda e qualquer vida na Terra. Mas não sabemos como, nem por onde começar a restaurá-la.

Podemos dizer que alguma coisa é viva quando ela gera a si mesma. Se batemos a bicicleta em um poste e alguma parte se quebra, precisamos consertá-la, trocar peças, ajustá-la, refazer a pintura etc. Mas se ralamos o braço, nosso corpo consegue se “consertar” sozinho, pois as células podem se reproduzir e cicatrizar a ferida. Apesar de tão esplêndido, esse fenômeno passa totalmente despercebido aos nossos olhos. Estamos tão acostumados a encontrar outras pessoas caminhando à nossa frente, a ver as árvores alimentando os pássaros e insetos que esquecemos, literalmente, de admirar a vida em seu mistério. O milagre se tornou comum: mulheres grávidas em países em guerra, ovos eclodindo em terras áridas, a grama brotando das frestas do asfalto de cidades maltratadas pela violência.

A vida é criativa. Observe as folhas de uma árvore. Se olhar atentamente, perceberá que não existe uma folha igual à outra! O mesmo acontece quando observamos as multidões caminhando pelas ruas: quantas pessoas diferentes umas das outras! Na família humana, em todo nosso planeta, abraçamos um número imenso de raças, culturas, religiões, visões de mundo, valores...

E, logicamente, é impossível que todo mundo pense do mesmo jeito: alguns gostam do verão, outros preferem o inverno... O problema começa quando resulta difícil aceitar o ponto de vista do outro. Perdemos a paciência, nos tornamos intolerantes, discutimos e, sem querer, podemos utilizar a violência para lidar com esse conflito. Em uma atitude imediatista e impensada, corremos o risco de desrespeitar a vida, machucando nosso semelhante com palavras, gestos, atitudes... É exatamente assim que começam as brigas e as guerras. E é justamente esta espiral de violência que queremos eliminar.

Para compreender a arte da aceitação do outro, podemos aprender com nossa maior mestra: a própria vida, bem maior do universo, que insiste em pulsar a cada instante. Teima em se concretizar, perfeita e harmonicamente. Observe as bactérias, seres muito simples, de um passado remoto, que "moram" em todas as células humanas, trabalhando no processo de produção de energia, como parceiras em nosso corpo. O que seria do cérebro sem os pulmões? Os rins sobreviveriam sem seu companheiro coração? Em nosso organismo, podemos afirmar sem pestanejar, existe respeito e ajuda mútua desde a pequena célula até os nossos órgãos mais sofisticados. Todas as pequenas partes trabalham juntas, operando o milagre. Esse é apenas um exemplo de associação, cooperação. Fenômenos de natureza amorosa que sustentam o princípio da vida.

Vamos continuar estudando a vida: ao caminhar em uma mata ou à beira-mar, observando um pôr-do-sol, estabelecemos

uma sensação imediata de paz, acolhimento, e harmonia com a Terra. O mesmo podemos dizer quando uma mãe abraça seu bebê. O amor é o combustível fundamental da humanidade, o alicerce da vida no planeta. É um bem-estar espontâneo, fácil, natural, que precisa ser redescoberto. Cabe a cada um de nós empreender essa viagem interior, ao encontro da bondade humana, virtude presente em todas as culturas.

Mas e no nosso organismo maior, a sociedade? Existe essa mesma sintonia? O que seria de nós sem os empregados das usinas hidroelétricas que produzem energia? Sem os padeiros, médicos e lixeiros? Músicos, jornalistas e camponeses? Dependemos uns dos outros para sobreviver... Infelizmente, esse fato é frequentemente esquecido, nos diversos cantos do planeta, a cada instante.

Se pudéssemos observar com uma lente de aumento a saúde da sociedade humana, perceberíamos muita dor e sofrimento. Muitos não encontram oportunidades de moradia, alimento, trabalho. A desigualdade social é uma dura realidade de nossos dias, uma situação de profundo desrespeito à vida.

Será que podemos fazer algo para construir um mundo mais justo, mais cooperativo? A injustiças e desigualdades são tantas que, muitas vezes, é mais cômodo nos sentirmos magoados e revoltados... Mas, de alguma maneira, precisamos aprender que a paz está em nossas mãos: a sociedade do futuro depende de nós! Cabe a cada um de nós cuidar da vida, em seu aspecto pessoal, social e planetário.

... da natureza à nossa volta, lembrando que todo ser vivo é um milagre.

... de nossa comunidade, de nosso bairro, de nossa família. Ouvindo os jovens, garantindo que possam se expressar e que sejam atores de seu próprio destino.

... da sensibilidade do nosso coração, oprimido em uma sociedade onde existe guerra, destruição da natureza. Em paz, em cinco minutos de silêncio, podemos ouvir nosso coração dizer qual é a melhor música para a nossa saúde, os melhores passatempos, as melhores leituras, como ajudar um semelhante.

... do nosso corpo. E isso não significa "malhação" e cosméticos. Mas tratar e amar o corpo com a sabedoria que ele merece, sem contaminá-lo com substâncias perigosas à saúde.

... das palavras que dizemos. Podemos ser violentos com as pessoas dependendo das palavras que escolhemos e da maneira como nos expressamos.

... do nosso olhar. Os olhos são os espelhos da alma: revelam a verdade dos sentimentos. No olhar não há mentira. Com ele dizemos "como você é chato!" ou "te amo!"



Colcha de Retalhos

Quantas vezes sentamos ao lado de nossos avós ou mesmo de nossos pais para escutar aquelas longas histórias que compuseram a vida e a trajetória da nossa família e, portanto, a trajetória de nossa vida? Quantas vezes paramos para pensar na importância do nosso passado, nas origens de nossa família, e mais, de nossa comunidade? Indo um pouco mais longe, quantas vezes paramos para pensar de que forma a cultura da nossa cidade e de nosso país influencia o nosso modo de ver as coisas?

Pois é. Nós somos aquilo que vivemos. Somos um pouquinho da vida de nossos pais e avós, somos também um pouquinho da nossa casa, do nosso bairro, das pessoas que estão à nossa volta, seja na cidade ou no país onde vivemos.

Isso é o que se chama identidade cultural. E esta é uma atividade que ajuda a buscar essa identidade — o que significa buscar a nossa própria história, conhecermos a nós mesmos e a tudo que nos rodeia. Buscar a identidade cultural é “entender para respeitar” nossos sentimentos e os daqueles com quem compartilhamos a vida.

M A T E R I A L

- Tecido — lona, algodão, morim cortados em tamanho e formatos variados
- Tinta de tecido ou tinta guache (é bom lembrar que o guache se dissolve em água!)
- Linha e agulha ou cola de tecido

C O M O S E F A Z

1ª Etapa — História de Vida

Peça a todos os participantes para lembrar um pouco de suas histórias pessoais e das histórias de suas famílias pensando em suas origens, em sentimentos e momentos marcantes, em sonhos... Enfim, em tudo aquilo que cada pessoa considera representativo de sua vida. Depois disso, peça para os participantes

escolherem pedaços de tecidos para pintar símbolos, cores ou imagens relacionadas às suas lembranças. Esse é um momento individual, que deve levar o tempo necessário para que cada um se sinta à

vontade ao expressar o máximo de sua história de vida. Quando todos terminarem, proponha a composição da primeira parte da Colcha de Retalhos, que pode ser feita costurando ou colando os trabalhos de cada um, sem ordem definida.



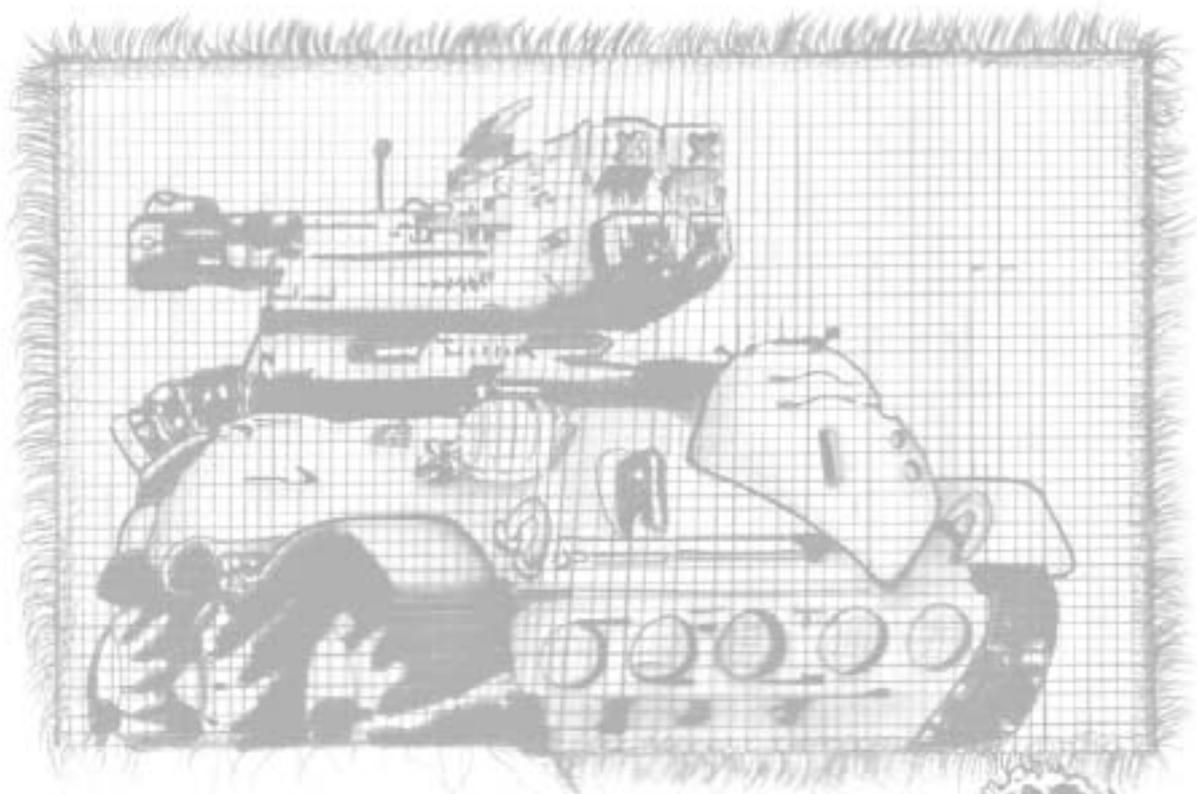
2ª Etapa — História da comunidade

Esta etapa exige muito diálogo entre os participantes, que devem construir a história da comunidade onde vivem. Uma boa dica é pesquisar junto aos mais velhos, ou ainda utilizar os resultados da atividade Conhecer para Preservar, do tópico Preservar o Planeta.

O grupo escolhe alguns fatos, acontecimentos e características da comunidade para representá-los também em pedaços de tecido pintados. Pode-se reunir as pessoas em pequenos grupos para a criação coletiva do trabalho. Todas as pinturas, depois de terminadas, deverão ser costuradas ou coladas compondo um barrado lateral na colcha.

3ª Etapa — História da cidade, do país, da Terra

A partir daqui, a idéia é dar continuidade à colcha de retalhos, criando novos barrados, de forma a complementá-la com a história de vida da cidade, do país, do mundo e até a do universo. Não há limites nem restrições. O objetivo principal é estimular nos participantes a vontade de conhecer e registrar a vida, em suas diferentes formas e momentos. Desse modo, poderão se sentir parte da grande teia da vida.



rejeitar a violência

“O primeiro princípio da ação não-violenta é a não-cooperação com tudo que é humilhante”

Mahatma Gandhi

Assim que se vê livre da casca do ovo, a tartaruga marinha corre para o mar. Imediatamente pronta para a vida, ela não tem dúvidas sobre o que fazer, nem erra o caminho para o seu destino natural. Quem dera fosse assim com os humanos! Nós não só precisamos de muita ajuda e treino até conseguir ficar em pé, como às vezes levamos anos para encontrar a melhor direção a seguir. O ser humano, não há dúvida, não se cria nem se forma sozinho. Outras pessoas nos alimentam, cuidam de nós quando ficamos doentes, nos dão o afeto que vai se tornar o alicerce de nossa identidade, nos ensinam a descobrir um passado com outras culturas e civilizações que nos fazem entender as relações humanas. Relações experimentadas a cada dia, na família, na escola, no trabalho, no lazer.

Mas se está claro que dependemos dos outros para viver, que sempre estaremos junto com os integrantes de qualquer grupo ao qual pertencermos, não é tão simples administrar essa convivência. Não é fácil nos articular em sociedade de forma que todos possam crescer e expressar seus desejos, sem ferir o direito dos outros fazerem a mesma coisa. Ou seja, estar juntos exige cuidados, concessões mútuas, reciprocidade, confiança. Todos esses pilares do convívio social sofrem abalos (algumas vezes fatais) quando atingidos por atitudes de violência, destruição, exploração, humilhação. Nesses momentos, todos perdem, ninguém se beneficia. Mesmo que a curto prazo pareça haver um “ganhador”, ele próprio pode ser o “perdedor” no próximo confronto. E assim se delinea o infernal ciclo da violência, comprovado pelos casos de vinganças e retaliações noticiados todos os dias na TV e nos jornais.

Recorrer à violência significa abrir mão de tudo o que aprendemos e conquistamos durante um processo milenar de civilização. Significa ignorar avanços como a abolição da escravatura; a derrubada de regimes de governo opressores; a Declaração Universal dos Direitos do Homem, com o reconhecimento de que todas as raças, culturas e expressões religiosas têm o mesmo valor e enriquecem a diversidade humana; o direito universal à Educação e a usufruir o patrimônio cultural de nossa espécie; a justiça que garante às mulheres o exercício pleno de suas capacidades; os direitos dos trabalhadores de reivindicar melhores condições para o exercício de

suas profissões; a opção na Constituição Federal de garantir cidadania plena à infância e à juventude, regulamentada depois pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, que abriu caminhos sem precedentes para assegurar direitos individuais e sociais.

Sabemos que essas conquistas, entre outras, ainda não são suficientes para atender às nossas necessidades de segurança, oportunidades, conhecimento, lazer, exercício de cidadania, liberdade, criatividade. Porém, a maior parte dessas vitórias foi possível porque pessoas se dispuseram a negociar, argumentar, dialogar, buscar consenso, resistir e não cooperar com injustiça e abuso de poder.

Na História, temos dois exemplos de compromissos com a liberdade e com a justiça sem apelo à força física: Mahatma Gandhi e Martin Luther King. Cada um deles, em contextos sócio-políticos e geográficos distintos, enfrentou a opressão, a humilhação e a mentira. Cada um escolheu, à sua maneira, métodos não-violentos de libertar seus povos, restabelecer o direito e encontrar saídas para o convívio pacífico. Esses homens provocaram transformações irreversíveis porque suas propostas não eram destruir o opressor, e sim libertar as pessoas da opressão.

Para isso, é preciso entender que existe diferença entre a injustiça e o injusto, a maldade e aquele que a pratica.

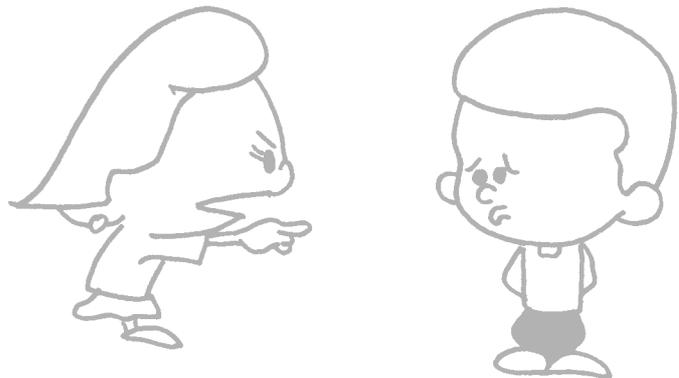
Se dirigimos nossa indignação ao alvo errado, isto é, se combatemos o agressor, em vez de combater a agressão, perdemos a oportunidade de estabelecer uma nova relação com o outro. Além de, em grande parte dos casos, alimentarmos o ciclo vicioso da violência, quando a vítima reage, se tornando um novo agressor.

Gandhi costumava dizer: “Pode-se garantir que um conflito foi solucionado segundo os princípios da não-violência se não deixa nenhum rancor entre os inimigos e os converte em amigos”. Embora pareça apenas um conjunto de palavras bonitas, essa diretriz foi testada na prática, com muitos de seus oponentes, que se tornaram seus admiradores e até colaboradores.

Não é fácil dominar a própria violência, até porque não é fácil reconhecer que somos potencialmente violentos — seja em pensamentos, gestos ou omissões. Sempre arranjamos boas justificativas para nossas atitudes. “Você foi injusto comigo”, “invadiu meu espaço”, “me traiu”. Essas são queixas que temos dos outros e os outros, de nós. Se compreendermos isso, se aceitarmos que nem sempre estamos com a razão, faremos cobranças (aos outros e a nós mesmos!) mais justas e mais humanas.

Como um bumerangue que volta ao ponto de partida, o uso da violência para compensar frustrações e desapontamentos resulta em sentimentos de impotência e em mais frustração. Ao agredir alguém, damos a essa pessoa o direito de nos agredir também, e acabamos por “armar” o outro com os mesmos instrumentos dos quais queremos nos desvencilhar.

Esse círculo vicioso só se quebra se resistirmos ao ímpeto emocional, ao ódio e à raiva — barreiras que ofuscam sentimentos preciosos como a compaixão, a solidariedade e a capacidade de perdão. “Perdi a cabeça”, “fiquei fora de mim”. Não são essas as expressões que usamos toda vez que agredimos alguém? E o que elas querem dizer? Que reconhecemos ter agido por impulso, de modo irrefletido e ignorante. Mais ainda, que não aceitamos esse comportamento como digno de nós mesmos — e, igualmente, não o aceitamos no outro.



Nós humanos, assim como os primatas, somos sensíveis ao princípio de empatia, uma espécie de tendência para se colocar no lugar da outra pessoa. Esse sentimento nos faz solidários ao sofrimento das outras pessoas, sobretudo se formos nós os agentes dessa aflição. Nessas circunstâncias, experimentamos um misto de arrependimento, vergonha e compaixão. Pensamos em fazer qualquer coisa para voltar atrás e evitar o acontecido. Tal sensação, apesar de dolorosa, mostra a aspiração natural de não desejar prejudicar ninguém.

A violência, entretanto, nem sempre tem um alvo preciso ou um agressor identificável. Há violência nos preconceitos que impedem uma pessoa de exercer seus direitos e desenvolver suas potencialidades pelo simples fato de ter uma raça, um gênero, uma cultura, uma condição social, uma religião, uma capacidade física especial. Há violência nos sistemas políticos e econômicos que reforçam disparidades de oportunidades, erodindo o tecido social e gerando exclusão, desemprego, miséria e indignidade.

Há violência nos desvios de recursos públicos que deveriam promover plena sociabilidade, fundada na segurança que nasce da liberdade e da igualdade de acesso aos bens naturais e culturais

que são patrimônio de todos — e não apenas de alguns. Há violência nos discursos que domesticam e criam resignação, ao repetir uma e outra vez que "o mundo é assim mesmo, sempre houve guerra e injustiça", desencorajando qualquer proposta nova de organização social e de uma cidadania ativa e responsável.

A violência não é uma expressão de justiça, de felicidade, nem de amizade. Estas promovem o acolhimento e a troca, buscam o convívio, o estar junto para partilhar e aprender, para criar, desafiar e construir futuros nunca imaginados, mas sempre possíveis. Esse desejo foi, até agora, o sustentáculo da nossa espécie — o que confirma e renova a nossa esperança.



Música: Hey Joe

Esta música traz reflexões bastante atuais sobre violência, exclusão social, racismo. Mas também faz pensar sobre cidadania. A atividade consiste em reunir o grupo para ouvir a canção e depois fazer um debate. É necessário que tenham cópias da letra ou que se coloque um cartaz com a letra à vista de todos.

DISCUSSÃO GERAL

Depois de escutar a música, convida-se os participantes a responder as seguintes perguntas:

- Que sentimento esta música lhe traz?
- O que mais chamou sua atenção? Com o quê você mais se identificou?
- Quais são os aspectos positivos e os negativos da realidade retratada?
- Você consegue perceber, no texto, duas formas de pensar diferentes em relação à violência e à vida? Com qual você se identifica mais?

Hey Joe

de Bill Roberts, versão Ivo Meirelles e Marcelo Yuka

*“Hey Joe onde é que você vai com essa arma aí na mão
Hey Joe esse não é o atalho pra sair dessa condição
Dorme com tiro acorda ligado tiro que tiro
Trik-trak boom pra todo lado meu irmão
Só desse jeito consegui impor minha moral
Eu sei que sou caçado e visto sempre como um animal
(...)”*

Mas eu vou me mandando

*Hey Joe assim você não curte o brilho intenso da manhã
Hey Joe o que teu filho vai pensar quando a fumaça baixar*

Fumaça de fumo fogo de revólver

E é assim que eu faço eu faço eu faço

Eu faço a minha história meu irmão

Aqui estou por causa dele e vou te dizer

Talvez eu não tenha vida mas é assim que vai ser

Armamento pesado corpo fechado

Menos de 5% dos caras do local

São dedicados a alguma atividade marginal

E impressionam quando aparecem nos jornais

Tapando a cara com trapos

Com uma uzi na mão

(...)”

Sinto muito cumpadi

Mas é burrice pensar

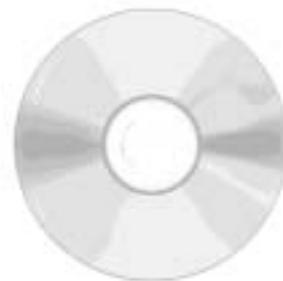
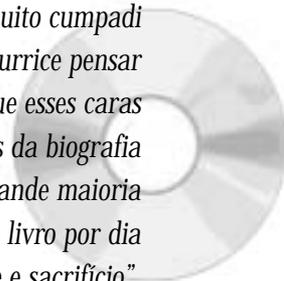
Que esses caras

É que são os donos da biografia

Já que a grande maioria

Daria um livro por dia

Sobre arte, honestidade e sacrificio”.



DISCUSSÃO POR TRECHOS

Alguém lê os trechos abaixo e os participantes respondem às perguntas seguintes:

Trecho 1

*“Hey Joe onde é que você vai
com essa arma aí na mão
Hey Joe esse não é o atalho
pra sair dessa condição”*

- Que “condição” é essa?
- Você imagina outros “atalhos” para sair dessa “condição”?

Trecho 2

*“Menos de 5% dos caras do local
São dedicados a alguma atividade marginal
E impressionam quando aparecem nos jornais
Tapando a cara com trapos
Com uma uzi na mão”*

- O que este trecho retrata?
- Como você vê esta realidade no seu bairro, na sua escola, com seus amigos e parentes?

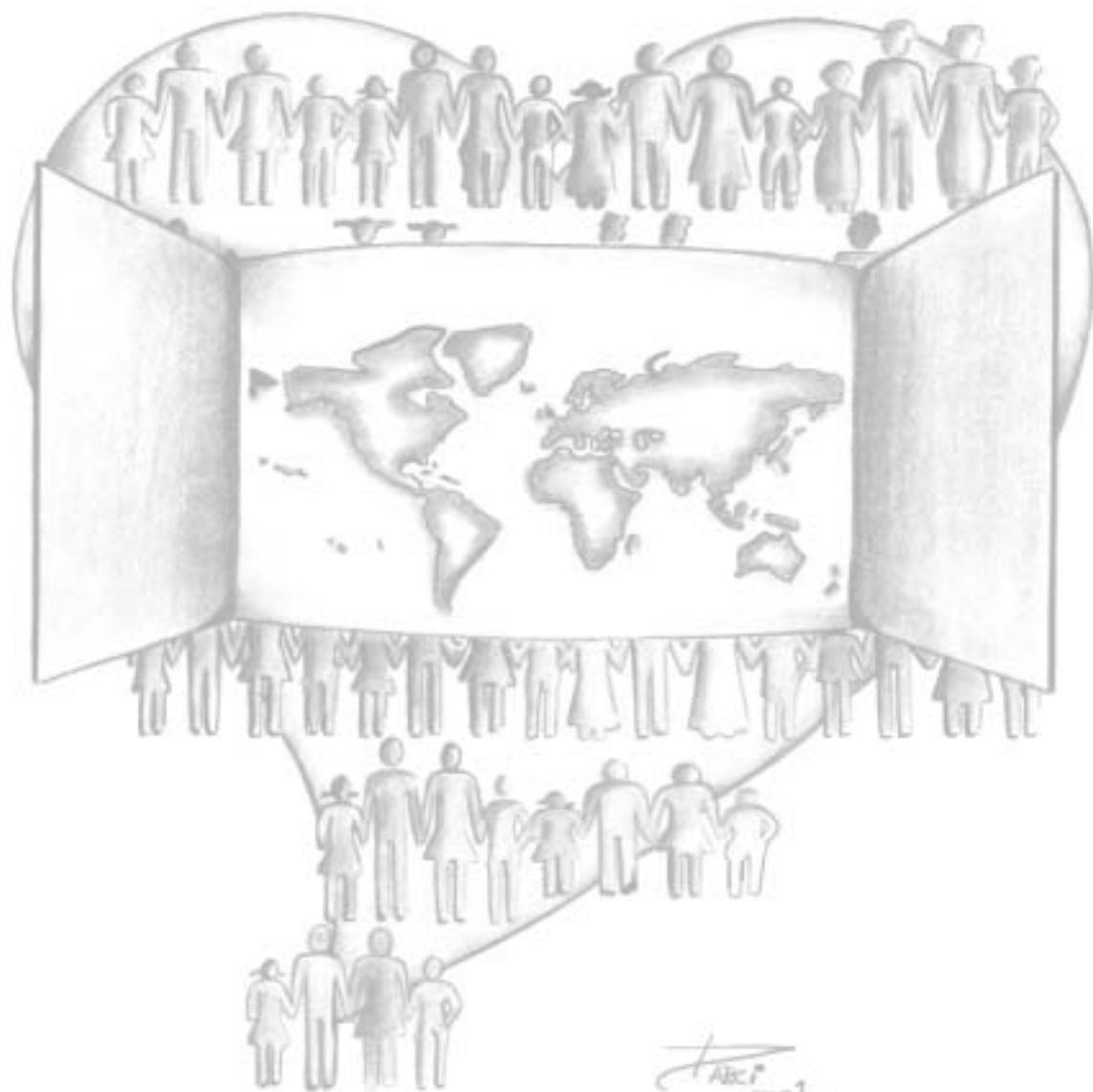
Trecho 3

*“Mas é burrice pensar
Que esses caras
É que são os donos da biografia
Já que a grande maioria
Daria um livro por dia
Sobre arte, honestidade e sacrifício*

*E é assim que eu faço eu faço eu faço
Eu faço a minha história meu irmão”*

- O que significa “fazer a própria história”?
- Se você identificou duas posições diferentes na música, com qual delas você pretende escrever a sua história de vida?
- Retratar, por meio da arte (desenho, pintura etc.), a sua linha de vida, reservando um bom espaço para a sua perspectiva de futuro... Discuta com o grupo se existem pontos em comum entre as linhas de vida e as perspectivas futuras de todo o grupo. Será que algo pode ser feito em conjunto?
- O grupo vê possibilidades de se ajudar mutuamente para alcançar algum objetivo?
- Construindo a sua história, de que forma você pode contribuir para uma Cultura de Paz?





ABC
2017

ser generoso

“A generosidade - o amor - é o fundamento de toda socialização porque abre um espaço para o outro ser aceito como ele é E, a partir daí, podemos desfrutar sua companhia na criação do mundo comum, que é o social”

Humberto Maturana

Todos os dias nos beneficiamos de milhares de atos generosos e nem percebemos! Alimentos com maior valor nutritivo, roupas mais adequadas ao nosso clima, novos medicamentos para aliviar a dor ou erradicar uma doença, casas feitas com materiais mais baratos e ecologicamente sustentáveis... Isso acontece porque, todos os dias, centenas de fundações sem fins lucrativos oferecem seus recursos econômicos para incentivar a pesquisa e fazer descobertas cujo propósito é melhorar a vida das pessoas. A generosidade está presente mesmo nas coisas menos imediatas para a sobrevivência humana. Nos museus de arte, por exemplo, grande parte das obras, que estão lá para enriquecer nosso senso estético e cultural, vem de doações particulares. Famílias que têm o privilégio de possuir objetos valiosos abrem mão deles por entender que são demasiado preciosos para decorar apenas uma residência, onde seriam apreciados por poucas pessoas.

Apesar desse “anonimato” característico de muitas ações generosas (quem ajuda não conhece o ajudado; quem recebe ajuda não sabe quem ajudou), felizmente, a generosidade, em si, está cada vez mais “visível”. Basta ligar a TV para conferir: a cada pouco pipoca uma campanha de solidariedade e os noticiários mostram variados programas de trabalho voluntário. Adultos, jovens e crianças de todas as classes sociais, raças e crenças estão dedicando seu tempo e seu talento a ações comunitárias, populações menos favorecidas, doentes internados em hospitais, instituições que atendem crianças necessitadas de cuidados especiais, programas de reforço escolar e alfabetização eletrônica... Enfim, estão participando de propostas que abrem caminho para uma sociedade mais democrática, cujos recursos e conquistas possam ser usufruídos por todos.

A generosidade não é um direito, tampouco um dever. Não é regida por leis. É fruto da nobreza de caráter, uma virtude que nos faz sentir parte de algo maior que nós mesmos, que nossa família ou que nosso país. Ela nos humaniza e nos mostra que, no essencial, somos todos iguais: evitamos sofrer; buscamos felicidade, paz, justiça, realização; desejamos ser queridos e respeitados. Ninguém, em sã juízo, fica indiferente ante as inundações na Ásia ou a miséria na África. Nos sentimos irmanados com esses povos, embora tão distantes, e sentimos vontade de fazer algo. Não importa a forma da contribuição — alimentos, conhecimentos, dinheiro, tempo, conforto espiritual. Só o fato de participar da reparação já renova nossas forças e fortalece àqueles que auxiliamos. Entretanto, a generosidade não se expressa apenas nos momentos de aflição. Na semana passada, uma colega de trabalho fez aniversário e nossa turma deu a ela uma caixa de bombons. Contento com a surpresa, ela abriu a caixa, pegou um e ofereceu o restante para nós, dizendo que eles eram mais gostosos quando compartilhados. Foi um gesto e tanto! Todos ficamos duplamente

felizes: pela felicidade que proporcionamos a ela lembrando de seu aniversário e pela atitude generosa com que nos retribuiu.

Uma das características mais evidentes da generosidade é essa naturalidade que dispensa qualquer tipo de recompensa, que se satisfaz em si mesma. Outra é a liberdade: ninguém é obrigado a ser desprendido nem a estar disponível para os outros. Mas todos gostaríamos de ter essas atitudes porque inspiram confiança e criam uma atmosfera amigável à nossa volta. Isto nos leva a pensar que a generosidade também é contagiante. Envolve a quem dá e a quem recebe, eleva a auto-estima de ambos.

Do lado oposto, a avareza e o egoísmo causam distanciamento e desconforto. Os egoístas só pensam em seus próprios interesses; imaginam que o mundo foi criado para satisfazê-los e as pessoas, para servi-los. São incapazes de perceber as aspirações dos outros — “as suas são mais urgentes e importantes”. É como se estivessem ofuscados pelo brilho de si próprios, impedidos de enxergar os outros e, conseqüentemente, de criar vínculos afetivos sinceros e duradouros. Quem tem atitudes gananciosas machuca os que estão a seu lado e termina sozinho.

Às vezes, somos egoístas e só vamos nos dar conta disso depois de ver o estrago causado, a pessoa querida magoada, a situação difícil de remediar. Se não ficarmos atentos, acabaremos incorporando esse comportamento que prejudica quem está à nossa volta e a nós mesmos! Para mudar esse quadro, é preciso ser forte. É necessário encarar a questão com honestidade e resistir à tentação de encontrar desculpas para manter esse hábito.

Ninguém está condenado a repetir os erros. Podemos nos reeducar continuamente, se estivermos abertos aos outros e à realidade. E não faltam referências de generosidade e altruísmo para nos inspirar e encorajar. Irmã Dulce e Betinho, por exemplo, são excelentes modelos. Ler seus livros e acompanhar as obras que eles fundaram e que beneficiam milhares de pessoas, inclusive a nós mesmos, é uma boa forma de começar a compreender o potencial da generosidade. Não há tantas irmãs Dulces nem tantos Betinhos

espalhados pelo mundo. Mas também nós não precisamos ser igual a eles. Apenas tomar suas obras como base para pensar: “E eu, o que poderia fazer? O que tenho a oferecer?” Você pode até não ter reparado. Mas seguramente tem uma palavra de estímulo, um gesto amigável, um livro que pode ser útil a outra pessoa. E seguramente tem alguém por perto precisando dessa força. Ninguém é tão pobre que não tenha algo para dar; ninguém é tão rico que possa dispensar um sorriso amistoso.



ATIVIDADE MODELO

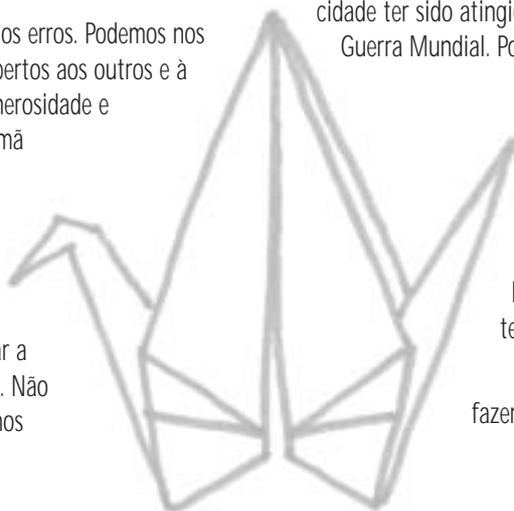
Tsuru (garça, em japonês)

O Tsuru é um dos mais conhecidos símbolos da paz. Segundo uma antiga tradição oriental, fazer mil garças em origami é um ato de esperança. Dai surgiu o hábito de fazer uma corrente de Tsurus para realizar desejos: a recuperação de um doente, a felicidade no casamento, a entrada para a universidade, a conquista de um emprego. A primeira referência sobre essa tradição foi encontrada no livro *Senbazuru Oriката* (Dobradura de mil garças), de Ro Ko An, publicado em 1797.

Mas foi uma menina chamada Sadako Sasaki que imortalizou a corrente dos mil Tsurus como símbolo eterno de paz e harmonia. Sadako nasceu em Hiroshima logo após a cidade ter sido atingida por uma bomba nuclear, na Segunda Guerra Mundial. Por causa das radiações, essa garotinha adquiriu uma doença fatal. Aos 10 anos, ao saber da lenda do Tsuru, ela decidiu fazer mil pássaros de dobradura para ter saúde suficiente para viver. Mas, quando chegou ao pássaro de número 964, Sadako morreu. Foram seus amigos e parentes que terminaram a corrente.

A dobradura Tsuru é bastante fácil de fazer, se orientada por uma pessoa que

Ninguém é tão pobre que não tenha algo para dar; ninguém é tão rico que possa dispensar um sorriso.



conheça a técnica de origami ou que já tenha feito um Tsuru. Portanto, é recomendável que pelo menos uma pessoa do grupo conheça o Tsuru para orientar quem nunca fez. Os pássaros prontos podem ser amarrados com um barbante, formando uma corrente de Tsurus para ser enviada a lugares que necessitam de paz, como presídios, hospitais. Ou para decorar a escola, numa mensagem de generosidade para a comunidade.

M A T E R I A L

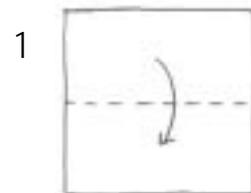
- Folhas de papel quadradas e barbante



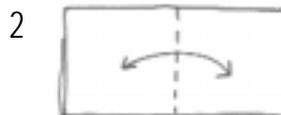
Uma linha pontilhada e tracejada indica dobra MONTANHA.



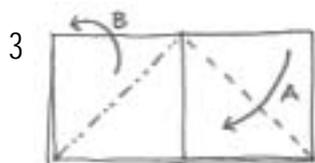
Uma linha tracejada indica dobra VALE.



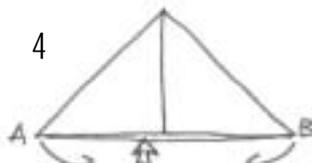
Dobre o papel ao meio.



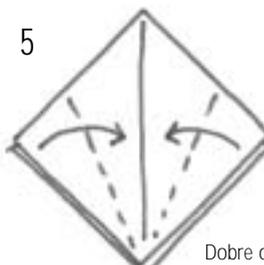
Dobre novamente ao meio e volte.



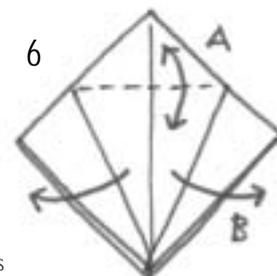
A. Dobre para o centro seguindo a linha.
B. Dobre para trás.



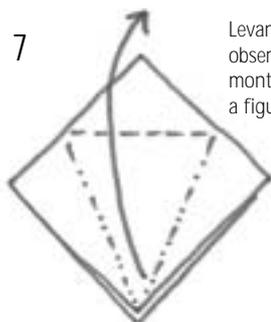
Coloque o dedo por dentro, no local indicado pela seta, abra e junte as pontas A e B.



Dobre os dois lados para o centro seguindo a linha.



A. Dobre essa ponta seguindo a linha e volte.
B. Abra as duas abas que foram dobradas na etapa 5.



Levante a ponta observando as linhas: montanha e vale (veja a figura seguinte).



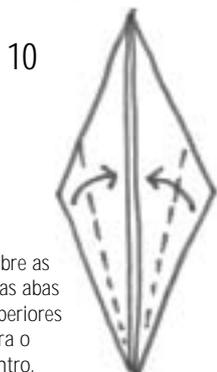
Repita o procedimento da etapa 7, para o outro lado.



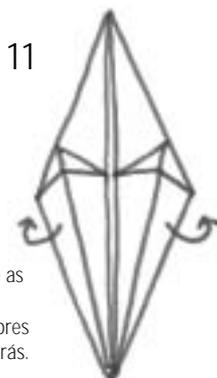
Verifique se o seu trabalho ficou assim.



A. Dobre a ponta para baixo, seguindo a linha, e volte à posição inicial.
B. Faça o bico embutindo a ponta para dentro do vinco.
Observe o desenho no detalhe.



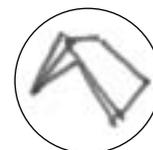
Dobre as duas abas superiores para o centro.

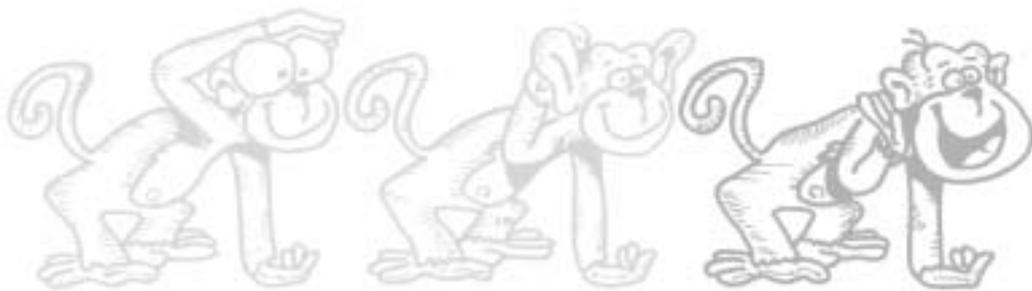


Dobre as abas inferiores para trás.



Abra ligeiramente cada lado da figura, levantando as pontas para cima, conforme as setas.





Handwritten signature or mark.

OUVIR PARA COMPREENDER

“Em um diálogo não há a tentativa de fazer prevalecer um ponto de vista particular, mas a de ampliar a compreensão de todos os envolvidos”

David Bohm

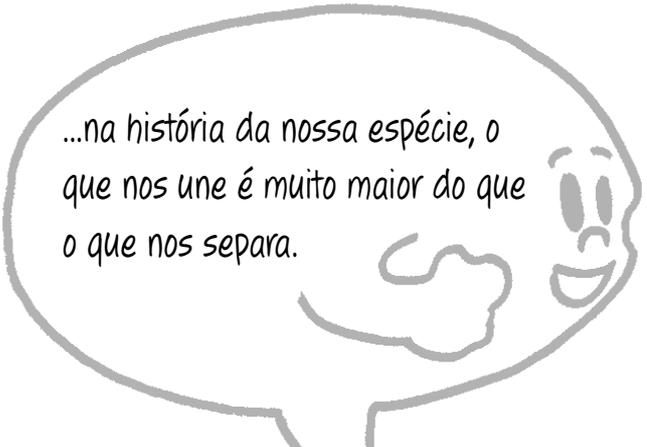
25

Da mesma forma que a riqueza da natureza está em sua biodiversidade, a riqueza da humanidade está em suas múltiplas culturas. As diferentes histórias dos povos articulam saberes, experiências, modos de ver e de sentir o mundo pela tradição oral ou escrita, pela arte, pela espiritualidade, pela ciência. Seria impossível compilar a trajetória de todas as culturas porque muitas já desapareceram completamente. Outras deixaram fragmentos de suas atividades e aspirações por meio dos quais nos comunicam um repertório de informações. Povos pré-históricos, por exemplo, “falam” conosco em suas pinturas feitas nas cavernas: contam sobre suas estratégias de caça, seus alimentos, suas crenças e sua organização social.

Comunicar, transmitir vivências e habilidades é uma característica da condição humana — o que permite a cada geração apresentar novos desafios. Somos curiosos e criativos — quando não estamos atrás de respostas para nossas dúvidas, levantamos novas dúvidas para responder.

Entretanto, compreender o passado e mesmo o que está hoje à nossa volta requer de nossa parte uma abertura, uma disposição para estabelecer pontes de ligação e nos aproximarmos dos outros, sejam eles pessoas, culturas, animais ou a própria natureza. Tudo e todas as coisas, pela simples presença, estão “expressando”, “comunicando” algo que podemos compreender se estamos receptivos. Se estamos disponíveis ao diálogo, que não precisa ser constituído por palavras. Em certas ocasiões, olhares, gestos, toques e até silêncios são mais eloquentes que discursos!

Às vezes acreditamos já saber o que os outros têm para nos dizer. E com isso perdemos a magnífica oportunidade de aprender e experimentar coisas novas. Os preconceitos, a intolerância, os fanatismos, as supostas “certezas” são os maiores entraves para estabelecer linhas de comunicação e relacionamentos confiáveis, onde a reciprocidade e o respeito mútuo semeiam o terreno do entendimento. Culturas diferentes,



...na história da nossa espécie, o que nos une é muito maior do que o que nos separa.

crenças diferentes, modos de pensar diferentes, valores diferentes não são necessariamente fonte de divisão, muito menos de confronto. Afirmar a própria identidade pela negação dos outros empobrece e compromete o desenvolvimento pessoal. Com essa atitude, em vez de valorizar a originalidade, as diferenças que todos temos a oferecer, gastamos nossa energia em confrontos com tudo aquilo que é diferente.

Cada um de nós dispõe de uma “janela” para ver e sentir o mundo. E tudo aquilo que percebemos vem “carregado” da nossa história particular e única. Isso é o que nos torna singulares. Porém, às vezes nossa “janela” fica estreita demais, não percebemos realmente o que acontece. Estamos tão ocupados com nós mesmos que somos incapazes de entender as pessoas. Há alguns dias estava aguardando para atravessar a rua quando vi um garoto correr entre os carros, atrás de uma bola. Ele conseguiu pegá-la e foi direto para um carro onde uma menina sentada no colo da mãe esperava de braços abertos. A mulher, sem dizer uma palavra, estendeu a mão com umas moedas para o garoto. Ao que ele, sem jeito, respondeu: “Não, senhora, sua filha deixou cair a bola e eu apenas a devolvi!”

Ampliar a percepção, abrir espaços novos de conhecimento e compromisso com a realidade são instrumentos essenciais para democratizar nossas relações, tanto no plano mundial quanto no doméstico, com outros povos e também com outras espécies. A arrogância originada da percepção estreita das coisas deu origem a atrocidades e barbáries como a escravidão e a exploração

predatória da natureza. Quando a percepção sintoniza apenas interesses particulares, desarticulados das necessidades coletivas, ou seja, do bem comum, existe confronto e desentendimento. Frutos da violação dos direitos fundamentais, que promovem igualdade de oportunidades para todos.

A capacidade de ampliar a percepção da realidade, de conhecer, compreender e de criar vínculos significativos com os outros é própria da condição humana. Do mesmo modo que é próprio da aprendizagem descobrir diferenças, identificar semelhanças, encontrar complementaridades. Assim, para entender em que mundo estamos e para onde desejamos seguir é preciso reconhecer que existe uma infinidade de protagonistas no cenário da vida. E que todos têm o legítimo direito de expressar suas identidades e de buscar espaços comuns de associação.

Visitar feiras de imigrantes, participar de diferentes festividades populares, assistir a diversas formas de culto, ir a exposições de artesanato regional, experimentar comidas de outras comunidades ou países, conhecer a história de povos distantes pesquisando a música e expressões de sua arte — essas são maneiras de ampliar a nossa compreensão da pluralidade do mundo. Mundo onde os conflitos e as desigualdades resultam da relação de dominação que impõe determinada ordem sócio-política, étnica, religiosa ou econômica. Essa imposição propõe um “enquadramento” que desrespeita as peculiaridades dos povos pautados por um repertório de valores diferente do “estabelecido”, e que buscam manifestar sua identidade, sua autonomia e seu sentido de vida.

Em tempos de globalização das comunicações, o isolamento seria uma opção suicida. Mas a interdependência planetária exige um compromisso por parte de todas as nações. O compromisso de preservar a diversidade cultural — o mais precioso patrimônio construído pela humanidade — e de impedir qualquer forma de exclusão, promovendo o acesso aos bens naturais, sociais, culturais e científicos. O particular e o universal não são excludentes, podem e devem alimentar-se mutuamente, humanizando as relações entre próximos e distantes, democratizando o conhecimento e criando oportunidades novas de convívio amparado na justiça e na ética solidária.

O espírito da compreensão pressupõe partilhar saberes, cooperar na construção de projetos de cidadania planetária, criar parcerias com culturas regionais, promover a difusão de histórias ancestrais. O espírito da compreensão implica aprender em conjunto, abraçar junto, pensar e sentir junto, ficar incluído, fazer parte. Perceber nosso horizonte comum é reafirmar as sábias palavras de Terêncio, escritor romano de comédias: “Sou humano, nada do que é humano me é alheio”.



ATIVIDADE MODELO

Grupos de diálogo

Praticar o diálogo em grupo é uma forma proveitosa de exercitar a compreensão do outro. E também pode ser um recurso eficaz para desenvolver ações conjuntas na resolução de problemas da comunidade. Pode-se formar um único grande grupo de diálogo ou círculos menores, divididos por faixas etárias ou por áreas de interesse.

Até que todos possam confiar uns nos outros, o grupo deve escolher uma pessoa para atuar como moderadora, conduzindo a atividade segundo alguns princípios de democratização da expressão. O moderador precisa ser uma pessoa madura, que não assuma atitudes autoritárias. Mas ter habilidade para acolher as diversas opiniões, mesmo que conflitantes, sem tender a neutralizar essas diferenças.

Veja como fazer isso, segundo a proposta do programa Ribeirão Preto pela Paz, criado no Estado de São Paulo, dentro do projeto Coopera Ribeirão – Construindo Comunidades Colaborativas:

- Em grupos formados por pessoas que acabam de se conhecer, é recomendável iniciar o diálogo com uma breve apresentação de cada participante.
- Por uma questão de organização, é preciso estabelecer

horários para iniciar e para terminar a conversa.

- Pode-se deixar a conversa correr livremente ou escolher, em conjunto, um tema que reflita uma ansiedade do grupo ou um problema enfrentado pela comunidade. O assunto que vai ser tratado deve ficar perfeitamente claro para todos, de modo que a conversa não desvie para temas que estão fora da área de interesse de todos.

- Num diálogo, todos falam. E todos escutam. É preciso saber silenciar, lembrando que todos necessitam aprender e ser fonte de aprendizado, uns com os outros.

- Dialogar não significa concordar, submeter-se à outra pessoa. Mas respeitar o pensamento do outro que, apesar de diferente, vai ajudar na compreensão do fato.

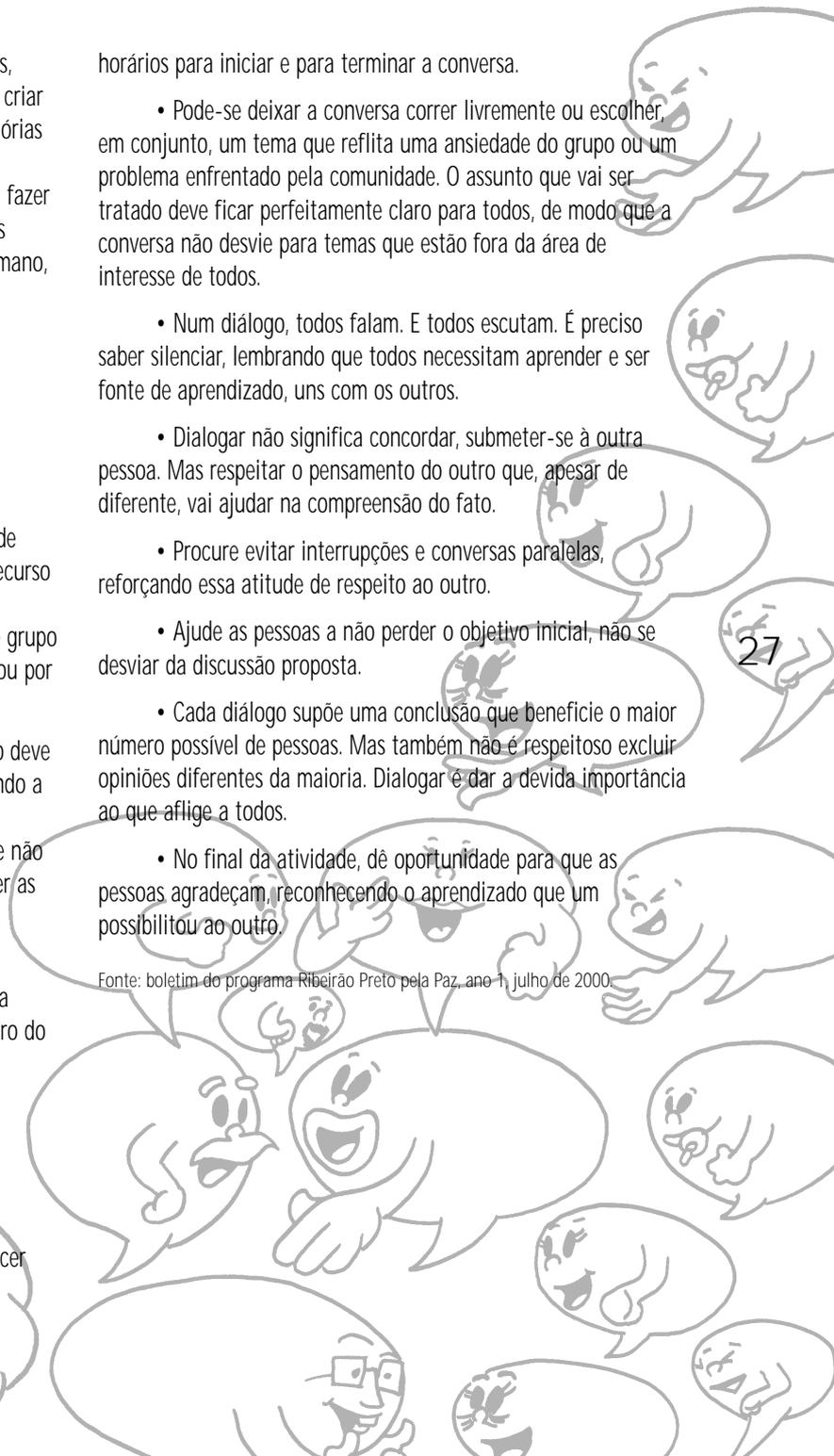
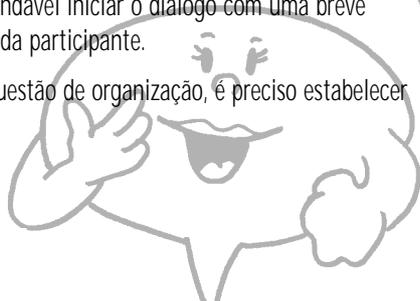
- Procure evitar interrupções e conversas paralelas, reforçando essa atitude de respeito ao outro.

- Ajude as pessoas a não perder o objetivo inicial, não se desviar da discussão proposta.

- Cada diálogo supõe uma conclusão que beneficie o maior número possível de pessoas. Mas também não é respeitoso excluir opiniões diferentes da maioria. Dialogar é dar a devida importância ao que aflige a todos.

- No final da atividade, dê oportunidade para que as pessoas agradeçam, reconhecendo o aprendizado que um possibilitou ao outro.

Fonte: boletim do programa Ribeirão Preto pela Paz, ano 1, julho de 2000.





preservar o planeta

**“O homem não teceu a teia da vida. Ele é apenas um de seus fios.
O que quer que faça à teia, ele faz a si mesmo”**

Chefe Seattle

Uma das mais fascinantes imagens que nossos olhos podem admirar graças à evolução da tecnologia é, sem dúvida, a vista da Terra no espaço! Nosso planeta reluz como uma pérola azul mergulhada em um mar infinito, cujo mistério desafia a mente humana. Sabemos apenas que o universo é absurdamente imenso e, por mais que telescópios poderosos insistam em procurar sinais de vida pelas galáxias, pelo menos até agora, não temos notícias de que exista vida inteligente em outro lugar. Só aqui na Terra!

Olhando o planeta bem de perto, somos brindados com outra beleza: a fina camada de solo que recobre sua superfície. Essa terra foi palco de muitas histórias, desde que surgiu o primeiro homem das cavernas. Sobre ela floresceram as mais variadas culturas, seus sonhos, seus ódios, seus amores. Fósseis delicadamente escondidos nas suas entranhas comprovam que ela foi o útero e o berço de muitas e diferentes espécies já desaparecidas.

Foi neste planeta azul que a espécie humana surgiu e evoluiu, dotada de um cérebro muito sofisticado! Aprendemos matemática e filosofia; descobrimos, criamos e inventamos coisas incríveis e belas como o raio *laser* e os painéis grafitados. Porém, ainda tiramos “nota baixa” em uma das mais importantes lições: preservar nosso planeta, nossa casa. Esquecemos que dependemos da Terra para nossa sobrevivência, assim como um bebê precisa da mãe para se desenvolver com saúde. Parecemos não notar que neste planeta estão a água que bebemos, o solo em que plantamos, o ar que respiramos!

Aqui convivemos com as algas que produzem oxigênio; com as bactérias que reaproveitam as folhas mortas da floresta; com os pássaros que carregam sementes para que árvores possam brotar em lugares distantes. E todos colaboram, sem exigências, para a continuidade da vida. Ao contrário de nós, humanos. Apesar de termos o cérebro tão desenvolvido (maior do que o dos macacos!), somos os seres que mais destróem seus semelhantes. Por que eliminamos uma espécie viva a cada vinte minutos? Por que inventamos armas capazes de acabar com a vida no planeta rapidamente? Por que um quarto da água doce do mundo não pode ser reaproveitada?

Afinal, como fazer para não prejudicar a saúde de nossa própria Mãe, o nosso planeta? O primeiro passo é compreender que, na natureza, tudo depende de tudo e todos dependem de todos. Os seres vivos, o ar, a água, o solo, a luz estão ligados entre si na complicada trama da vida. Uma seca no Brasil afeta o preço das laranjas na França; a fumaça dos escapamentos dos carros em São Paulo contribui para o aumento de temperatura de todo o globo; as políticas agrícolas, decididas pelos políticos nos quais votamos, interferem na qualidade da água que, por sua vez, tem implicações em nossa saúde.

Esse é o desafio do homem e da mulher do século 21: progredir em termos éticos e sociais, e preservar o planeta. Não se trata de uma tarefa simples, mas é perfeitamente viável se cada um de nós fizer sua parte. Mãos à obra! Vamos...

DESPERTAR nossos sentidos para a realidade. Tomar conhecimento do que está acontecendo no país e no mundo. Refletir sobre as causas da pobreza e das devastações ambientais.

FORTALECER O CORPO E A MENTE.

Procurar práticas físicas e meditativas que propiciem serenidade. Evitar a "poluição" do organismo com substâncias nocivas. Nos alimentar do contato humano, de leituras e de filmes preocupados em propor um mundo mais justo.

ESTAR DISPOSTOS a reconhecer e tratar nosso mundo interior, nossos sonhos e problemas. Buscar auxílio, se necessário. Ouvir a mensagem trazida por nossos sentimentos.

EDUCAR A COMUNIDADE. Quebrar a acomodação dos outros por meio de cartas, aulas, encontros entre vizinhos etc. Aproveitar as

conversas com familiares e amigos para analisar criticamente a realidade. Colaborar para a alfabetização e a educação de outras pessoas.

ORGANIZAR eventos, passeios na comunidade com fins educativos em relação à paz, ao meio ambiente, à sociedade. Participar de organizações voltadas à saúde pública, à inclusão social e à ecologia.

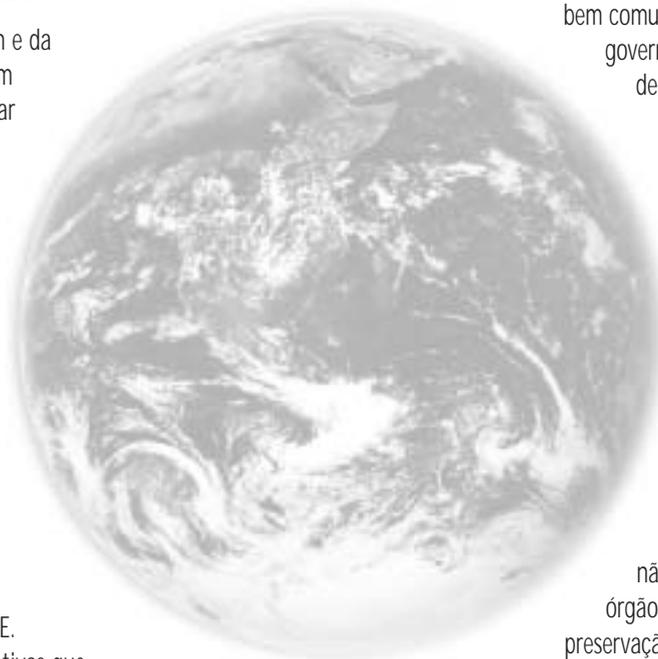
VOTAR de maneira consciente, preocupada com o bem comum. Pressionar os parlamentares e governantes com vistas ao desenvolvimento de políticas a favor da paz e da melhoria de vida.

ESTAR ATENTO às situações prejudiciais ao meio ambiente: ações destruidoras em áreas de conservação, desmatamentos ilegais, rios que recebem dejetos tóxicos, contaminação por agrotóxicos, poluição de todo o tipo. É possível denunciar essas violações para organizações não governamentais (ONGs) ou para órgãos públicos dedicados à preservação ambiental.

CONSERVAR os recursos naturais. Plantar árvores, ajudando a combater o efeito estufa. Não queimar ou desmatar áreas com vegetação.

RESPEITAR os outros, independentemente do nível social, da cor, do sexo ou da religião. Acolher e ponderar sobre outros pontos de vista.

REFLETIR sobre o lixo: de onde veio, para onde vai. Consumir moderadamente, dando preferência a produtos não tóxicos, biodegradáveis, recicláveis, com menos embalagem.





Conhecer para preservar

Para explorar e compreender o ambiente em que vivemos, nada melhor que uma caminhada ecológica, onde se pode observar de perto “a vida acontecendo”. Indicada para pessoas de todas as idades (atenção para que as crianças estejam sempre acompanhadas por adultos!), a atividade tem o propósito de proporcionar aos participantes um contato direto e uma profunda reflexão a respeito das características do meio em que vivem.

COMO SE FAZ

1ª Etapa – Reflexão

Proponha ao grupo uma discussão sobre os termos “ecologia” e “meio ambiente”, com base nos conceitos abaixo. Procure valorizar a necessidade de conhecer a natureza para poder ter atitudes coerentes com a preservação e a conservação do planeta.

Ecologia — deriva do grego em que (eco) *oikos* = casa e (logia) *logos* = estudo. Termo introduzido pelo biólogo alemão Ernest Haeckel, em 1866, para designar “o estudo das relações entre os seres vivos e não vivos e o mundo externo circunvizinho”.

Meio Ambiente — interações entre seres vivos e não vivos diante de fatores sociais, políticos, econômicos e culturais que afetam a harmonia entre o ser humano e todo o ambiente que o cerca. A lei federal nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, que trata da Política Nacional do Meio Ambiente, define: “Meio ambiente: conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”. Segundo *O Guia da Ecologia — para Entender e Viver Melhor a Relação Homem-Natureza* (Secretaria de Estado do Meio Ambiente/SP, organizador: Fábio Feldmann), meio ambiente é “o conjunto de todas as condições e influências externas circundantes que interagem com um organismo, uma população ou uma comunidade”.

2ª Etapa — Exploração

Os participantes formam equipes de dez pessoas. Cada turma deve fazer uma pesquisa, em torno da escola, a respeito de um tema ligado ao ambiente. O ideal seria cada grupo escolher um representante para a coordenação da atividade. O monitor estabelece os limites da caminhada, levando em consideração as características do bairro e da comunidade.

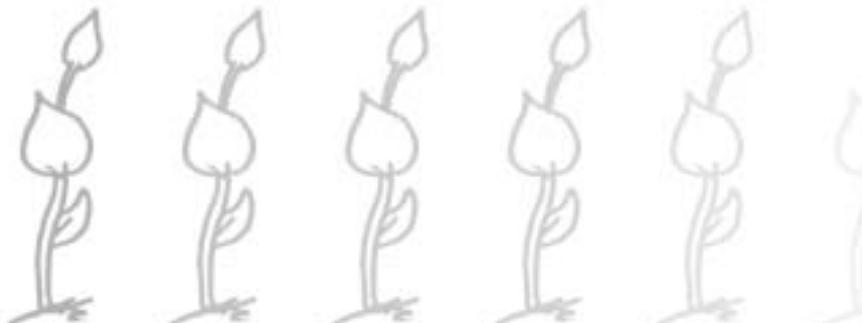
Planejamento no grupo — Cada grupo define a forma como se dará o levantamento dos dados. Para obter as informações, o grupo pode fazer observações, tirar fotografias, realizar entrevistas, aplicar questionários (preparados com antecedência), coletar amostras (lembrar que as amostras devem ser colhidas apenas do chão!) etc. Depois o grupo deve decidir o trajeto a ser seguido.

Apresentação do trabalho — O grupo pode escolher a forma de apresentação que desejar: exposição oral, de cartazes, encenação de peça etc.

TEMAS PARA OS GRUPOS, pesquisa baseada na obra *Atividades Interdisciplinares de Educação Ambiental*, de Genebaldo Freire Dias.

- Existe flora urbana?

Há registros de que existem plantas na Terra há mais de 450 milhões de anos. Acredita-se que cerca de 250 mil espécies estejam espalhadas pelo mundo. Muitas delas, nas cidades. São árvores frutíferas e ornamentais, arbustos, e uma infinidade de outras plantas que crescem em ruas, praças e parques.



AÇÃO — contar todas as árvores encontradas durante a caminhada. A classificação dessas plantas pode ser feita do jeito que o grupo preferir: pequenas e grandes, frutíferas e não frutíferas, folhas miúdas e folhas largas etc. As pessoas também podem eleger a árvore “mais bonita”, tirar uma foto ou fazer um desenho dela para mostrar aos outros.

- Existe fauna urbana?

Das formigas aos cavalos, uma infinidade de animais circulam a nosso redor. Eles habitam nossas casas, as ruas, as escolas. Cada um com uma forma de vida particular e dependendo de outros animais para sobreviver e se reproduzir. Nesta atividade, é importante lembrar que o ser humano também é um animal (mamífero). A diferença é que, por causa da nossa inteligência, adquirimos cultura — que se traduz em artes, ciências, ética, religiões etc. No mais, as nossas necessidades são as mesmas dos demais animais: alimento, abrigo, reprodução e repouso.

AÇÃO — fazer uma listagem com todos os animais que puder encontrar durante a caminhada. As pessoas podem escolher um animal em especial, sobre o qual farão uma pesquisa de características (onde vive, o que come, quais seus inimigos naturais etc.).

- Como anda a poluição sonora na comunidade?

Estudos demonstram que, a cada dia, o homem da cidade perde um pouco de audição devido ao excesso de ruídos.

AÇÃO — fazer um levantamento dos sons captados durante a caminhada. Vale tudo: desde os motores dos automóveis até o canto dos pássaros, a conversa das pessoas, o vento. O importante

é identificar a maior diversidade de sons possível. Depois disso, o grupo prepara uma lista de fontes de poluição sonora, na escola e na comunidade, e faz um mapa da região, localizando essas fontes de poluição.

- Como está a água na comunidade?

A cada dia que passa, a situação de falta de água no mundo fica mais preocupante. Apenas 2% da água disponível no planeta é potável, e hoje já existem mais de 4 milhões de pessoas no mundo que sofrem por falta de água.

AÇÃO — retratar a situação da água na comunidade. Para começar, o grupo identifica a fonte de abastecimento da região. Depois deve elaborar um questionário para saber, dos moradores, de que forma eles utilizam a água. Outra atividade desse grupo pode ser o levantamento da situação da água na escola: quantas torneiras existem na escola? Existem vazamentos? Qual o consumo de água mensal? Por fim, o grupo pode identificar córregos, rios, riachos e poças d’água da região, respondendo às seguintes perguntas: essas águas estão poluídas? Se sim, quem são os responsáveis? Quais são as doenças causadas pelo consumo de água poluída?

- Outros temas interessantes:

Energia elétrica

Patrimônio cultural

Indústrias

Folclore e festas regionais

Religiões e suas comemorações

Política e políticos

3ª Etapa – Imaginação

Ao voltar da caminhada, proponha aos grupos uma reflexão sobre o planeta, com base no texto:

Meu Deus, está viva!

(exclamação do astronauta Edgar Mitchell ao avistar a Terra do espaço)

“A consciência de que a Terra é um sistema vivo, noção que desempenhou um importante papel em nosso passado cultural, foi revivida dramaticamente quando, pela primeira vez na história da humanidade, os astronautas puderam observar a Terra a partir do espaço. A vista do planeta em toda a sua radiante beleza – um balão azul e branco suspenso na profunda escuridão do espaço comoveu-os profundamente e, como muitos declararam, foi uma experiência mística que modificou para sempre sua relação com a Terra. As esplêndidas fotografias do globo terrestre que esses astronautas trouxeram de suas viagens transformaram-se num potente novo símbolo do movimento ecológico, e bem poderia ser o resultado mais importante de todo o programa espacial.” (F. Capra)

Primeiramente, sem ler o texto, peça para cada um olhar atentamente uma foto do planeta Terra. Então inicia-se uma conversa sobre os sentimentos que essa imagem proporciona para cada participante. Depois, o texto é lido em conjunto e pergunta-se se algo mudou em relação aos sentimentos gerados pela foto.

Peça a todos para se imaginarem tirando a foto. Imaginem que a lente da máquina expandiu. O que cada um vê além do planeta Terra? Peça que cada um desenhe o que viu e converse em grupo. Depois, com a imagem do universo na cabeça, tente responder as seguintes perguntas:

- Qual é a sua relação com o planeta Terra?
- Você consegue sentir que é parte desta bola gigantesca?
- Como você imagina a Terra? Ela é um ser vivo? Aliás, o que é vida?

- Pense sobre você e a Terra. Onde você está? Tente construir mentalmente a sua casa, o seu bairro, a sua família, os seus amigos, a sua cidade, o seu país, o seu continente, e desenhe essa imagem.

Lembre a todos que somos parte de um corpo único. O que fazemos à Terra, fazemos a nós mesmos, à nossa casa, ao nosso bairro, à nossa cidade. Sugira que cada um coloque uma foto da Terra na carteira ou na bolsa e sempre que precisar fazer uma escolha – da mais simples à mais importante – olhe para a foto e lembre que está ali dentro.

C O N C L U S Ã O

Os grupos apresentam os resultados de suas atividades para todos. Pode-se fazer um documento que se torne um valioso instrumento para identificar os pontos mais críticos da vida da comunidade. E a partir do qual sejam discutidas propostas de solução dos problemas. Esta atividade, conhecida na área de Educação como Estudo do Meio, é apenas um começo. A atitude de preservação do ambiente depende de muita força de vontade. Por isso, os participantes podem terminar o encontro estabelecendo ações e tarefas – campanhas de mobilização da população, buscar ajuda de autoridades.





redescobrir a solidariedade

**“Quem faz o próximo sofrer pratica o mal contra si mesmo.
Quem ajuda aos outros ajuda a si mesmo”**

Leon Tolstói

35

Por que a sensação de solidão é tão comum em nossos dias? Pode ser por não nos sentirmos parte da família humana, com a qual precisamos nos unir, trocar idéias, nos relacionar. Por que isso acontece principalmente nas grandes cidades? Vamos pensar juntos...

No começo da noite, em muitos lugares do mundo, as pessoas voltam para casa após um dia de trabalho, estudo e ocupação. Ao entardecer, a maioria de nós, habitantes dos centros urbanos, não consegue admirar, no meio dos prédios e da iluminação das ruas, como é bonita a chegada da noite. Esquecemos do magnífico céu estrelado pairando sobre nossas cabeças e passa despercebido que todos somos irmãos, filhos e filhas de um fenômeno muito raro, que é a vida.

Banalizados pelo cotidiano e movidos por um gesto rotineiro, damos uma pausa ao nosso corpo, depois de uma dura jornada. Apertamos o botão da televisão. Várias telinhas ligadas, em diversos lares do mundo, mostram cenas de um colorido fantástico. Na novela das oito, a atriz desfila, com seu corpo perfeito, as roupas da moda. Imagens de carrões e riqueza, seja nas propagandas ou nos filmes, passam a mensagem de que luxo, beleza do corpo e sucesso são os objetivos fundamentais da vida.

Esse culto a uma imagem bonita e rica gera um modelo de perfeição impossível de ser alcançado. Mas alimenta, economicamente, vários setores da sociedade. De alguma maneira, todos entramos no embalo desse movimento insaciável e imediatista, onde o individualismo e a competição são personagens principais no cenário da sociedade financeira. Porém, poucos são os privilegiados que têm esses recursos.

Na televisão vemos também o noticiário. Tomamos conhecimento de que o que ganham as duzentas pessoas mais ricas do mundo é igual ao que ganha quase 40% de toda a humanidade. Ao mesmo tempo, vemos cenas de fome e de dor no meio da riqueza! Indignados pelo sofrimento causado por essa desigualdade, automaticamente

compartilhamos essa angústia com os demais e, nesse instante, nos unimos à família humana. A solidariedade nos diz: pertencemos a um conjunto, a um todo. Somos um corpo único, onde cada parte sustenta a outra. Essa consciência nos faz pertencer à coletividade.

O que acontece a alguém, de alguma forma, acontece conosco ou se reflete na nossa vida. Daí surge o significado de solidariedade: sentimento que leva os seres humanos a se auxiliarem mutuamente, partilhando a dor com o outro ou se propondo a agir para atenuá-la.

A solidariedade nos distancia da angústia, do isolamento, e nos transporta para o aconchego do convívio: o chocolate quente compartilhado nas noites de inverno, o acalento da mãe ao choro da criança, o abraço amigo na perda de um ente querido. A solidariedade é a magia que nos faz pertencer a uma sociedade e não a uma multidão de vidas desagregadas. Queiramos ou não, temos os mesmos interesses, traçamos em conjunto a mesma história.

A solidariedade é, também, o alicerce que nos sustenta para enfrentar os conflitos que sempre fizeram parte da vida. Desacertos e sofrimentos estão presentes em todas as esferas: veja a terra árida após a queimada, os rios transbordando nas matas, a lava do vulcão petrificando os animais. A história da Terra, da humanidade, da nossa vida, é marcada por conflitos em diversas situações limites: doença, desemprego, desilusão amorosa, fracasso, morte e solidão. Cabe a cada um aprender a lidar com eles, apoiando e sendo apoiado por outros homens e mulheres.

É preocupante pensar que os meios de comunicação desviam nossa atenção da solução dos problemas sociais mais urgentes: as dificuldades para sustentar uma família, a educação das crianças, as filas nos hospitais. Redescobrir a solidariedade é perceber que não somos indivíduos sem vínculos. Fazemos parte da espécie humana. Somos amor, sonho, alegria. Dependemos de nossa comunidade. Estamos ligados à nossa história e a nossos descendentes. Somos herdeiros e agentes de cultura. Somos cidadãos do planeta Terra.

Temos pela frente o desafio de estar atentos a problemas mais essenciais de nosso tempo e de nossas vidas. É o momento de perguntar: estamos realmente envolvidos com os problemas sociais e ambientais? Lucro ou beleza equivalem a felicidade? Sou solidário com as pessoas, preocupado com a sociedade ou penso mais nos meus interesses pessoais? Estou disposto a ajudar pessoas de cor, nível social e religião diferentes?

Movidos pelo sonho de continuar ajudando, enquanto houver uma só pessoa necessitada, vamos nos lembrar de quatro saberes importantes para deixarmos de ser SOLITÁRIOS e nos tornarmos SOLIDÁRIOS:

ALIENAÇÃO • Estamos nos acostumando com as injustiças e criamos uma espécie de apatia coletiva que nos impede de agir para viabilizar um mundo melhor. Toda ação é válida, não importa quão pequena ela seja.

SAÚDE COLETIVA • Cada habitante da Terra desempenha seu papel na saúde do mundo. Não podemos dar as costas aos milhões que sofrem.

RIQUEZA E POBREZA • Os recursos do planeta seriam suficientes para preencher as necessidades de todos os habitantes, desde que distribuídos com justiça. Desperdiçamos toneladas de alimentos e milhões passam fome.

PODER PESSOAL • Nossas atitudes podem ser transformadoras para o meio que nos cerca. Como uma alavanca que impulsiona um mecanismo, podemos gerar um poderoso movimento por meio de nossas atitudes. Seremos, então, co-protagonistas no palco de nossa história.



ATIVIDADE MODELO

Navegar é (im)possível... para todos!

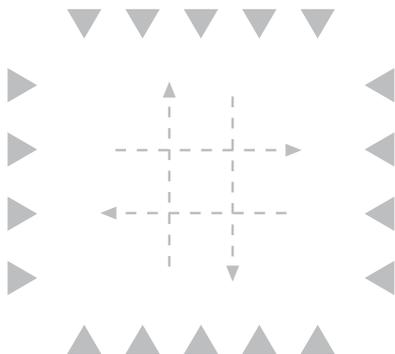
Percebe-se o poder de realização coletiva quando saltamos do individualismo para a consciência da cooperação. E estimulamos a criatividade, a empatia, o diálogo grupal, o apoio mútuo, a confiança, a organização "caótica", a resolução de problemas e a disposição para realizar o (im)possível.

O B J E T I V O C O M U M

Navegar do "porto seguro" para o "ponto futuro"... todos juntos!

P A R T I C I P A Ç Ã O

O grupo é organizado em pequenos "barcos" (times) com aproximadamente o mesmo número de participantes. O ideal é formar quatro times. Cada barco é composto por "tripulantes" (pessoas), sentados cada um numa cadeira, lado a lado. Os barcos são posicionados para formar o "porto seguro" (como os lados de um grande quadrado, porém deixando os cantos mais espaçados). Um barco não encosta no outro. E todos os barcos ficam voltados para o centro do quadrado.



E S P A Ç O

Um salão amplo ou ao ar livre.

M A T E R I A L

- Uma cadeira (sem braços e em boas condições) para cada participante.
- Aparelho de som.

C O M O S E F A Z

É importante criar uma atmosfera lúdica desde o início. Para isso, pode-se criar um enredo, um cenário adequado ao momento. Por exemplo, imaginando um grupo de velejadores sendo desafiado a realizar diferentes manobras para aperfeiçoar suas competências de navegação.

1º. Desafio • Viagem

Cada barco deverá sair de seu porto seguro (posição de partida) e chegar no "ponto futuro". Isto é, navegar para o outro lado do quadrado, imediatamente à frente de cada respectivo barco. Todos os tripulantes devem chegar levando o próprio barco (as próprias cadeiras).

Quando todos os barcos alcançarem seu ponto futuro, o desafio é vencido por todos!

Condições de navegação

Imaginando que todo o piso do ambiente corresponde às águas de um oceano muito frio e povoado por tubarões, todos os barcos deverão navegar respeitando duas condições:

- nenhuma parte do corpo pode tocar a água (o piso). Incluindo calçados, roupa e qualquer outro tipo de material. Afinal, a água é muuuito fria e cheia de tubarões!!!

- O barco (as cadeiras) não pode ser arrastado.

2º. Desafio • Novo percurso

Depois de todos os barcos terem alcançado o ponto futuro e celebrado essa conquista, desafiamos o grupo, como um único time, a se posicionar em ordem alfabética... respeitando as mesmas condições de navegação.

Comemoração

Um aspecto fundamental do jogo é a comemoração de cada "pequena grande" realização do grupo. Ao final do segundo desafio, convida-se todos os tripulantes (que a essa altura, provavelmente, estarão em pé sobre as cadeiras) a dar as mãos e mergulhar no oceano... agora com as águas aquecidas pelo calor compartilhado durante toda a navegação (im) possível!

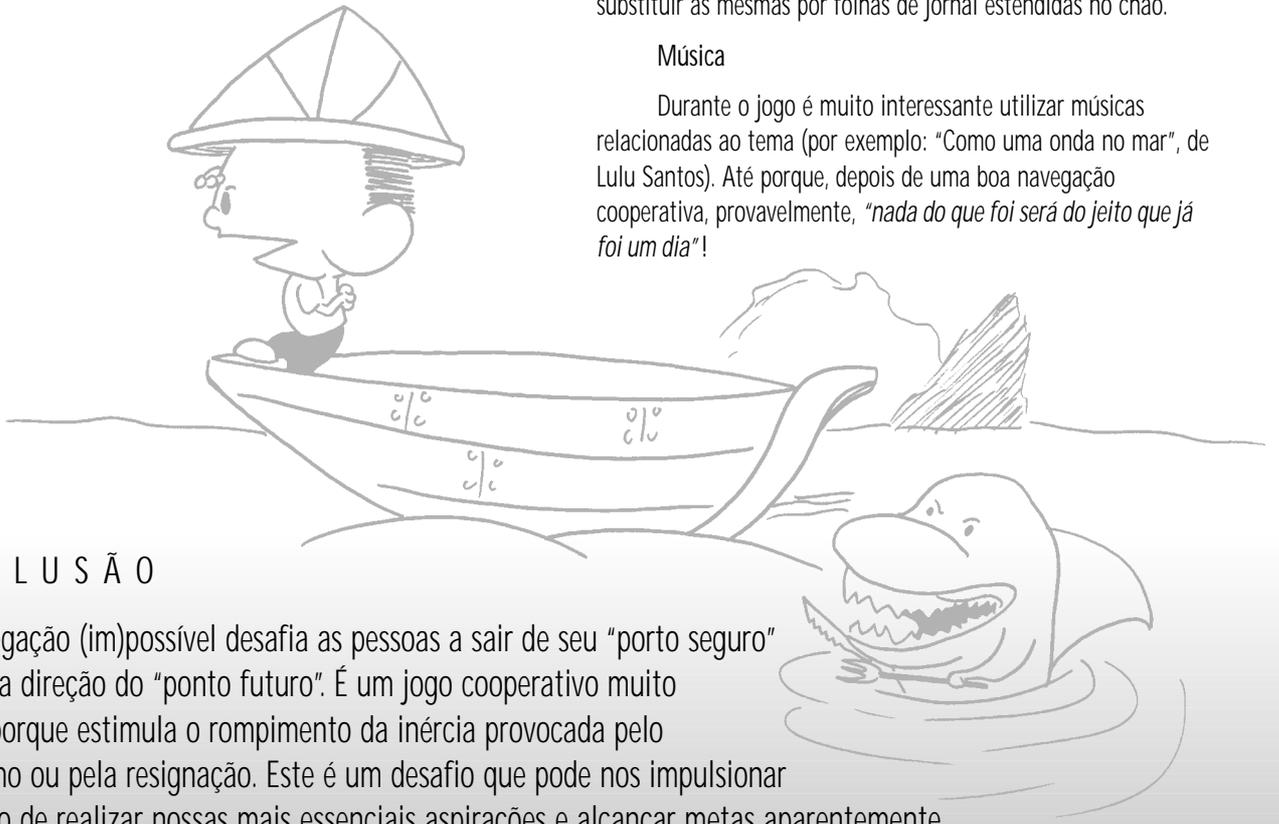
Variação

Pode-se colocar alguns obstáculos ("rodamoinhos", "piratas", "furacões" etc.), inventar diferentes características de tripulação (vendar, amordaçar ou amarrar braços e pernas). Para facilitar o desafio para grupos mais jovens ou, na falta de cadeiras, pode-se substituir as mesmas por folhas de jornal estendidas no chão.

Música

Durante o jogo é muito interessante utilizar músicas relacionadas ao tema (por exemplo: "Como uma onda no mar", de Lulu Santos). Até porque, depois de uma boa navegação cooperativa, provavelmente, *"nada do que foi será do jeito que já foi um dia"*!

38



C O N C L U S Ã O

Esta navegação (im)possível desafia as pessoas a sair de seu "porto seguro" e partir na direção do "ponto futuro". É um jogo cooperativo muito potente porque estimula o rompimento da inércia provocada pelo comodismo ou pela resignação. Este é um desafio que pode nos impulsionar na direção de realizar nossas mais essenciais aspirações e alcançar metas aparentemente (im)possíveis... desde que naveguemos orientados pela bússola da cooperação.

caderno de Atividades

jogos p. 41

dinâmicas de grupo p. 48

música p. 52

teatro e jogos dramáticos p. 57

filmes p. 61

contar histórias p. 66

espaço de Leitura p. 76

artes manuais p. 79

culinária p. 84

meios de comunicação p. 89



dicas valiosas

Motivar as pessoas para construir um mundo melhor exige dedicação, entusiasmo e alguns cuidados na preparação das atividades. Veja como fazer isso com seu grupo.

Ler os pontos do Manifesto 2000 é o primeiro passo para a compreensão dos objetivos das atividades. E para planejar os trabalhos e brincadeiras com mais tranquilidade e segurança. Como monitor, você pode ler os textos primeiro sozinho e depois discutir com o grupo.

Nas próximas páginas, você vai ver dicas de como realizar atividades de diversos tipos como filmes, teatro, jogos cooperativos. Vai encontrar, também, “receitas” de como fazer algumas coisas. Mas sua participação não precisa limitar-se a copiar e reproduzir essas sugestões. Use a criatividade: novas idéias são sempre bem-vindas!

É interessante que a equipe envolvida na organização das atividades dos finais de semana se encontre, de vez em quando, para avaliar o processo, estudar os materiais de apoio. Enfim, criar um pequeno núcleo de estudos sobre Cultura de Paz otimiza e sintoniza o trabalho de todos.

Um evento que trabalha a Cultura de Paz deve ter uma atmosfera de paz. E são as pequenas coisas que compõem um clima agradável, que animam as pessoas para trabalhar em cooperação e respeito mútuo. Por isso, procure estimular o grupo a manter o ambiente limpo e organizado, decorado com motivos de paz, mensagens, frases edificantes, fotos de pessoas que dedicaram suas vidas para a construção de uma Cultura de Paz.

As atividades durante os finais de semana devem ser construídas da forma mais participativa possível. Quanto mais a comunidade participar, maior será sua contribuição para o aprimoramento da proposta.

O espaço das escolas pode ser dividido em vários “cantinhos” com atividades diferentes e simultâneas: cantinho dos trabalhos manuais, da leitura, da música... E de todas as outras sugestões que possam surgir!

Nada mais gratificante do que decorar o ambiente com os artigos produzidos pela comunidade durante as atividades. Todos vão se sentir prestigiados e vão participar com mais vontade.

Um jornal-mural na escola pode ser um bom meio de comunicação entre comunidade, alunos e organizadores do projeto. Pode trazer notícias sobre os acontecimentos, fotos das reuniões, mensagens, novas idéias, pesquisas etc.

Pode-se aproveitar as reuniões para articular eventos e ações que aproximem as pessoas da comunidade: feiras de troca de roupas, objetos ou livros, sessões de cinema (vídeo), palestras sobre temas de interesse da comunidade, campanhas e ações de solidariedade, exposições e mostras dos trabalhos realizados.

Deve-se fazer avaliações constantes das atividades e do projeto. Os organizadores podem aplicar questionários, organizar painéis de avaliação usando carinhas ☺ ☹ ou criar outros métodos de sentir a “resposta” ao trabalho e, desse modo, fazer as correções de rumo necessárias. Nem tudo sai exatamente como planejamos. É fundamental ter consciência de que os erros e desacertos também são importantes no processo.

É comum existir divergências nas equipes de trabalho. Lembre-se do diálogo e da tolerância para dar continuidade a esse projeto tão importante.

jogos

Nestes jogos, chamados cooperativos, é importante deixar claro para todos os participantes que:

- Não há seleção dos melhores porque cada um é vital para o jogo do momento.
- Não há primeiro nem último lugar porque o lugar que ocupamos é nosso lugar comum.
- Não há vencedores nem perdedores porque jogamos para VenSer, para vir a Ser quem somos plena e essencialmente.
- Não há adversários porque somos todos parceiros de uma mesma jornada.
- Não há troféus, medalhas ou outras recompensas porque já ganhamos tudo o que precisávamos ter... para saber que a verdadeira conquista é poder continuar jogando uns com os outros, ao invés de uns contra os outros.



ATIVIDADES

Golfinhos e sardinhas



Nesse jogo todos têm a oportunidade de exercer o poder pessoal e grupal sobre a vivência que estão compartilhando. É um pega-pega muito parecido com os vários já conhecidos, senão por uma pequena mudança capaz de promover grandes transformações. A brincadeira propõe o exercício do livre-arbítrio, da tomada de decisão, da iniciativa para correr riscos e da aventura de compartilhar a liberdade.

OBJETIVOS — Pegar e escapar. Salvar quem foi pego, ou não. Decidir continuar o jogo ou terminar com ele.

PARTICIPAÇÃO — Um grande grupo. Crianças a partir de 7 anos.

ESPAÇO — Lugar amplo, dividido por uma linha central.

COMO SE FAZ — O jogo se baseia no pega-corrente. Todos os participantes, menos um, ficam agrupados numa das extremidades do espaço. Esse é o "cardume de sardinhas". Aquele que está separado das sardinhas é o "golfinho" e ficará sobre uma linha demarcada bem no centro do "oceano", que é o espaço do jogo. O golfinho só pode se mover para os lados, e sobre essa linha. As sardinhas têm que passar para o outro lado do oceano (linha central) sem serem pegas pelo golfinho. Este tem que pegar o maior número possível de sardinhas, bastando tocá-las com a mão.

Toda sardinha pega transforma-se em golfinho e fica junto com os demais golfinhos sobre a linha central. Lado a lado e de mãos dadas, vão formando uma corrente de golfinhos. Somente quem está nas extremidades da corrente pode pegar. O jogo prossegue assim até que a corrente de golfinhos ocupe toda a

linha central. Quando isso acontecer, a corrente poderá sair da linha e se deslocar por todo o oceano para pescar as sardinhas.

Quando a quantidade de golfinhos na corrente for maior que a de sardinhas restantes, as sardinhas poderão salvar os golfinhos que desejarem ser salvos. Como? Basta a sardinha passar por entre as pernas do golfinho que ele se solta da corrente e vira sardinha de novo.

VARIAÇÃO — Formar mais que uma corrente de golfinhos. Experimente, também, diferentes formas para salvar os golfinhos: coçar a cabeça dele, dar um abraço etc.

DICAS — Observar o cuidado com a integridade física uns dos outros, particularmente quando as sardinhas tentam passar pelo meio da corrente de golfinhos. Os participantes devem descobrir formas saudáveis para jogar. Decidir salvar um golfinho é uma aventura de confiança. Estimular o exercício da solidariedade, da cumplicidade e do altruísmo nos jogos ajuda a viver essas e outras competências cooperativas em outros “oceanos” da vida.

Pessoa pra pessoa

Para cooperar, precisamos nos aproximar mais uns dos outros e da gente mesmo. Jogar diminui a distância e desfaz as barreiras que nos distanciam.

OBJETIVOS — Despertar a atenção e o tempo de reação. Diminuir a distância entre as pessoas e promover o contato. Desfazer preconceitos e incentivar a criatividade. Exercitar a liderança circular.

PARTICIPAÇÃO — Um único grupo, sem limite de participantes, mas composto por um número ímpar de pessoas.

ESPAÇO — Lugar aberto ou fechado, compatível com o número de participantes e livre de obstáculos.

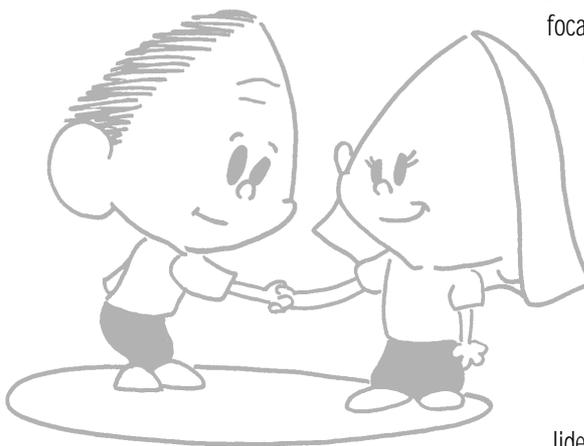
COMO SE FAZ — Inicia-se incentivando as pessoas a caminhar livre e criativamente pelo ambiente: andar com passo de gigante, de formiguinha, como se o chão estivesse pegando fogo, com um tique nervoso etc. Depois de poucos minutos, alguém (chamado “focalizador”) indica, em voz alta, duas partes do corpo: mão na testa, dedo no nariz, orelha com orelha, cotovelo na barriga etc. Então todos devem formar duplas e tocar, um no outro, as partes indicadas, o mais rápido possível! Por exemplo: se a indicação for “mão na testa”, cada pessoa deverá encontrar um par e tocar com a mão na testa do outro e vice-versa.

Quando todos estiverem em duplas e se tocando, o focalizador reinicia o processo, propondo a caminhada livre e criativa. Após duas ou três dessas combinações o focalizador diz em voz alta o nome do jogo: Pessoa pra pessoa. Nesse momento, todos — inclusive o focalizador — devem formar uma nova dupla e abraçar um ao outro, bem agarradinho para garantir o encontro.

Com a entrada do focalizador diretamente no jogo, alguém ficará sem par. E o que fazer com quem sobra? Diferente dos jogos convencionais, aquele que sobra não será castigado, nem excluído. Quem sobra vira focalizador e reinicia o jogo servindo ao grupo, ao invés de ser servido por ele.

VARIAÇÃO — Propor contatos em trios, quartetos, ou em grupos maiores.

DICAS — este jogo trata de dois aspectos fundamentais da cooperação: contato (toque) e liderança. Trabalha a questão do poder de um modo lúdico e muito eficaz, propondo exercitar a aproximação e a empatia num ritmo gradativo e que respeita a integridade pessoal e grupal.



Rebatida

Este jogo é uma combinação de várias atividades (coelhinho sai da toca, taco, base 4, entre outras). É um jogo muito ativo, envolvente e favorece a integração, a ajuda mútua, a desinibição, a atenção, a agilidade, a disposição para “trocar de lugar” e muita, muita diversão.

OBJETIVO — Rebater a bola e ocupar as “bases”.

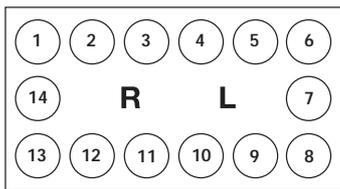
PARTICIPAÇÃO — A partir de 7 anos, grupos de 20 a 40 participantes, organizados em duplas ou trios.

ESPAÇO — Uma quadra de vôlei ou equivalente. Desenhar bases (círculos com 1m de diâmetro) equidistantes, ao redor da quadra. A quantidade de círculos é igual ao número de duplas ou trios, menos um (ex.: 15 duplas e 14 círculos). As bases devem ser numeradas.

MATERIAL — Giz, 1 bola de plástico média e 1 “bastão” (cabo de vassoura).

COMO SE FAZ — Escolhe-se uma dupla para ser a dupla de rebatedor (R) e lançador (L), com bastão e bola, respectivamente. Essa dupla fica no centro da quadra, distantes um do outro, aproximadamente, quatro metros. As demais duplas entram nas bases, verificando o número correspondente à base em que

entraram. O jogo começa com o lançador arremessando a bola para que seu parceiro, o rebatedor, faça a rebatida. Logo que a rebatida for feita, o rebatedor grita (grita mesmo!) o número de qualquer uma das bases (ex.: 10!!!).



A dupla que estiver na base indicada deve ir buscar a bola e, depois, com a bola, tentar entrar em qualquer base. Enquanto isso, as demais duplas devem trocar de base, simultânea e aleatoriamente. Inclusive a dupla de lançador e rebatedor. Como há uma base a menos, a dupla que ficar sem base passa a ser lançador e rebatedor. Todos permanecem com o mesmo parceiro e recomeça a jogada.

VARIAÇÃO — Após a rebatida, pode-se trocar de parceiros antes de entrar numa nova base. Todos, com exceção da dupla que vai buscar a bola. Essa dupla permanece junta. Também é divertido correr com as mãos dadas, menos a dupla que vai buscar a bola. Ou substituir a rebatida com o bastão por regras de outra modalidade esportiva (ex: o lançador passa a bola com o pé e o rebatedor chuta para o gol ou para um alvo pré-estabelecido).

Voleibol infinito

É um jogo de vôlei para promover o respeito e a confiança mútua, a harmonização de ritmos pessoais e a coordenação de esforços para atingir uma meta comum.

OBJETIVO — Realizar o maior número de lançamentos consecutivos.

PARTICIPAÇÃO — A partir de 7 anos, 20 participantes organizados em dois grupos iguais.

ESPAÇO — Uma quadra de vôlei e rede, ou similar (ex.: um pátio com uma corda).

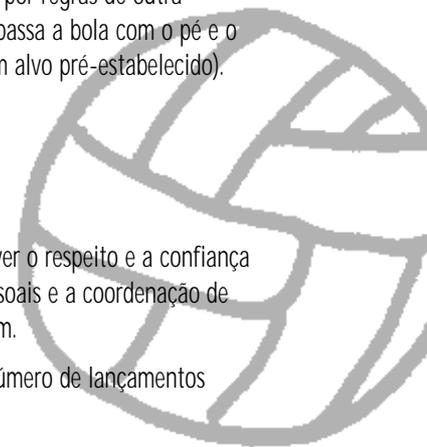
MATERIAL — bolas de vôlei ou bola de plástico bem grande.

COMO SE FAZ — Joga-se como um jogo de vôlei convencional, porém com o objetivo de realizar o maior número de passes possível sobre a rede, dentro de um tempo determinado.

VARIAÇÃO — Dependendo do grupo, permitir que a bola toque uma vez no chão. Para manter o desafio e estimular o interesse em grupos mais experientes, pode-se utilizar mais que uma bola ao mesmo tempo. Ou bolas com tamanhos variados. É possível também realizar inversões: aquele que lançar a bola para o outro lado da quadra troca de lado também.

DICA LEGAL

Jogando o vôlei infinito exercita-se a liderança grupal e aprende-se a conquistar objetivos comuns com muito mais eficiência, economia e alegria.

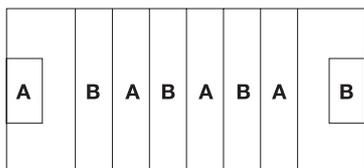


Um time “zoneado”

Partindo do *handbol*, este jogo é literalmente uma “zona”. Todos jogam dentro de uma “zona” determinada e promovem uma interação muito dinâmica, com participação total e sem fronteiras. Todos percebem que são um só time.

OBJETIVO – Marcar gols e defender.

PARTICIPAÇÃO – A partir de 7 anos, grupos de 16 participantes (ou mais), distribuídos em duplas (ou trios) nas zonas da quadra.



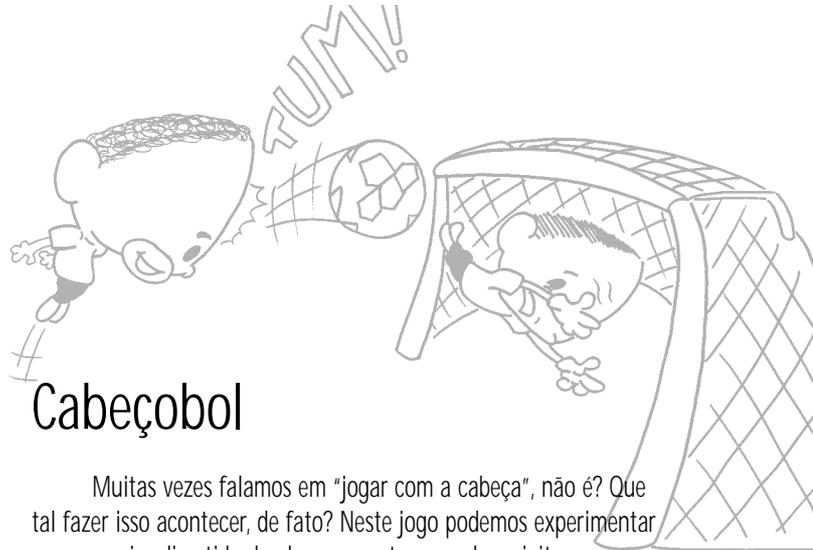
ESPAÇO – Uma quadra de *handbol* ou similar (um pátio com gols improvisados), dividida em 8 zonas A e B, demarcadas conforme o desenho ao lado.

MATERIAL – 1 bola de *handbol*

COMO SE FAZ – Os participantes são distribuídos pelas 8 zonas, dois (ou três) em cada uma delas. Só podem jogar dentro da zona que ocupam no momento. O time A deve tentar fazer gol no time B e vice-versa. A bola deve ser passada para a zona seguinte mais próxima correspondente ao respectivo time. Feito o gol, faz-se um rodízio e todos trocam de zona, passando para a próxima. Por exemplo: a dupla que estava no gol da zona B, vai para o gol da zona A, “empurrando” a dupla que estava no gol da zona A para a próxima zona B. Esta empurra a dupla que ocupava essa zona B para a próxima zona A, e assim sucessivamente até completar a troca lá na zona do gol B. Então reinicia-se o jogo.

VARIAÇÃO – Pode-se utilizar duas bolas simultaneamente. Ou aumentar o número de participantes em cada zona, menos no gol. Ou retirar gradativamente as zonas, até chegar ao jogo sem zonas.

DICAS – Ao final do jogo, todos os participantes terão passado tanto pela zona A como pela zona B. Portanto, pergunta-se: quem é o time A e quem é o time B? E quem venceu o jogo? Todos são um só time!



Cabeçobol

Muitas vezes falamos em “jogar com a cabeça”, não é? Que tal fazer isso acontecer, de fato? Neste jogo podemos experimentar uma maneira divertida de alcançar metas e explorar jeitos diferentes de fazer uma mesma coisa.

OBJETIVO – Fazer gols de cabeça.

PARTICIPAÇÃO – A partir de 10 anos, grupos com 20 participantes ou mais.

ESPAÇO – Uma quadra de futsal, *handbol*, campo de futebol ou um pátio com gols adaptados.

MATERIAL – 2 bolas de vôlei ou similares.

COMO SE FAZ – Pratica-se este jogo baseando-se no *handbol* convencional, porém podendo incluir a participação de duas equipes com número mais ampliado de jogadores. A diferença principal é o uso da cabeça para fazer o gol. Só é válido o gol feito de cabeça quando for resultante de um passe. Isto é, não é permitido lançar a bola para o próprio jogador cabecear. Os jogadores do time que defende, quando dentro da área, só podem interceptar um passe ou uma cabeceada para o gol sem o uso das mãos ou dos braços. A defesa dentro da área usa apenas outras partes do corpo que não braços e mãos. Não há goleiros.

VARIAÇÃO – Colocar mais que uma bola e mais que dois gols no mesmo jogo.

DICA LEGAL

Incentive a construção de regras para o contato físico acontecer de modo sadio. Ou seja, só é permitido interceptar passes e não “roubar a bola” da mão do outro.

Multiesporte

É uma combinação de várias modalidades dentro de uma mesma atividade. Reunimos o basquete, o vôlei, o futsal e o *handbol* para estimular a inclusão de todos, respeitando individualidades, competências e a liberdade de escolha. É um jogo onde a atenção de todos está mais focalizada no processo e nem tanto no resultado final.

OBJETIVO – Marcar pontos e defender. Aperfeiçoar a habilidade de se organizar em grupo.

PARTICIPAÇÃO – A partir de 12 anos, grupos de 14 a 20 participantes, reunidos em dois times.

ESPAÇO – Uma quadra poliesportiva ou similar (um pátio com gols, cestas e rede improvisados).

MATERIAL – 1 bola de *handbol*, 1 de basquete, 1 de vôlei e 1 de futsal.

COMO SE FAZ – O jogo se utiliza das regras convencionais das modalidades envolvidas. A idéia é fazer circular as quatro modalidades, sucessivamente, durante o tempo todo. Isto é, começa-se a jogar basquete, em seguida futsal, depois vôlei e por último *handbol*. Dai recomeça o basquete... O primeiro passo, depois de estabelecida a ordem das modalidades, é incentivar cada time a se organizar internamente para definir a composição dos “pequenos times” e para se prepararem, o melhor possível, para o momento da troca de modalidades.

O multiesporte começa e, assim que se faz um ponto (cesta, gol etc., dependendo da modalidade), troca-se de modalidade. Para isso, basta trocar a bola do jogo. Os dois times devem se reorganizar rápido, pois o jogo não pode parar. Logo após a reorganização dos times e da troca da bola, o jogo prossegue.

VARIAÇÃO – Pode-se experimentar duas modalidades acontecendo simultaneamente.



DICA LEGAL

É muito comum, ao final do jogo, que os participantes não se lembrem do placar, uma vez que existiram tantos outros desafios pessoais e grupais (mudança de modalidades, organização dos pequenos times etc.). Cada participante terá jogado em pelo menos uma das modalidades e todos terão tido a experiência de vencer juntos.

Queimada invertida

Algumas pessoas têm aversão por jogos, medo de bola... traumas tatuados na infância jogada não-cooperativamente. Que jogos podem ajudar a dissolver essas marcas e a soltar essas travas? Que tal reviver a queimada com a renovação que o jogo cooperativo pode trazer?

OBJETIVO – Queimar e evitar ser queimado.

PARTICIPAÇÃO – A partir de 7 anos. Inicialmente, organizar dois grandes grupos.

ESPAÇO – Quadra, pátio ou gramado demarcado como um grande retângulo.

MATERIAL – 1 bola de plástico ou de meia.

COMO SE FAZ – Joga-se como em uma queimada convencional, com uma pequena mudança. Quando existir mais que dois participantes na zona do “morto” (“coveiro”, “queimado” etc.), o primeiro que chegou ali retorna para o campo de jogo trocando de time, ao invés de voltar para o seu próprio grupo.

VARIAÇÃO – Alternar homens e mulheres, jogar com duas bolas ao mesmo tempo. Dependendo do grau de habilidade motora e de competência cooperativa, pode-se propor utilizar apenas a mão não-dominante (destro joga com a esquerda, canhoto joga com a direita) para queimar.

DICA LEGAL

Mesmo sendo arquitetado na cooperação, o jogo não garante que todos serão cooperativos. Aliás, o jogo cooperativo não garante cooperação, mas visa ampliar as chances para que a cooperação aconteça.

Nesse jeito de jogar é mais provável exercitar o respeito mútuo, a consideração pela integridade do outro e a empatia, uma vez que “o jogador do outro time, o adversário, mais cedo ou mais tarde será jogador do meu time, meu solidário”.

Eco-nome

Os índios ianomâmis têm pelo menos dois nomes. Um deles é sagrado e, por isso, muito respeitado. Eles acreditam que ao pronuncia-lo a alma é tocada. E para que serve o outro nome?



Serve para aproximar uns dos outros e... se divertir!

PARTICIPAÇÃO — Um grande grupo sem limite de integrantes.

ESPAÇO — Local que comporte um círculo feito pelos participantes.

COMO SE FAZ — Forma-se um círculo para que todos sejam vistos e ouvidos. Cada um de uma vez fala o nome completo e conta um pouquinho da história do seu nome: quem escolheu; qual a origem, o significado. E o sobrenome, de onde vem? O

grupo pode ajudar. Depois, escolhe-se um nome para o grupo. Como o grupo gostaria de ser chamado? Com o quê acha que se parece?

Mas, antes disso, que tal “ver” o nome de cada um ser “mostrado” pelos outros? Pode-se fazer assim: uma pessoa do grupo vai ao centro do círculo, fala o primeiro nome em voz (bem) alta e, simultaneamente, faz um movimento qualquer que expresse como se sente nesse momento. Depois volta para seu lugar. Então todo o grupo vai para o centro do círculo repetir o nome e o movimento dele. Depois da apresentação de todos, o grupo escolhe um nome e um movimento para o grupo. Se houver necessidade pode-se fazer sugestões como combinar a letra inicial do primeiro nome de cada participante.

DICAS — Algumas vezes, acontece um certo intervalo entre uma e outra apresentação. Mas, assim como as pausas fazem parte de uma música, devemos aprender a integrar o silêncio e a respeitar o ritmo de cada um em nossos jogos.

Tato Con-tato

Dizem que certo dia perguntaram para Michelângelo: “Como você consegue esculpir obras tão maravilhosas a partir de um bloco de mármore?” E ele respondeu: “Eu simplesmente tiro os excessos. Porque quando olho para o bloco de mármore vejo nele a obra completamente refletida, pronta”. Este é um jogo para tocar, com tato, a “essência” que há em cada um de nós. É um t(r)ocar, de coração a coração.

OBJETIVO — O “escultor” deve passar a “imagem” para o “bloco de mármore”.

PARTICIPAÇÃO — Joga-se em trio. Um como escultor, outro como imagem e o terceiro como bloco de mármore. Todos permanecem de olhos fechados, do início ao fim do jogo.

COMO FAZER — A imagem assume uma pose, como uma estátua que transmita para o grupo algo de sua essência. O escultor sente a imagem, tocando-a com tato, percebendo-a em todas as suas nuances (postura, expressão facial, temperatura,

aromas e outras sensações), tornando-se “um” com ela. Em seguida, passa o que ele percebeu, por meio do contato, para o bloco de mármore. Por sua vez, o bloco se entrega ao escultor para receber a imagem. Quando o escultor conclui a obra, ele avisa e então todos podem abrir os olhos e desfrutar da beleza da criação. O processo se reinicia com a troca de papéis e o jogo prossegue até que todos tenham vivenciado os três diferentes papéis.

DICA LEGAL

Cada um deve aproveitar e tirar os próprios excessos. Perguntar a si próprio e libertar sua criatividade: O que está em mim que não serve mais? Será que faço coisas que não têm a ver comigo? Aliviado dos excessos, fico mais leve. Para onde posso ir agora?

Olhos de águia

Este é um jogo com um final surpreendente. Os participantes ficam um de frente para o outro, bem pertinho, quase tocando nariz com nariz. Quase, hein! E, como se fossem lindas águias, fazem contato um com o outro, pelo olhar. Trocam desejos de viajar e encontrar algo especial, sem palavras. Apenas pelo olhar.

OBJETIVO — Permanecer durante todo o tempo com olhos nos olhos. Assim se saberá sempre de onde partir e para onde ir.

PARTICIPAÇÃO — Duplas

COMO SE FAZ — Mantendo olhos nos olhos, os participantes iniciam um “vôo” se movendo devagarinho, em câmera lenta. Começam dando um passinho para trás... mais um. Depois, um grande passo para a esquerda, dois passos para trás... Não importa a distância, deve-se manter o contato de olhos. Um pulo para a direita. E uma cambalhota... Pronto, chegaram! Olhando para o parceiro, a pessoa pergunta para si mesma: O que estou vendo? Como estou me sentindo? Para que vim, qual meu propósito? Os participantes refazem os movimentos de volta, sem pressa: uma cambalhota, um pulo para a esquerda, dois passos para frente, um grande passo para a direita, um passinho para frente, mais um passo e... estão de volta! Os dois se olham, a si mesmos e ao outro.

Percebem o encontro. Compartilham a viagem: alguma coisa mudou? Há algo diferente desde a partida no início do jogo? Agora ambos podem fazer o que der vontade e desfrutar da emoção de uma feliz reunião.

Cadeira livre

Às vezes imaginamos que ocupar o nosso lugar no mundo implica tirar o lugar de outro e vice-versa. Mas como no grande “jardim da vida” há espaço para todos, podemos nos divertir trocando de lugares uns com os outros.

OBJETIVO — Ocupar a cadeira vazia ao lado.

PARTICIPAÇÃO — Um grande grupo, com crianças a partir de 7 anos.

MATERIAL — Cadeiras em quantidade equivalente ao número de participantes menos um.

COMO SE FAZ — Forma-se um círculo com as cadeiras. Todos se sentam voltados para o interior do círculo deixando, obviamente, uma cadeira livre. O jogo tem início com os participantes que estão sentados imediatamente à direita e à esquerda da cadeira livre disputando o assento. Aquele que sentar primeiro fica e fala em voz alta: “Eu sentei”. O outro volta para sua cadeira. Dando seqüência a esse primeiro movimento, os dois participantes mais próximos daquele que sentou na cadeira livre mudam um assento, indo na direção dele — como se fossem puxados por ele. Enquanto sentam, devem falar em voz alta, respectivamente: “...no jardim...” ; “...com meu amigo... Fulano” (chama pelo nome de alguém). O amigo chamado sai de seu lugar e vai se sentar ao lado daquele que o chamou, deixando a cadeira que ele ocupava livre. A partir daí, o jogo continua, repetindo todo o processo para ocupar a cadeira livre e completar a frase: “Eu sentei... no jardim... com meu amigo...”

VARIAÇÃO — Com muitos participantes pode-se usar mais que uma cadeira livre e incentivar trocas mais dinâmicas.

dinâmicas de grupo

48

Seres humanos estão sempre caminhando ao encontro de outros seres humanos. Na família, na escola, na turma da rua, no grupo religioso... Porém, muitas vezes, nesses encontros, algumas pessoas simplesmente “passam” pelas outras, sem prestar atenção.

Assim como precisamos fazer exercícios para manter o corpo em forma, também precisamos praticar o diálogo, “ouvir” realmente o que o outro está querendo dizer, para manter “em forma” a comunicação com quem está à nossa volta. Só assim podemos ter encontros verdadeiros e não passageiros. Só assim podemos trocar experiências, crescer juntos e mais: resolver problemas comuns, em busca de uma Cultura de Paz.

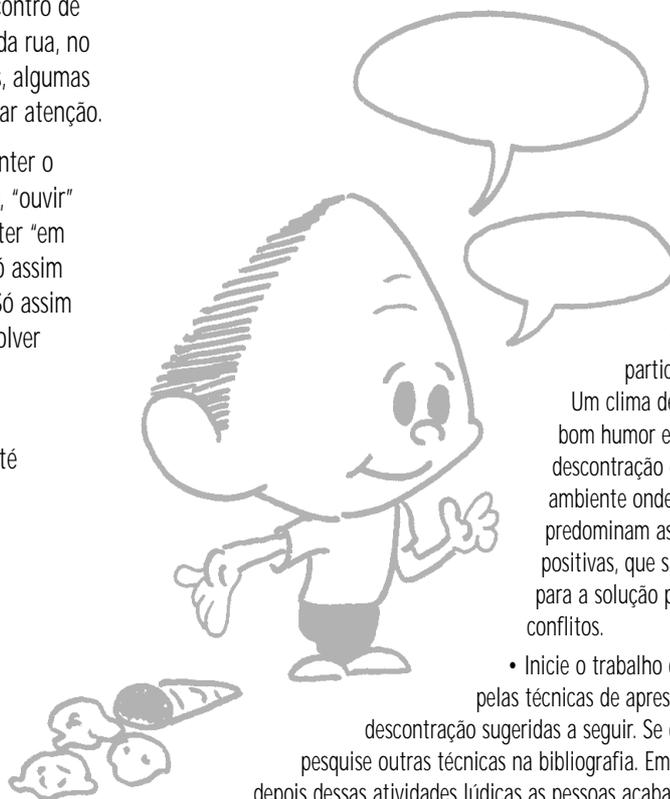
Ter o coração verdadeiramente aberto para essa interação, no entanto, não é nada fácil. Nós podemos até negar mas, no fundo, temos tantas resistências...! Algumas dinâmicas de grupo podem “dar uma força” nesse processo. Aqui estão sugestões de dinâmicas cujo objetivo não é só o encontro entre as pessoas. Mas também servem para levantar problemas vividos pela comunidade e ajudar a encontrar soluções.

Compartilhar experiências com pessoas diferentes nos lança um grande desafio: aproveitar a chance de preparar o terreno para que floresçam a solidariedade e a compreensão mútua.

DICAS PARA O ORGANIZADOR

Veja também as dicas sugeridas na atividade modelo do tópico OUVIR PARA COMPREENDER: Formando grupos de diálogo.

- É importante que o monitor das atividades seja amoroso e



receptivo
com os
participantes.

Um clima de alegria, bom humor e descontração cria um ambiente onde predominam as emoções positivas, que são a base para a solução pacífica de conflitos.

- Inicie o trabalho do grupo pelas técnicas de apresentação e descontração sugeridas a seguir. Se desejar, pesquise outras técnicas na bibliografia. Em geral, depois dessas atividades lúdicas as pessoas acabam se conhecendo e o grupo fica mais solto.

- Todos nós estamos precisando muito ser ouvidos. O ato de escutar o outro, seus sonhos e suas experiências é um exercício de generosidade. Portanto, fique “ligado” na importância de escutar o que estão dizendo.
- Apesar das divergências de pontos de vista e de valores (inerentes à condição humana) que podem surgir durante as atividades, a meta final é criar um ambiente onde predominem a cooperação, a comunicação, a tolerância às diferenças entre as pessoas.

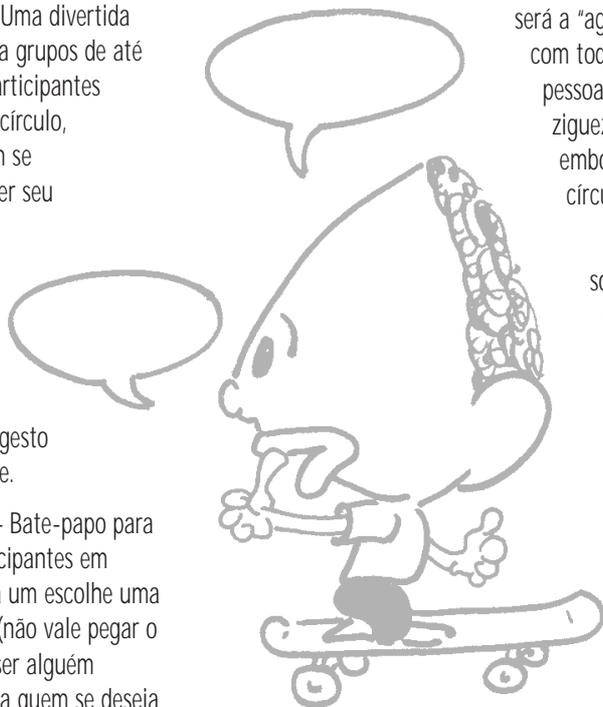
- Resolver os conflitos sem violência não quer dizer acabar com as diferenças de opinião. Isso não é possível. Nem é o que se quer, pois se perderia a riqueza que essas diferenças oferecem à experiência da humanidade.
- Na prática, porém, nem sempre as coisas acontecem como a gente prevê. Principalmente quando se lida com pessoas... Por isso, caso o monitor não tenha muita experiência no trabalho com grupos, é recomendável começar com grupos pequenos. O monitor também pode atuar em dupla, ao lado de um colega mais experiente.

Apresentação e motivação

Técnicas que ajudam a integrar o grupo e a “quebrar o gelo” entre pessoas que não se conhecem.

- **Gesto** — Uma divertida mímica, ideal para grupos de até 15 pessoas. Os participantes ficam em pé, em círculo, para que cada um se apresente. Ao dizer seu nome, a pessoa faz um gesto. O companheiro ao lado repete o gesto, diz seu nome, cria outro gesto e assim por diante.

- **Duplas** — Bate-papo para grupos com participantes em número par. Cada um escolhe uma pessoa do grupo (não vale pegar o amigo! Tem que ser alguém desconhecido ou a quem se deseja conhecer melhor) até todas as duplas estarem compostas. Então as duplas conversam durante cinco minutos.



Depois o monitor pede a todos que formem um círculo e cada um “apresenta” o colega, dizendo o seu nome e contando, em poucas palavras, o que ficou sabendo a respeito dele.

- **Cara metade** — Um jogo de procura, em que todo mundo fala com todo mundo. O material usado nesta apresentação deve ser preparado com antecedência. O monitor pode levar prontas ou produzir, com a ajuda do grupo, diversas figuras (animais, flores etc.) desenhadas em papel tipo cartolina. Depois, rasga-se cada figura em duas partes, coloca-se tudo dentro de um cesto ou saquinho. Então cada participante deve tirar um papelzinho e procurar quem está com a sua “cara metade”. O monitor dá cinco minutos para que as metades se apresentem e conversem. Depois todos dizem seus nomes.

- **Criando laços** — Brincadeira que descontraí e aproxima... de fato! Os participantes ficam em círculo, de mãos dadas. O monitor corta a roda em um ponto e uma das pessoas das pontas será a “agulha” que vai “costurar”. Os demais são o “fio”. Sempre com todos de mãos dadas, a “agulha” começa a “entrelaçar” as pessoas, passando por baixo dos braços atados e ziguezagueando pra lá e pra cá. Quando o grupo estiver bem embolado, o último começa a “desfazer” os nós, voltando ao círculo inicial.

- **Tempestade cerebral** — Além de promover a solidariedade no grupo, esta atividade gera muitas idéias ou soluções para problemas imaginários ou dificuldades vividas pela comunidade. Durante a dinâmica, é melhor evitar críticas e avaliações, até o momento oportuno. O exercício dura mais ou menos uma hora. Forma-se um grupo grande ou diversos grupos de seis pessoas. O monitor apresenta um problema a ser resolvido. Por exemplo: vai acabar a energia elétrica no bairro. Como podemos nos auxiliar uns aos outros?

O grupo tem 15 minutos para pensar em problemas engraçados, reais ou imaginários e dar suas sugestões. Mas atenção: não pode haver críticas durante toda a atividade. E quanto mais criativa e inusitada a solução, melhor! Deseja-se o maior número possível de idéias!

Passado o tempo estabelecido, o grupo faz a avaliação das idéias e escolhe as mais oportunas. Se houver vários grupos, o monitor pede que seja organizada uma lista única. Forma-se, então, o plenário. O objetivo é falar das melhores idéias e formar uma pirâmide cuja base serão as propostas mais viáveis. O monitor pode encerrar a atividade com uma reflexão sobre a importância do grupo na solução de problemas que parecem insolúveis, quando pensamos neles isoladamente.

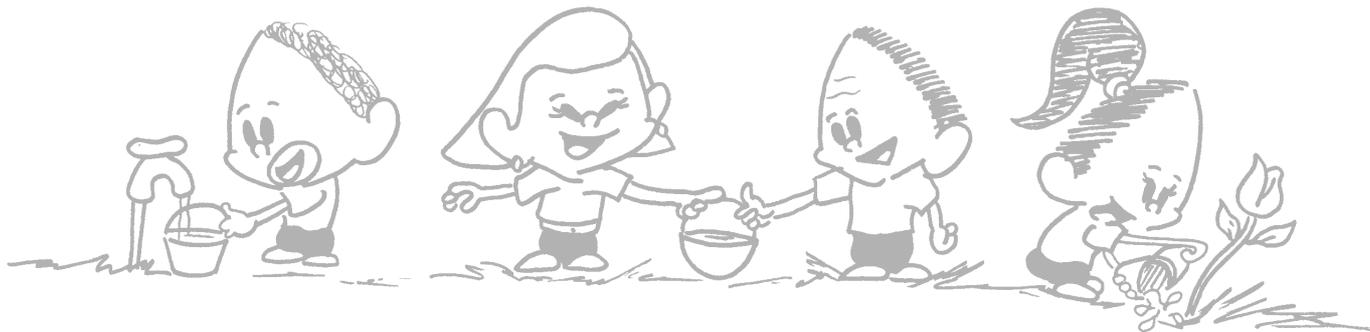
- Ilha deserta — Para desenvolver o espírito de solidariedade, a participação e a criatividade! Um grupo de pessoas fica no centro do círculo. O monitor explica que elas “acabam de chegar a uma ilha deserta”. Não sabem quanto tempo ficarão na ilha, pois não têm qualquer meio de transporte ou de comunicação. Então... o que fazer? É importante o monitor “deixar rolar a discussão”. Todas as idéias são válidas. O monitor só retoma a palavra quando o grupo chega a uma conclusão.



ATIVIDADES

Jogo da solidariedade

Antes de iniciar a atividade, o monitor coloca as cadeiras (em número par) formando um círculo. Debaxo do assento de algumas, coloca um papel descrevendo alguma atividade que deve ser assumida pelo ocupante da cadeira: cuidar de uma criança, alimentar um doente, ajudar um idoso a atravessar a rua, consolar uma pessoa triste etc. Quando todos os participantes estiverem sentados, o monitor pede que procurem os papéis debaixo de suas cadeiras. Os participantes formam duplas, que vão encenar as tarefas descritas.



Para encerrar, o monitor propõe uma discussão: como se sentiram? Em ocasiões mais tristes, procuramos ajuda ou isolamento? No dia a dia, qual é a nossa tendência: somos “solidários” com os outros ou preferimos ser “solitários” e nos isolar dos problemas e das pessoas? O monitor deve dar oportunidade às pessoas para falar de seus sentimentos sem serem julgados por isso.



Conte sua história

Uma situação da vida real pode servir de inspiração para a resolução não-violenta de conflitos no nosso cotidiano. Esta atividade permite que os participantes consigam avaliar, com distanciamento, uma situação de conflito vivida. O monitor pede que um ou mais participantes descrevam, em terceira pessoa, uma circunstância na qual testemunharam ou viveram diretamente um conflito. Quando a história atingir o ponto de conflito, pede que pare. O grupo, então, inventa novos finais de forma que a questão possa ser resolvida pacificamente. Depois, a pessoa que estava contando a história deve encerrar sua narrativa com uma dessas sugestões.

O monitor deve perguntar aos participantes se alguma idéia que surgiu durante a dinâmica pode ser útil no enfrentamento de

situações similares na vida cotidiana. Quais as conseqüências de um conflito resolvido pacificamente? E de um conflito resolvido pela violência?

Para encerrar, os participantes devem compreender que a paz, assim como as guerras, nasce de situações um pouco parecidas com essa. E que muitas vezes só precisamos de um pouco de calma e de criatividade para resolver as coisas de modo que todos saiam ganhando.

Violência e meios de comunicação

Os participantes relacionam programas de TV que assistiram durante a semana. Questões para discussão:

- Quais programas retrataram situações de violência? Quais retratam situações de paz?
- Estamos realmente conscientes da intensidade de violência que aparece nos meios de comunicação?
- Essa consciência muda nossa forma de assistir televisão? Selecionamos os programas que assistimos?
- A natureza humana é essencialmente amorosa, pois desde bebês precisamos de cuidados e de afeto para ter saúde física, emocional e espiritual. Por que, então, fala-se mais de violência do que de paz?
- Como cada um se sente ao testemunhar essas situações de violência repetidamente? Quais as influências dessas imagens em nossa saúde individual, familiar e coletiva?

A paz vale a pena

Os participantes se lembram de uma situação difícil, em suas vidas ou na de algum conhecido, que foi resolvida pelo diálogo, pela negociação, enfim, por métodos pacíficos. Um voluntário descreve uma situação. O monitor conduz o relato com as seguintes questões:

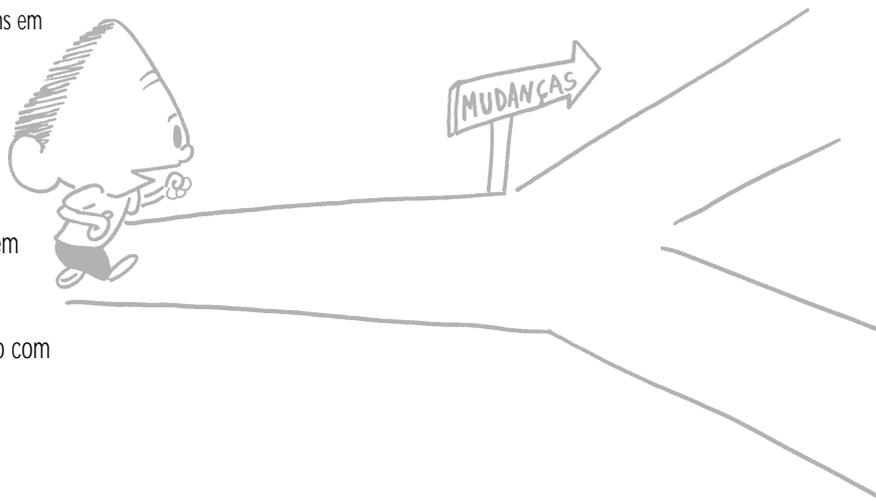
- Como a situação começou? Por que começou, quais fatos a desencadearam? Como poderia ser evitada? Como foi resolvida pacificamente? Quem saiu ganhando? O que podemos aprender com ela?

Mudança em ação

O monitor pede que cada participante pense em alguma atitude, praticada em seu cotidiano, que gostaria de modificar. Uma atitude prejudicial a si mesmo, ao outro ou ao meio ambiente. Por exemplo: fumar, jogar lixo na rua, brigar com o vizinho etc. O grupo deve se concentrar em várias situações onde essa ação se repetiu. E traçar por escrito, ou mentalmente, um plano de modificação dessa atitude.

Um voluntário relata seu plano de modificação de atitude para o grupo. Os participantes também podem dividir suas experiências em grupos menores. Após essa roda de diálogos, o monitor explica que a mudança de atitudes em direção à não-violência nem sempre é fácil.

O importante é dar o primeiro passo.



Música



52

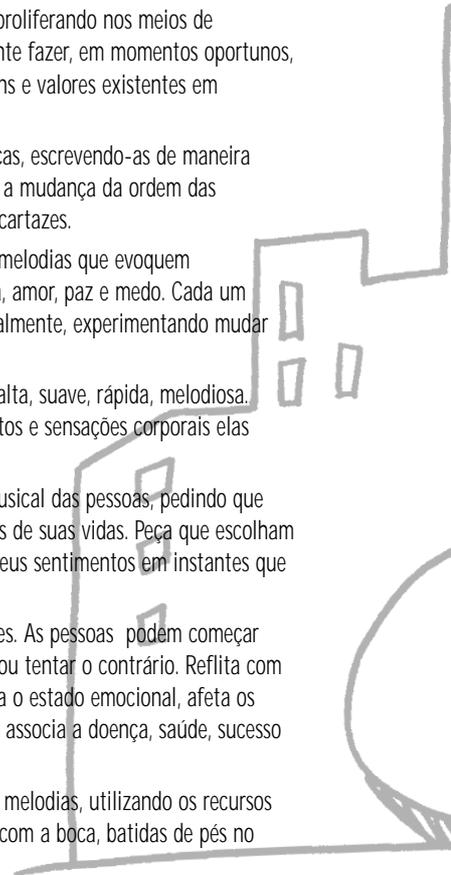
A música tem nos acompanhado desde nossas origens. Essa arte, que consiste na combinação de sons e tempo, é talvez a mais constante em nossas vidas. Nos acalenta em momentos de alegria e de saudade. A mãe canta para embalar o filho, cantamos e dançamos em nossas festas. Nossos ancestrais acompanharam seus ritos com música e cantos, criando melodias sagradas que nos encantam até hoje. Pela música expressamos nossa cultura e contamos nossa história. Com ela falamos de amor, vingança, saudades... Recordamos momentos que marcaram nossas vidas e nossos sonhos.

Entre as singularidades que distinguem o ser humano das demais criaturas, a música é, sem dúvida, um tesouro dirigido ao mais sublime do ser: sua sensibilidade. Talvez essa, que é a mais nobre faculdade humana, a faculdade de sentir, seja a melhor ponte de comunicação com nosso semelhante.

DICAS PARA O ORGANIZADOR

As possibilidades de trabalhar com a música são praticamente infinitas. Veja como as canções podem enriquecer as relações entre as pessoas, e até mesmo ser a base de atividades voltadas para a paz:

- Use a música como fundo para atividades ao ar livre ou durante oficinas e dinâmicas de grupo. Lembre-se que a mente reage imediatamente aos estímulos musicais. Uma música pode nos tornar agitados, irritáveis, vigorosos, calmos ou afetuosos. Por isso, escolha cuidadosamente as músicas para as atividades.
- Lembre as pessoas da importância do silêncio. Ele é fundamental para nos reabastecer, se vivemos imersos no barulho das grandes cidades. Podemos ensinar aos jovens que a pausa silenciosa é muito valiosa no meio da atmosfera ruidosa das escolas.
- Use música na abertura ou no encerramento de eventos, para despertar sentimentos durante uma palestra ou uma dinâmica. Pode-se, inclusive, eleger uma música que acompanhe os momentos mais marcantes do encontro.
- As músicas também podem ser dançadas: espontaneamente, em círculos e pares.
- Faça seu próprio repertório musical ou junto com a comunidade.
- Músicas de má qualidade estão proliferando nos meios de comunicação. Pode ser interessante fazer, em momentos oportunos, uma análise crítica das mensagens e valores existentes em diferentes repertórios musicais.
- Trabalhe com as letras das músicas, escrevendo-as de maneira visível em cartazes. Brinque com a mudança da ordem das palavras, alterando a ordem dos cartazes.
- Peça que as pessoas relacionem melodias que evoquem sentimentos de agitação, tristeza, amor, paz e medo. Cada um pode cantar essas músicas mentalmente, experimentando mudar de uma para outra.
- Toque diversos tipos de música: alta, suave, rápida, melodiosa. Pergunte ao grupo que sentimentos e sensações corporais elas provocam.
- Estimule o resgate da história musical das pessoas, pedindo que associem músicas com momentos de suas vidas. Peça que escolham músicas que combinem com os seus sentimentos em instantes que marcaram sua história.
- Pode-se cantar em tons diferentes. As pessoas podem começar com um tom baixo e ir subindo, ou tentar o contrário. Reflita com o grupo sobre como isso modifica o estado emocional, afeta os sentimentos, quais tons a pessoa associa a doença, saúde, sucesso ou alegria.
- Os participantes podem inventar melodias, utilizando os recursos sonoros que desejarem — ruídos com a boca, batidas de pés no



chão, batucada com objetos, latas etc. As melodias podem refletir um estado emocional. Por exemplo: fazer sons tristes ou alegres e passar de um para o outro.

- Peça aos participantes para escolherem uma tarefa rotineira, como limpar a casa, ir ao supermercado ou revisar contas. Sugira que simulem essas tarefas ao som de três tipos diferentes de música: rock, samba e música clássica. Pergunte como essas músicas alteram a maneira de realizar a tarefa.
- Os participantes podem fazer conjuntos musicais com materiais simples como latas, tábuas, papéis etc. e organizar apresentações na comunidade.



ATIVIDADES

Pesquisa baseada na obra *Como Usar a Música em Sala de Aula*, de Martins Ferreira.

John Lennon e a paz

O repertório de John Lennon fala de paz, cooperação e união entre povos e culturas. Ou seja, fala de um mundo mais acolhedor. Nas atividades pode-se trabalhar a letra da música "Imagine" e ainda de versões, como a feita por Toquinho, com o título "Imagem".

Eis algumas sugestões:

"Se o homem buscasse conhecer a si mesmo primeiramente, metade dos problemas do mundo estaria resolvido"

"Fico orgulhoso de ser o palhaço do ano neste mundo em que as pessoas ditas sérias estão matando e destruindo nas guerras como a do Vietnã"

"Faça seu próprio sonho"

"Posso ser um sonhador mas não sou o único"

"Dê uma chance à paz"

Paródias

Trabalhando em grupos ou em duplas pode-se apresentar letras de músicas a partir das quais os jovens criem, para uma mesma música, diferentes letras que incluam situações de violência, paz, humor, senso crítico.

Depois da apresentação das paródias, o grupo pode fazer uma reflexão a respeito dos temas apresentados.

Música e política

A música, como as demais artes, pode retratar a situação política e social de um país ou do mundo. Algumas delas podem servir para uma reflexão crítica de nossa História. Veja alguns exemplos:

ONDE ESTÁ A HONESTIDADE?, de Noel Rosa e Kid Pepe

Faz uma crítica à incapacidade do povo brasileiro de perceber a corrupção e o desvio de verbas públicas.

"O seu dinheiro nasce de repente e, embora não se saiba se é verdade, você acha nas ruas diariamente anéis, dinheiro e felicidade (...) E o povo já pergunta com maldade: onde está a honestidade?"

APESAR DE VOCE, de Chico Buarque

Por meio de metáforas, a canção faz uma crítica ao período da ditadura militar e demonstra esperança de que essa situação termine e os responsáveis pela opressão sejam punidos.

"Hoje você é quem manda: falou, tá falado, não tem discussão (...) apesar de você, amanhã há de ser outro dia (...) você vai se dar mal, et cetera e tal".

INÚTIL, de Roger / Ultraje a Rigor

Ironiza a capacidade da população brasileira de decidir seu destino, afirmando que somos *"inúteis"* para *"escolher presidente"* e para *"escovar os dentes"*. Ressalta o descontentamento com o cenário político e com a pobreza de nossa população.

BRASIL, de Cazuza, George Israel e Nilo Romero

Neste *rock* os compositores, indiretamente, perguntam para onde vai o dinheiro dos impostos, quando falam sobre quem é o sócio do Brasil.

OFFICE BOY e *CLARA CROCODILO*, de Arrigo Barnabé

Essas músicas alertam para o abandono dos jovens, principalmente nas grandes cidades. Chamam a atenção para a solidariedade com a juventude marginalizada, que sofre em consequência da deterioração dos valores éticos.

"Trabalhar que nem um desgraçado a semana inteira. No sábado, porém, estava duro (...) Era sábado e ele ali sozinho, sem nenhum tostão (...) Clara Crocodilo fugiu, Clara Crocodilo escapuliu, vê se tem vergonha na cara e ajuda Clara, seu canalha."



Outras músicas sobre o mesmo tema

Construção, de Chico Buarque

Funeral de um Lavrador, de Chico Buarque e João Cabral de M. Neto

Meu Guri, de Chico Buarque

Sociedade Alternativa, de Raul Seixas

A música e o ambiente

País rico em recursos naturais, o Brasil tem um vasto cancionário que aborda não apenas as belezas, mas também os problemas do planeta e do nosso patrimônio natural.

SOBRADINHO, de Sá e Guarabira

A letra fala do rio São Francisco, que nasce na região Sudeste e deságua na região Nordeste. Chama atenção para as conseqüências do represamento de suas águas, como a submersão de cidades, que obriga as pessoas a mudar do lugar onde sempre viveram.

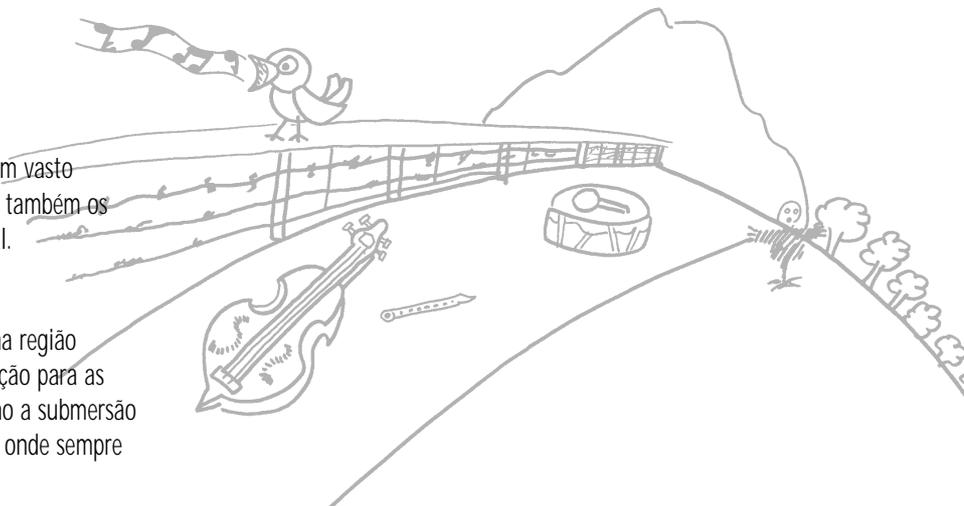
*"O homem chega, já desfaz a natureza
Tira a gente, põe represa, diz que tudo vai mudar
O São Francisco lá pra cima da Bahia
Diz que dia menos dia vai subir bem devagar
E passo a passo vai cumprindo a profecia
Do beato que dizia que o sertão ia alagar
O sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão..."*

Outras músicas sobre o mesmo tema

Aquarela do Brasil, de Ary Barroso
Flor do Cafezal, de Luís Carlos Paraná
Gracias a la Vida, de Violeta Parra
Luar do Sertão, de Catulo da Paixão Cearense
Planeta Sonho, de Flávio Venturini, Vermelho e Márcio Borges
O Sal da Terra, de Beto Guedes e Ronaldo Bastos

A música e o meio rural

Muitas músicas falam da interferência do ser humano na natureza e trazem mensagens de respeito pela terra, onde se planta e da qual se tira o sustento.



• *O Cio da Terra*, de Milton Nascimento e Chico Buarque
*"Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, a propícia estação
de fecundar o chão..."*

• *Luz do Sol*, de Caetano Veloso
*"Céu azul que vem até
onde os pés tocam a terra
e a terra inspira e exala seus azuis.
Reza, reza o rio..."*

55

Outras músicas sobre o mesmo tema

Asa Branca, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira
Romaria, de Renato Teixeira
Triste Berrante, de Adalberto Santos
Tocando em Frente, de Almir Sater e Renato Teixeira

Música New Age

Esse tipo de música pode induzir estados de calma, interiorização e relaxamento. Há inúmeras composições que podem ser utilizadas. Os discos de Aurio Corá e Fortuna Mazal são sempre uma pedida certa. Deleite-se com a música antes de usá-la na atividade. Faça sua própria pesquisa, divirta-se!



Música clássica

Este é um estilo apropriado para ser utilizado como fundo durante as atividades, ou como uma ferramenta de motivação para discussões sobre os sentimentos. Os participantes podem observar a influência das diferentes melodias não apenas no estado de espírito, mas também no corpo de cada um. Podem dramatizar as músicas ou simplesmente ouvir em silêncio.

Adágio, de Johann Sebastian Bach
Ária na Corda Sol (Suíte orquestral nº 3), de Johann Sebastian Bach
Bolero, de Maurice Ravel
Brindisi (La Traviata), de Giuseppe Verdi
Canção da Liberdade (Nabuco), de Giuseppe Verdi
Concerto para Flauta nº2, de Wolfgang Amadeus Mozart
Conquest of Paradise (Filme 1492), de Vangelis
Danúbio Azul, de Johann Straus Jr.
Fantasia on Greensleeves, de Vaughan Williams
Habanera (Carmen), de Georges Bizet
Marcha do Toureador (Carmen), de Georges Bizet
Marcha Triunfal (Aida), de Giuseppe Verdi
O Fortuna (Carmina Burana), de Carl Orff
O Moldavia, de Bedrich Smetana
On Earth as it is in Heaven (A Missão), de Ennio Morricone
Ode à Alegria (Sinfonia nº 9), de Ludwig van Beethoven
Pedro e o Lobo, de Sergey Prokofiev
Primavera (As quatro estações), de Antonio Vivaldi
Reflections of Passion, de Yanni
Santorini, de Yanni
Sinfonia nº 40 (1º e 3º movimentos), de Wolfgang Amadeus Mozart
Sinfonia nº 6 (Pastoral), de Ludwig van Beethoven
Sonata ao Luar, de Ludwig van Beethoven
Uma Pequena Música Noturna, de Wolfgang Amadeus Mozart
Vozes da Primavera, de Johann Straus Jr.

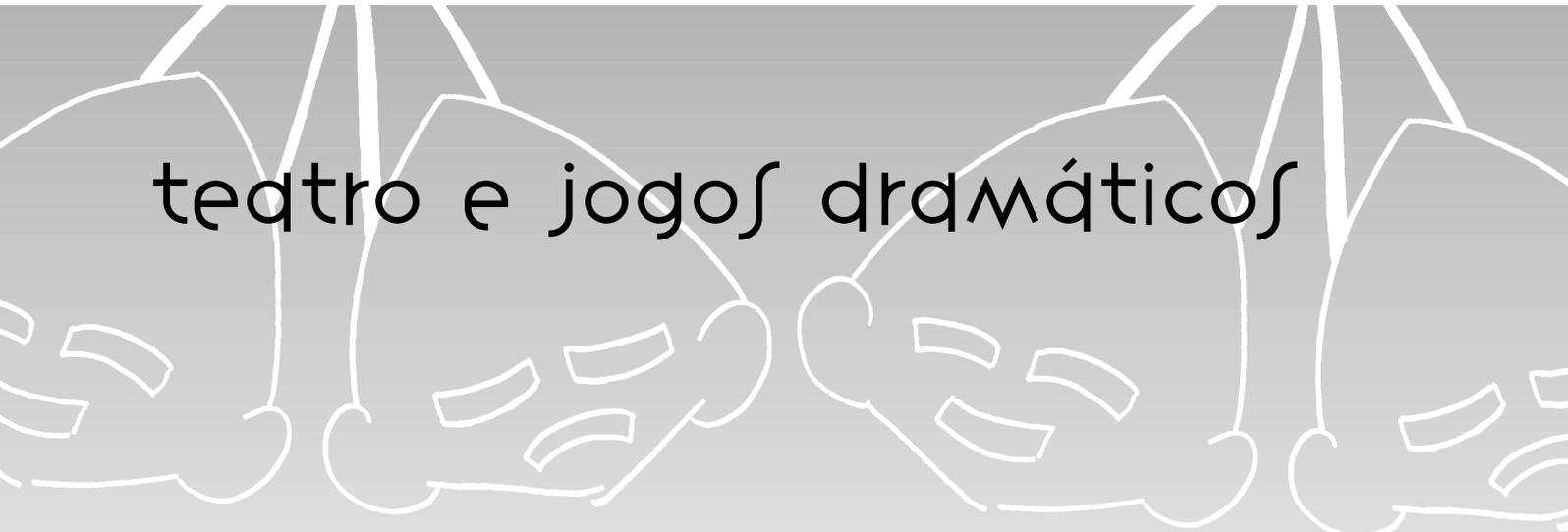
Para trabalhar os pontos do Manifesto 2000

Use sua criatividade para trabalhar os seis pontos do Manifesto 2000 com estas músicas:

A Cara do Brasil, de Celso Viáfora
A Paz, de João Donato e Gilberto Gil
Admirável Gado Novo, de Zé Ramalho
Aqui é o País do Futebol, de Wilson Simonal
Assassinatureza, de Cidade Negra
Erê, de Cidade Negra
Estudo Errado, de Gabriel o Pensador
Geração Coca-Cola, de Legião Urbana
Lavagem Cerebral, de Gabriel o Pensador
Lute para Viver, de Cidade Negra
Mentiras do Brasil, de Gabriel o Pensador
Monte Castelo, de Legião Urbana
Que País é Este, de Legião Urbana
Saga da Amazônia, de Vital Farias
Senhas, de Adriana Calcanhoto
SOS Brasil, de Cidade Negra
Terra, de Caetano Veloso
Zumbi, de Cidade Negra



teatro e jogos dramáticos



Desde os primeiros anos de vida, o teatro faz parte do nosso dia a dia: quando brincamos de faz-de-conta, damos papinha para as bonecas, encarnamos os super-heróis. Mesmo depois que crescemos, a criança que existe dentro de nós continua viva, gostando de fantasia. Basta dar a ela uma oportunidade...

Por isso, trabalhar com jogos teatrais significa abrir um baú de tesouros! O teatro desenvolve o interesse cultural e o senso de responsabilidade coletiva. Desenvolve habilidades valiosas para o relacionamento entre as pessoas — como a capacidade de atenção, a concentração e a iniciativa diante dos problemas. Além disso, quem faz teatro conhece melhor o seu próprio corpo e o espaço em que se movimenta.

Pela dramatização, é possível incorporar e resolver situações de conflito na medida em que a encenação permite recriar um fato, observá-lo de outro ângulo e vivê-lo de forma diferente. E permite também recriar os mais diversos espaços sociais, culturais e temporais. No teatro, podemos experimentar “ser” outros seres!

As possibilidades do teatro e dos jogos dramáticos no desenvolvimento de uma Cultura de Paz são imensas! A seguir, você verá algumas sugestões nesse sentido. Adapte essas e outras técnicas às necessidades de sua comunidade, desenvolva seu poder de criação.

DICAS PARA O ORGANIZADOR

- Inicie com atividades de aquecimento, descontração, para criar um clima agradável e envolvente.
- Evite situações onde as pessoas sofram comparações ou qualificações. Fique atento para não valorizar demais os extrovertidos, o que pode causar frustração para os mais tímidos. Todos devem fazer parte do jogo.
- Siga o ritmo do grupo. Cuidado para não se contagiar pela euforia do mais comunicativo ou habilidoso, deixando a maioria para trás.
- Procure fazer com que o grupo se sinta confiante, encorajado. Lembre-se que, para a maior parte das pessoas, não é fácil se expor.
- A apresentação de uma peça completa, no final das atividades, não é o mais importante. O objetivo é que cada um se manifeste, aumente sua autoconfiança, sem medo de ser aprovado ou rejeitado. Porém, se o grupo quiser fazer um “espetáculo”, é preciso eleger um “diretor” que conduza o processo.
- Sugira a formação de grupos que desenvolvam trabalhos relativos à Cultura de Paz.



O contato físico

Entre todos os sentidos, o tato é o primeiro a se desenvolver. E, para os seres humanos, assim como para os outros animais, o ato de tocar é de importância vital. O contato inspira confiança, transmite calor, prazer, conforto e renova a vitalidade. Indica que não estamos sós. O tato é a linguagem que usamos para revelar nossos sentimentos, para demonstrar às outras pessoas que são amadas, desejadas ou apreciadas. Quando nos tocamos, compartilhamos intimidade, mas também respeito, carinho, aceitação e acolhimento. Sugestões de contatos físicos para o grupo:

- Todos os participantes apertam as mãos e se apresentam a todas as pessoas.

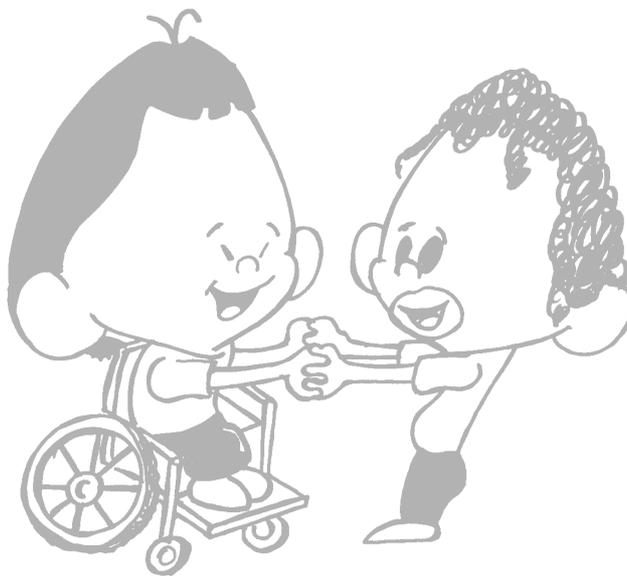
- O monitor pede a todos que toquem uma cor de sua roupa ou do outro. Repete a atividade com outras cores ou outras características.

- Massagem corporal: todos dão tapinhas pelo corpo inteiro, fazendo a pele formigar.

- Massagem nas costas: faz-se um círculo e os participantes dão palmadinhas nas costas uns dos outros. Inverte-se o círculo para os participantes massagearem os ombros uns dos outros.

- Em pares, a partir do meio da sala, cada participante conduz o outro até a parede. Um deles pode estar de olhos vendados e ser levado pelo companheiro.

- Os participantes se relacionam embalando uns aos outros, carregando uns aos outros ou guiando uns aos outros como se fossem cegos.



Aquecimento e relaxamento

- Com os pés parados, os participantes movimentam as articulações de todo o corpo.

- Os participantes caminham para todas as direções, com a finalidade de reconhecer o espaço. Metade do grupo caminha e outra metade fica parada e vice-versa.

- O monitor propõe aos participantes que se imaginem como um cachorinho dormindo no chão. Aos poucos, o "cachorrinho" se levanta e espreguiça!

- Os participantes fazem de conta que estão em uma loja cheia de cristais. Em dois minutos, os participantes fingem quebrar tudo, cortando, socando, chutando, emitindo barulhos.

- Todos devem espreguiçar, soltando a voz.

- Cada um relaxa, deitado no chão ou sentado na cadeira, prestando atenção em sua respiração. Outras duas pessoas testam as articulações da pessoa que finge estar "morta".

- Todos deitam no chão e tentam sentir os cheiros do ar ou "ouvir o silêncio".

- O grupo se movimenta em todo o espaço. O monitor dá um sinal e todos fingem ser uma estátua alegre, triste, na praia, na escola etc.

- Em duplas, um na frente do outro, os participantes atuam como se estivessem diante de um espelho, como se fossem reflexo uns dos outros. É importante trabalhar a integração entre os participantes.

Olhar para os sentimentos

O grupo deve transmitir emoções — medo, amor, ódio — e observar de que forma se expressa fisicamente. Depois, cada pessoa expressa um sentimento que seja incomum em sua vida e levanta suas próprias reflexões. Pode-se fazer essa atividade em grupo, pedindo que cada um expresse ao outro seus sentimentos por meio de gestos e expressões faciais.

O monitor pede para uma pessoa ficar no centro do grupo representando uma feição de paz, de ódio, de amor ou de indiferença, de ansiedade ou de tranquilidade. O grupo faz, então, um debate com reflexões do tipo: quais as expressões mais bonitas, como cada um vivencia sentimentos de amor e de ódio, que influência cada sentimento tem em nossa saúde etc.



Comunicar os sentimentos

Revezando, os integrantes do grupo dizem em voz alta uma frase qualquer como “O rato roeu a roupa do rei de Roma”. Ao pronunciar a frase, expressam estados de espírito como: ódio, paixão, sinceridade, sensação de paz, violência, desânimo.

A cada representação, a pessoa diz como se sente. O grupo comenta o sentimento demonstrado.

Entender os outros

O grupo escolhe uma situação comum na vida da comunidade ou da escola. Cada pessoa do grupo representa a si própria naquela situação. Depois, trocam-se os papéis. A situação é a mesma, mas cada pessoa representa a outra (um amigo, o pai, o rival, a namorada, o professor etc.).

Então o grupo faz as seguintes observações: quais as diferenças entre as duas representações? Podemos representar a vida de outras pessoas? Pensamos igual às outras pessoas?

Variação

Em vez de pessoas, pode-se usar bonecos, de papel ou de tecido, construídos pelos integrantes do grupo. O objetivo é o mesmo: interpretar uma história no papel do outro e refletir a respeito.

59

Cenário coletivo

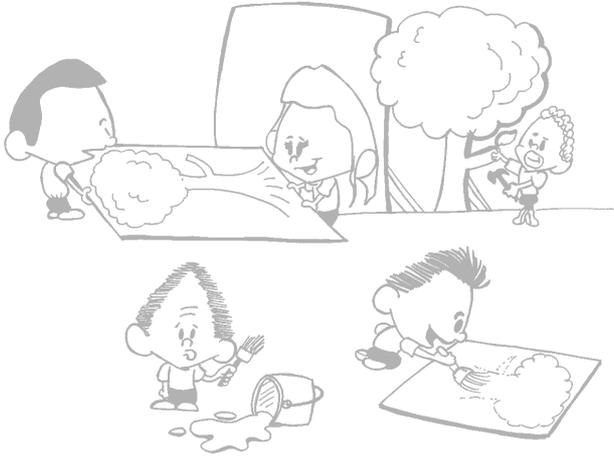
É muito divertido reunir um grupo e criar cenários! Além de praticar a criatividade, a arte do planejamento e da distribuição de funções, o grupo pode trabalhar os itens do Manifesto 2000. Use sua imaginação: aproveite sucatas, papel jornal, revistas, tintas, folhas secas, enfim, tudo que achar interessante!

Monte paisagens diferentes e antagônicas. Cenários de paz e de guerra, um rio poluído e um rio repleto de vida, uma floresta e uma cidade. Crie a paisagem de uma cidade violenta e de outra onde existe justiça e inclusão social.

Convide o grupo para conversar sobre os dois cenários. Que sensações e sentimentos eles desencadeiam? Quais são as causas da violência nas grandes cidades? O que fazer para mudar os cenários de violência e transformá-los em espaços de acolhimento?

Peça ao grupo para criar uma peça de teatro com os dois cenários. Dramatizem as ações necessárias à transição de um

cenário para outro. Quais os personagens envolvidos (políticos, estudantes, padeiros, artistas etc.)? Qual o papel da juventude nesse processo? O que cada um de nós pode fazer, na vida cotidiana, para criar espaços onde predominem — para o homem e para a natureza — a paz e a solidariedade.



60

Felicidade não tem idade

Todas as pessoas, nos quatro cantos do mundo, estão procurando a felicidade. Ela é o objetivo primordial de nossas vidas, desde a infância até a velhice. Mas, chegar perto dela não é muito fácil! O que é a felicidade, afinal?

Reúna o grupo, coloque uma música suave e peça que os participantes lembrem de momentos felizes. Onde e com quem estavam? Sugira que anotem as lembranças em um papel e, se quiserem, compartilhem essas lembranças.

Quando terminar a atividade, reúna os participantes em círculo e faça essas reflexões:

- Quais as situações que nos deixam mais felizes?
- Podemos ser felizes se as pessoas ao nosso lado estão infelizes?
- Como contribuir para a felicidade dos outros?

- O que podemos fazer para criar um ambiente de felicidade em nossa volta?

- Qual a importância do diálogo, da generosidade e da solidariedade para nossa felicidade?

- O que falta para sermos felizes?

- Pessoas bonitas, ricas ou famosas são necessariamente felizes? Por que?

VARIAÇÃO

Indique a leitura do livro *A arte da felicidade*, do Dalai Lama, Tenzin Gyatso, onde há idéias muito inspiradoras sobre o tema. Sugira atividades parecidas em relação à alegria, ao amor, à generosidade.

Aprendendo a paz com os saltimbancos

Apesar de ser um musical para crianças, a peça *Saltimbancos* agrada pessoas de todas as idades por seu humor, beleza e pela mensagem de amizade e solidariedade.

Traduzida do italiano por Chico Buarque, conta a história de quatro animais: um jumento, uma galinha, uma gata e um cachorro. Todos, por diferentes razões e de diversas maneiras, passaram por situações de opressão e resolveram fugir do campo para a cidade. Os animais vão se encontrando pelo caminho e a união os torna suficientemente fortes para mudar o rumo de suas vidas. Mesmo sendo de espécies diferentes, todos conseguem dialogar e se respeitar. Um claro exemplo de solidariedade, diálogo e cooperação, onde a união faz a força e gera uma grande transformação.

Uma boa sugestão é ouvir as músicas da peça. São fáceis de cantar em coro, possibilitando a criação de várias vozes. Também pode-se representar a peça escolhendo o diretor e os atores, realizando uma interpretação livre ou recriando novas situações.

filmes

A vida imita a arte ou é o contrário? Será que as duas apenas se intercalam, de vez em quando? Quem nunca pensou nisso ao assistir um filme? Quem nunca se identificou com uma história ou uma personagem do cinema? Um filme inteiro ou partes dele podem colaborar numa reflexão sobre o que desejamos, buscamos ou o que devemos superar, evitar e mudar.

Nos filmes, as linguagens nos atingem em todos os sentidos – daí a sua força! As imagens, os sons, o ritmo das cenas... o cinema não nos seduz apenas, mas nos transporta para outras realidades, outras épocas, outros espaços. Ao assistir um filme podemos nos ligar ao passado, ao futuro, a um mundo sem tempo ou ainda a um tempo que se repete sem parar. O que o torna uma forma de comunicação valiosa para trabalhar a Cultura de Paz!

DICAS PARA O ORGANIZADOR

- Confira a faixa etária da “platéia” antes de selecionar o filme. Cenas assustadoras têm efeito anti-pedagógico nos mais jovens.
- Não passe um filme só por entretenimento, sem discutir sua mensagem em função dos valores de uma Cultura de Paz. É fundamental ler os textos sobre os tópicos do Manifesto 2000, bem como “estudar” o filme antes da exibição.
- Lembre-se que, para a comunidade, pode ser extremamente motivador “pegar um cineminha” na escola. Arrume com cuidado a sala de exibição, quem sabe até seja possível providenciar pipoca para os espectadores...
- O debate após o filme deve ser conduzido de maneira amigável e interessante: não é o caso de fazer uma análise crítica ou estética, mas sim de trabalhar valores da Cultura de Paz. Evite, portanto, que a discussão se torne maçante ou intelectualizada.
- Inicie com vídeos mais simples, mais fáceis de interpretar. Depois passe para os filmes mais longos e complexos.



- Há uma grande diversidade de documentários que abordam problemas atuais e também ilustram outros períodos históricos. Desenvolva o poder de reflexão dos participantes.
- Cheque o equipamento antes da exibição.
- Informe a platéia sobre os aspectos gerais do filme e sobre o porquê de sua exibição. Peça aos participantes para lembrarem das cenas que foram mais marcantes. Se existir alguma cena muito especial, pode-se voltar a ela após a exibição.

Perguntas para serem feitas após a exibição

- Quais os aspectos positivos e negativos do filme?
- Quais as principais idéias transmitidas?
- O que chama mais atenção?
- Quais as conseqüências e aplicações para nossa vida?
- Qual o tipo de sociedade apresentada? Quais os valores apresentados? Como cada um julga esses valores? O grupo concorda ou discorda desses valores?
- Esses valores dizem respeito a uma Cultura de Paz? Por que?

Sugestões de dinâmicas

- Exibir o filme até um determinado ponto e pedir que os participantes inventem um final, coerente com os princípios de uma Cultura de Paz. Passar o restante do filme. Comparar os finais propostos e os caminhos para sua execução.
- Dramatizar a história mostrada no vídeo ou na tela.
- Desenhar as cenas mais marcantes.

Para trabalhar os pontos do Manifesto 2000

62



Respeitar a vida • FORMIGUINHAZ

Desenho animado sobre uma formiguinha questionadora, que busca um lugar melhor para viver. Z deseja, na verdade, uma transformação, de maneira espontânea e desinteressada. Ela não concorda com a discriminação no formigueiro. Outra coisa que chama a atenção é o fato de Z ser uma formiga operária, ou seja, integrante da comunidade que antes era tida como “uma qualquer” e que teve a capacidade de interferir no mundo à sua volta.



Rejeitar a violência • A OUTRA HISTÓRIA AMERICANA

Um líder de *skinheads* é preso e, após o cumprimento da pena, tenta ajudar o irmão, que segue o mesmo caminho. Apesar da violência e da intolerância evidentes, o filme traz a descoberta do outro. Se as idéias totalitárias podem ser perigosas, o ciclo de violência gerado por essas idéias também pode ser rompido. A não-violência é cooperativa, é restauradora e o contato dos dois personagens é de total aceitação e mudança.



Ser generoso • A EXCÊNTRICA FAMÍLIA DE ANTÔNIA

Uma fábula sobre a força das mulheres. Antônia volta à fazenda de sua família e começa uma vida nova, ao lado da filha e, depois, da neta e da bisneta. A maneira com que Antônia aceita a opinião da filha e depois o comportamento de todos que vão se juntando à sua família são exemplos de generosidade. O que nos leva a aceitar o outro como ele é? É natural acolher ou rejeitar? Ser generoso também se aprende e, compartilhar, gera felicidade.



Ouvir para compreender • BICHO DE SETE CABEÇAS

Inspirado em fatos reais, o filme conta a história de um rapaz internado em um manicômio após desentendimentos com seus pais. Lá ele conhece um mundo caótico, repleto de sofrimento e incompreensão. A difícil relação entre pai e filho, e a falta de diálogo, levam a um caminho doloroso e cruel. O filme é também um retrato da forma que as pessoas são tratadas em muitos

hospitais psiquiátricos no Brasil. O jovem sobrevive e conta sua dor para os que estão do lado de fora. O que é possível fazer para ser ouvido? Como se abrir para entender?



Preservar o planeta • AMAZÔNIA EM CHAMAS

Filme sobre a floresta amazônica, sua exploração e a trágica morte do líder sindical e ambientalista Chico Mendes. Esse líder determinado tinha consciência sobre a preservação da floresta amazônica e sobre a necessidade de justiça social para o bem do planeta. Uma história de amor e ódio, cobiça e vingança, na qual se cruzam interesses políticos e econômicos. Fatos para não esquecer e atitudes para não se repetir, se amamos a natureza.



Redescobrir a solidariedade • HURICANE — O FURACÃO

O pugilista Rubin Carter foi condenado à prisão perpétua injustamente, depois que forjaram provas de sua participação em um crime. A solidariedade que Rubin Carter encontrou nas cartas e, depois, na presença de um jovem que vivia entre canadenses lhe permitiu um novo jeito de experimentar a vida, mesmo atrás das grades. A sinceridade é fundamental para a solidariedade existir. Até que ponto alguém pode suportar a injustiça? E até que ponto pode ter esperança?



Para trabalhar a Cultura de Paz



Grupo I • Conceitos abordados: histórias de vida, persistência, liderança

Quando olhamos de perto a vida de grandes personalidades, líderes, mulheres e homens solidários que realizaram o bem para a humanidade, podemos perguntar: como fizeram tudo isso? Nasceram assim? Estavam sozinhos? É bem provável que essas pessoas nem imaginavam que chegariam onde chegaram. Entretanto, é certo que elas acreditaram, persistiram!

O que aprendemos com as histórias dos outros? Por que nos identificamos com algumas delas? Ficamos contentes em compartilhar, mesmo seguindo caminhos diferentes e estando em outro lugar. Todos nós temos uma história. Expectativas, interesses, o que contar, como contar e quando contar são importantes. Todas as histórias de vida fazem sentido e é fundamental, em qualquer comunidade, que elas se revelem, que se realizem. "Eu conheço uma história? Sim! A minha!"

UM GRITO DE LIBERDADE • História sobre a morte do ativista sul-africano Steven Biko e seu relacionamento com um amigo jornalista, que depois investiga os verdadeiros acontecimentos.

GANDHI • A vida de Gandhi, desde seu trabalho como advogado na África do Sul até a independência da Índia.

MALCOM X • História do líder negro Malcom X, sua vida de criminoso, até a conversão religiosa e os caminhos que trilhou na luta pelos direitos dos negros norte-americanos.

MENINOS NÃO CHORAM • O preconceito e a intolerância vividos por uma garota a respeito de sua sexualidade e de seu comportamento.

A HISTÓRIA DE HANNA • Uma jovem judia luta pelo sionismo e é presa durante a Segunda Guerra Mundial.



Grupo II • Conceitos abordados: alienação, controle, liberdade, comunicação

E se você descobrisse que muita coisa, ou mesmo tudo em que acredita, não está totalmente certo ou completamente errado? Qual seria a sua reação? Algumas coisas podem nos surpreender simplesmente por não estarmos preparados.

A ignorância não é uma benção, e pensar que nada precisa ser feito é uma ilusão amarga. Ficar reproduzindo velhos modelos como se fossem novos significa diminuir a capacidade humana. Assim, de que forma sermos criativos e originais com aquilo que temos e no lugar onde estamos? Por que nos falta tempo e tudo acontece tão rápido? De onde estamos vindo e, da maneira que estamos, para onde iremos? Tudo tem seu preço mas, e o valor? Como lidar com aquilo que esperam de nós e aquilo que idealizamos para nós? Os valores morais, a ética, têm um papel importante nesse momento. Vamos identificar a ética nessas imagens e nessas histórias.

MATRIX • Um *hacker* se depara com uma nova realidade, onde tudo o que acredita, na verdade, não existe. Trata-se de um mundo virtual dominado por programas de computadores. E ele se torna um rebelde contra esse mundo.

BELEZA AMERICANA • Um homem de meia idade começa a questionar seus valores e decide mudar de vida radicalmente.

INSTINTO • Antropólogo estudioso de gorilas na África é extraditado para os Estados Unidos e colocado em um presídio. O psiquiatra que o atende se depara então com uma nova visão do mundo e da vida, onde o saber e o poder se misturam.

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO • Em uma sociedade totalmente planejada e controlada, aparece um homem com valores diferentes. É o encontro entre a paixão pela vida e sua liberdade com o excesso de cuidado e alienação.



Grupo III • Conceitos abordados: preconceito, intolerância, diferenças, desconhecimento

Sem dúvida, existem ótimas intenções e propostas para os problemas do mundo. Uma vez William Blake escreveu: "Aquele que deseja e não age, gera pestilência". Muitas intervenções são urgentes e percebemos o problema, até porque ele é evidente. Sabemos das dificuldades para enfrentá-lo. Porém, nos perdemos às vezes no entendimento de suas causas.

De que forma podemos ficar envolvidos em situações tão intensas como as retratadas por alguns filmes? Como acabamos comprometidos com tantas experiências do dia a dia que, na verdade, gostaríamos de evitar? Existe um problema e para ele há uma solução. Mas em qual espaço estar? No problema ou na solução? Olhar, sentir, ouvir, experimentar, dialogar podem contribuir muito para esta escolha. Como lidar com nossas emoções? Não devemos nos culpar por senti-las, mas fazer um esforço para entendê-las e decidir o que fazer com elas.

LARANJA MECÂNICA • Um grupo de jovens encontra um único sentido na vida por meio da violência explícita e gratuita. Seu líder, entretanto, envolve-se em uma série de fatos que comprometem seu destino.

OS IDIOTAS • Um grupo de pessoas se coloca em situações que permitem revelar as hipocrisias e os disfarces de sua sociedade. E fazem isso de uma maneira nada convencional.

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS • Em um colégio extremamente conservador, um professor utiliza métodos inesperados para ensinar não apenas conhecimento acadêmico, mas para falar sobre a vida e o gosto da liberdade.

FOGO SAGRADO • Após viagem à Índia, uma jovem australiana decide começar uma vida nova, junto com um guru e seus seguidores. Porém, ela se depara com a intolerância e a resistência da família, para quem "ela não sabe o que faz".

BARAKA • Sucessão de imagens de povos e culturas tribais e milenares mescladas com culturas urbanas e tecnológicas. Encontro entre a sabedoria e o pragmatismo.

SKINHEAD, A FORÇA BRANCA • Jovens *skinheads* nazistas agridem imigrantes asiáticos e são liderados por uma pessoa que os leva a um caminho repleto de violência, insegurança e preconceito.

LOUISE, TAKE 2 • Jovens que vivem realizando roubos no metrô entram em um mundo repleto de preconceito, exclusão e abandono. Mesmo assim, insistem em permanecer nessa vida.

COMO NASCEM OS ANJOS • Uma menina e um menino cariocas se vêem em uma situação fora de seu controle e desencadeiam uma seqüência de violência e medo.

CRONICAMENTE INVIÁVEL • Filme que retrata a situação social, política, econômica e ambiental brasileira em sua face medíocre e cruel. Cidadãos revelam seus hábitos, de norte a sul do país.

PIXOTE • História de um menor abandonado nas ruas de uma metrópole. A sobrevivência e a desilusão caminham lado a lado.

FEBRE DA SELVA • A difícil relação entre um homem e uma mulher em uma sociedade racista, onde o sentimento tenta resistir ao preconceito. Filme do diretor Spike Lee, que inclui, na grande maioria de seus filmes, questões como racismo, preconceito e violência. Todos são recomendáveis.

DANÇANDO NO ESCURO • Uma mulher tem um problema de visão que irá cegá-la e resolve juntar dinheiro para fazer uma cirurgia no filho, portador da mesma doença. Mas as coisas não saem como ela planejava.

AMISTAD • Filme baseado em uma história real: um grupo de soldados africanos que, após uma rebelião, apodera-se de um navio negreiro. Contudo, ao encontrar terra firme, nos Estados Unidos, os soldados deparam-se com um tribunal que os acusa de assassinato.

A MISSÃO • História de um mercador de escravos violento que, na luta pela mulher amada, assassina o próprio irmão. O sentimento de culpa o leva à penitência e à rendição. Imerso nas intrigas de interesses dos colonizadores, torna-se um mártir na defesa dos índios que deveria escravizar.



Grupo IV • Conceitos abordados: esperança, felicidade, compaixão, generosidade

Seres humanos com suas tentativas e esperanças, questionamentos e movimentos, acertos e contradições também, querendo rir, amar, crescer e viver. Buscando realizar um “faça você mesmo”. Ensinam a ser um bom filho, um bom cidadão, bom amigo, bom trabalhador e como agir em vários lugares e situações. Porém, como é ser você mesmo?

Mulheres e homens andam pelas ruas, juntos, em busca de humildade para seus corações e liberdade para seus pensamentos, responsáveis pelas suas próprias histórias. Como compreender que não importa o que fizeram com você, mas o que você faz com o que fizeram de você?

Quantas histórias de coragem e esperança conhecemos? Isso é bom? Bem, alguma coisa acontece que mobiliza tanta emoção, força e determinação, fazendo as pessoas continuarem a buscar algo melhor, a mudar. Que emoção é essa? De onde vem tal força?

A vida tem arte e é arte. Crescemos quando sentimos que há algo para fazer e nossa sensibilidade colabora para esse crescimento. Pense em algo bom que aconteceu algum dia. Você encontrou algo íntimo e deseja compartilhar? Então faça-o, se já não o fez, mesmo sem perceber.

A VIDA É BELA • Preso em um campo de concentração nazista, um pai tenta convencer o filho pequeno de que todo aquele horror não passa de um jogo.

PATCH ADAMS, O AMOR É CONTAGIOSO • História de um médico que acreditava na vida e no sonho humano. Seu trabalho revolucionário consistia principalmente em fazer o outro feliz.

CHOCOLATE • Uma mulher e sua filha chegam a uma cidade pequena e conservadora para montar uma loja de chocolate. O local gera receio em alguns, mas traz felicidade para muitos.

FORREST GUMP • Um homem conta suas experiências e revela uma forma de ver a vida extremamente bela e positiva.

DODESKADEN, O CAMINHO DA VIDA • Histórias de pessoas humildes que vivem em barracos no Japão. Enredo repleto de fantasia, magia e esperança. Obra do diretor Akira Kurosawa, cujos filmes trazem muita beleza, arte e sabedoria. São recomendáveis outros filmes desse diretor.

PÃO E TULIPAS • Em uma viagem de férias, uma mulher é esquecida pela família e acaba indo parar em outra cidade. Lá, encontra pessoas que lhe dão um novo sentido para a vida.

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS • Uma garrafa de refrigerante aparece em uma aldeia africana e causa muita confusão. Um homem fica responsável por se livrar da garrafa e acaba aprendendo outra forma de ver as coisas.

SÁBADO • Situações inesperadas na gravação de um comercial em um antigo prédio no centro de São Paulo.

O GRANDE MENTECAPTO • As aventuras de Geraldo Viramundo. O filme mostra que o carisma, a atenção e o sonho de uma pessoa a fazem viver todos os momentos intensamente.

AO MESTRE COM CARINHO • Um professor negro vai lecionar em uma escola frequentada por adolescentes com baixíssima auto-estima, problemáticos e violentos. Filme lírico e profundo, sobre as relações humanas. Com mensagens de paz e esperança.

CONRACK • Um americano vai lecionar em uma ilha paupérrima e encontra crianças negras amedrontadas, que sofrem de abulia. Como não consegue fazer contato com elas pelos meios convencionais, opta por utilizar a música clássica. Então, ao som de Beethoven, ensina a elas o amor à vida.

contar histórias

A arte de contar histórias vem desde os primórdios da humanidade. Se usarmos a imaginação, podemos até “ver” nossos ancestrais contando histórias em volta de uma fogueira. Assim surgiram as lendas e os mitos, que passaram de geração em geração... Pelas histórias adquirimos

experiências de vida, desenvolvemos o caráter, o raciocínio, a imaginação e a criatividade. Desenvolvemos também o senso crítico, valores éticos e aumentamos nossas possibilidades dentro do relacionamento social. Com elas aprendemos a crescer, com elas aprendemos a pensar.

66

DICAS PARA O ORGANIZADOR

- Faça sua própria pesquisa, escolhendo os temas mais interessantes de acordo com a faixa etária do grupo que vai ouvir as histórias. Podem ser histórias de fadas, fábulas, lendas folclóricas, passagens bíblicas, fatos reais da história, fatos do cotidiano, aventuras!
- Estude a história previamente, entenda sua trama, divirta-se com ela, capte sua mensagem, seus elementos essenciais. Faça uma escolha amorosa da “sua” história, identifique-se com ela.
- Localize o enredo, identifique personagens principais e secundários. Por exemplo: local, época, civilização. É preciso entender o conteúdo e a mensagem da história.
- Antes de começar, proponha um bate-papo informal, para descontrair e captar o interesse do grupo. Peça silêncio. Uma música de fundo ajuda a criar o clima.
- Não se estenda por mais que dez minutos contando a história.
- Algumas vezes, o narrador tem que fazer sua própria narração da história: resuma, se for muito extensa, enriqueça com detalhes, se for muito curtinha.
- Tire proveito de sua voz, pronuncie bem as palavras, não esqueça das pausas. Treine fazendo uma leitura clara e pausada do texto na frente do espelho.
- Cuidado com o volume da voz. Não fale gritando, nem tão baixo que as pessoas não possam ouvir. Module a fala de acordo com o sentimento que quiser passar: rápido para sentimentos de urgência, devagar quando quer passar alegria, paz, serenidade.
- Modifique o tom da voz do grave para o agudo, dependendo do personagem que interpreta.
- O corpo e o semblante também falam, interpretam, vivenciam a história.
- Faça pausas, imitações, sem exagerar muito nos gestos e movimentos.
- Fique atento às emoções da plateia. E não se esqueça: a prática é a melhor escola!
- Para encerrar, conduza uma reflexão sobre a narrativa, discutindo valores e pontos de vista.



Interpretando as histórias

O último discurso

Charles Chaplin, no filme *O grande ditador*

“Sinto, mas não quero ser imperador, não é meu trabalho. Não pretendo governar nem conquistar nada. Gostaria de ajudar – se fosse possível – a judeus e gentios, negros e brancos. Todos desejamos ajudar-nos. Os humanos são assim. Queremos viver para a felicidade dos outros e não para fazê-los desgraçados. Por que tenderíamos a odiar e a menosprezar? Neste mundo há lugar para todos. A Terra, que é generosa e rica, pode abastecer todas as nossas necessidades. O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, mas, apesar de tudo, nos temos perdido. A cobiça envenena a alma dos homens... levanta muralhas de ódio no mundo... está fazendo avançar a miséria e a morte. (...) Não necessitamos de máquinas sem humanidade. Não necessitamos de inteligência sem amor e ternura. Sem estas virtudes tudo é violência e tudo se perde. (...) Neste momento a minha voz chega a milhões de pessoas de todo o mundo... milhões de desesperados, homens, mulheres, crianças, vítimas de um sistema que tortura os humanos e encarcera os inocentes. (...) Me escutas. Onde estiveres, levanta os olhos! Podes ver? O sol rompe as nuvens que se espalham! Saimos da obscuridade e vamos à luz! Entremos em um mundo novo, em um mundo melhor, em que os seres humanos estejam acima da cobiça, do ódio, da hostilidade! Olha para cima. A alma dos homens conseguiu asas e já começa a voar. Voa até o arco-íris, até a luz da esperança. (...)”

Reflexões propostas

- O grupo pode assistir o filme antes da discussão.
- Qual trecho do texto chamou mais a atenção do grupo? Por que?
- O autor fala que “o caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza”. Ele coloca a possibilidade de escolha. Cada um já percebeu que a vida é repleta de escolhas? Qual o caminho que estamos escolhendo para nossas vidas?

- “Não necessitamos de máquinas sem humanidade. Não necessitamos de inteligência sem amor e ternura. Sem estas virtudes tudo é violência e tudo se perde. (...)” Qual é a mensagem desta frase? Será que vivenciamos o amor e a ternura?
- E a humanidade, vivencia esses valores? Peça a cada participante que escolha uma idéia do texto e diga os motivos da escolha.
- Peça aos participantes que criem discursos e, se possível, programem ações para que essas idéias se tornem realidade. Discuta com as pessoas qual a distância entre a palavra e a ação.

O Diamante

Conto hindu publicado em *Filosofia para crianças e adolescentes*, de Maria Luiza S. Teles.

Uma vez um peregrino parou em um bosque, muito perto de um povoado, e acampou debaixo de uma árvore para passar a noite.

— A pedra, a pedra! Dá-me a pedra preciosa, peregrino
— disse um mercador.

O velho peregrino se levantou, se aproximou do homem que gritava e lhe disse:

— Que pedra desejas, irmão?

O mercador respondeu:

— A noite passada tive um sonho em que o senhor Shiva me dizia que, se viesse aqui esta noite, encontraria um peregrino que me daria uma pedra preciosa que me faria rico para sempre.

O peregrino foi buscar sua bolsa perto do rio e lhe deu a pedra, dizendo:

— Eu a encontrei em um bosque perto do rio, podes guardá-la.

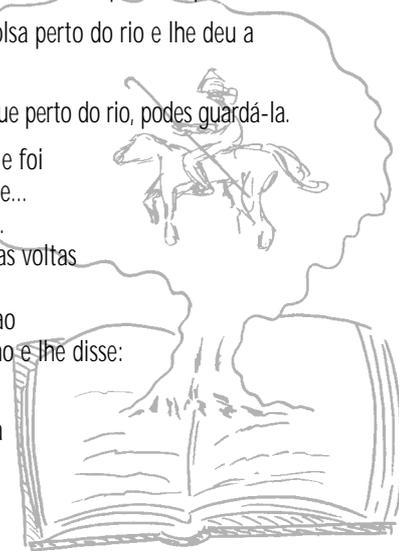
O mercador guardou a pedra e foi para casa. Uma vez lá, abriu a mão e...

Oh! Que surpresa! Era um diamante.

Não pôde dormir à noite, dava tantas voltas na cama quanto em sua cabeça.

Levantou-se ao amanhecer, voltou ao lugar onde havia deixado o peregrino e lhe disse:

— Dá-me, por favor, a força que te permitiu desprender-te desta riqueza com tanta facilidade!



Reflexões propostas

- Qual o principal valor dessa história?
- O que é necessário para que a pessoa possa ser despreendida e generosa?
- Por que algumas pessoas se apegam tanto às coisas materiais?
- A generosidade pode dar mais sentido à vida?

Mas este homem tão rico, de que me falas, não morre?

Texto extraído de publicação do Museu de Porto Seguro, Ministério da Cultura – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Porto Seguro, 2000.

Jean de Léry incluiu, em seus relatos de uma viagem realizada em 1557, um diálogo travado com um velho tupinambá, a respeito do grande interesse demonstrado pelos franceses na retirada do pau-brasil, revelando o choque de visões entre o nativo e o europeu: “Por que vindes vós outros, *mairs* (franceses) e *perós* (portugueses) buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra?” Jean de Léry respondeu que os franceses não as queimavam mas dela extraíam tinta. Ao que o índio retrucou: “E por ventura precisais de muito?” Tendo Léry respondido afirmativamente, pois que existiam na Europa grandes comerciantes que acumulavam aquela madeira, o velho tupinambá estranhou aquele desejo pela acumulação: “Mas esse homem tão rico, de que me falas, não morre?”

Na seqüência do diálogo, Jean de Léry explicou que, com a morte, os bens passavam para os filhos, irmãos ou parentes mais próximos. O índio, não satisfeito com a resposta, acrescentou: “Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados.”

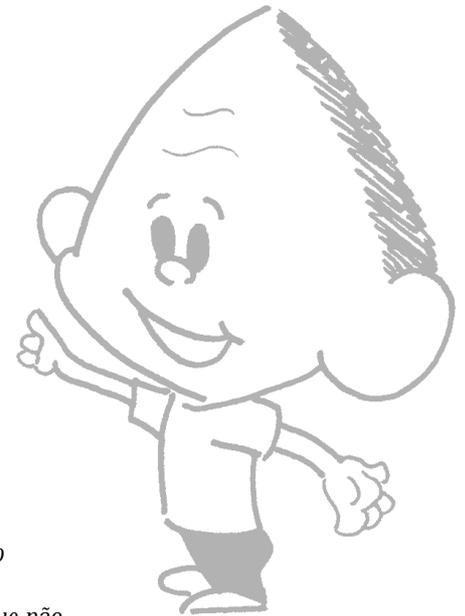
Reflexões propostas

- Por que o índio do nosso relato não consegue entender o que é herança?
- Por que, para os tupinambás e para os franceses, a idéia de possuir alguma coisa é tão diferente?
- O costume de acumular bens é o mesmo em todos os povos?
- Qual a relação que os nossos índios e os colonizadores tiveram com a natureza?

Ou isto ou aquilo

Cecília Meireles

*“Ou se tem chuva e
não se tem sol,
ou se tem sol e não
se tem chuva!
Ou se calça a
luva e não se
põe o anel,
ou se põe o anel e
não se calça a luva
Quem sobe nos ares
não fica no chão,
quem fica no chão não
sobe nos ares.
É uma grande pena que não
se possa estar
ao mesmo tempo nos dois lugares!
Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.
Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
E vivo escolhendo o dia inteiro!
Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranqüilo.
Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.”*



Reflexões propostas

- A nossa vida é repleta de escolhas. Desde o momento em que acordamos, até a hora de dormir, fazemos muitas escolhas. Peça aos participantes para listar todas as escolhas que já fizeram durante esse dia.
- Depois inicie uma conversa sobre o que teria mudado se alguma daquelas escolhas não tivesse sido feita. Por exemplo, o que teria mudado se, em vez de decidir ir à escola no final de semana, eles tivessem optado por ficar em casa. O que teria mudado? Quantas coisas poderiam ser diferentes no dia e na vida de cada pessoa?
- Faça uma reflexão sobre a influência das nossas escolhas na construção da nossa vida, na sociedade em que vivemos, no planeta em que habitamos. Precisamos ficar atentos. Uma escolha mal feita pode significar uma caminhada por trilhas não desejadas. Peça para que os participantes pensem nisso. Esse pode ser o grande segredo da vida.
- Encerre com a leitura do trecho abaixo:

“O que é que se encontra no início? O jardim ou o jardineiro? É o jardineiro. Havendo um jardineiro, mais cedo ou mais tarde um jardim aparecerá. Mas, havendo um jardim sem jardineiro, mais cedo ou mais tarde ele desaparecerá. O que é um jardineiro? Uma pessoa cujo pensamento está cheio de jardins. O que faz um jardim são os pensamentos do jardineiro. O que faz um povo são os pensamentos daqueles que o compõem.”

Rubem Alves

Variações

Fazer o mesmo exercício com base na história de cada participante. Cada um pode traçar uma linha do tempo (com recorte e colagem, pintura etc.), para melhor identificar os caminhos e descaminhos da sua vida. Então cada um vai refletir se haveria algo que gostaria de mudar. Se sim, faça-o lembrar da época dos fatos: como fez essa escolha? Quem influenciou essa opção?

Outra variação interessante é utilizar essa atividade para refletir sobre os efeitos das nossas escolhas nos rios, florestas, no ar, nas cidades, nas pessoas. Pode-se, ainda, conversar sobre o efeito das escolhas na saúde física e mental de cada um.



É difícil mudar

Texto extraído do editorial da revista Thot, nº 62, editada pela Associação Palas Athena, 1996.

Um grupo de cientistas colocou cinco macacos numa jaula onde havia uma escada com um cacho de bananas no topo.

Quando um macaco subia a escada para pegar as bananas, um jato de água fria era jogado nos que estavam no chão. Depois de alguns banhos frios, cada vez que um macaco subia a escada para pegar as bananas, os outros o pegavam e batiam nele. Em pouco tempo, nenhum macaco se atrevia mais a subir a escada, apesar da tentação das bananas.

Então os pesquisadores substituíram um dos macacos. A primeira coisa que o novato fez foi subir a escada. Mas foi pego pelos outros, que o surraram. Algumas surras depois, o novo integrante do grupo não subia mais a escada.

Um segundo substituto foi colocado na jaula e passou pela mesma dura experiência, tendo o primeiro substituto participado com entusiasmo da surra ao novato.

A mesma coisa aconteceu com o terceiro substituto. E também com o quarto, até que o último dos cinco integrantes iniciais foi substituído. Assim, ficaram na jaula cinco macacos que, mesmo nunca tendo tomado um banho frio, continuavam batendo naquele que tentasse pegar as bananas.

Se fosse possível perguntar a eles porque batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza, a resposta mais freqüente seria:

“Não sei, mas as coisas sempre foram assim por aqui.”

Histórias para ler, contar, recontar . . .

Era uma vez, talvez tantas...

Michel Robim

Era uma vez... num lugar, uma província. Nessa província vigorava uma lei extremamente cruel. Determinava que, a cada mês, trinta presos eram executados para servir como exemplo de que as leis deviam ser respeitadas e temidas. A sentença de execução era assinada pelo governador da província, em determinado dia do mês, até o meio-dia. Se a sentença não fosse assinada até o meio-dia, dizia essa mesma lei, os prisioneiros escolhidos deveriam ser perdoados e libertados — o que jamais havia ocorrido.

Pois então... era este fatídico dia. O governador dirigia-se ao palácio para, entre outras coisas, assinar a dita sentença. Ia observando, de seu carro, os afazeres e o cotidiano de seus cidadãos, quando sua atenção se volta para dois meninos que brincavam. Um deles corria atrás do outro numa espécie de pega-pega, quando o que ia à frente tropeçou, caiu e deu um grito de dor. O outro imediatamente interrompeu a brincadeira, ajoelhou-se ao lado do amigo e, num gesto de compaixão, o consolou, soprando-lhe o ferimento do joelho e o ajudando a se levantar. Abraçados, dobraram a esquina e desapareceram de vista.

A cena remeteu o governador a lembranças, fazendo-o afundar em reflexões, memórias etc... Ensimismado, chegou ao palácio, fechou a porta de seu gabinete, isolou-se e mergulhou sabe-se lá em que recônditos de sua alma, não desejando "... ver ninguém e nem ser de nenhuma forma incomodado". O tempo passou, o meio-dia chegou com suas badaladas, despertando o atônito governador de seu universo reflexivo. Passara do meio-dia e, pela primeira vez na história da província, a sentença não tinha sido assinada. Os prisioneiros estavam livres!

A notícia se espalhou como um raio por toda a província. Uma grande alegria tomou conta de todos os cidadãos, ninguém parecia acreditar no milagre.

Na casa dos dois meninos, a novidade chegou antes mesmo que eles tivessem posto os pés na soleira da porta. A mãe, radiante, recebe os dois à porta, exclamando:

— Sabem o que aconteceu? Os prisioneiros foram libertados, não é maravilhoso? Agora venham cá, me contem como foi o seu dia, o que vocês fizeram hoje?

— Nada, responderam os meninos, hoje não fizemos nada. Foi um dia ruim, ele caiu, se machucou, a gente nem conseguiu brincar direito... Acho que a gente nem deveria ter saído de casa...

Eis aqui um pequeno conto... e uma pergunta.

Como está sendo o seu dia, o que é que você fez hoje?



A carroça

Texto extraído do livro *O legado da sabedoria*, de Miguel Attie Filho, editora Edicon, São Paulo, 1995.

"A carroça de frutas, completamente desgovernada, rolou barranco abaixo, e seu condutor, o jovem Al Eitta, por muita sorte sobreviveu. Os cavalos escaparam e nunca mais foram encontrados. A carroça ficou praticamente irreconhecível: a parte de madeira despedaçou-se e a de ferro entortou-se. E grande parte das suas economias e das de seu pai ali se perderam. Algumas pessoas que passavam pelo local socorreram o jovem e o levaram para casa.

No dia seguinte, quando acordou, o rapaz sentia-se muito chateado pelos prejuízos sofridos. Estranhamente, porém, viu que os pedaços da carroça haviam sido recolhidos e estavam amontoados em frente ao galpão principal de sua casa. Surpreso, perguntou ao pai:

— O que faz esse entulho em nossa casa?!

— Fui eu quem o trouxe, respondeu o pai, para que nós decidíssemos o destino dele.

Naquele mesmo dia, então, trataram de chamar o ferreiro da cidade, para ouvir a sua opinião.

— Não há mais conserto, disse o homem. O que se gastaria para consertar esta carroça seria suficiente para comprar duas outras novas. Infelizmente, esta serve apenas como sucata.

Diante do fato, o pai dispensou o ferreiro que, levando a sucata, comprometeu-se em providenciar, em breve, uma nova carroça. Depois de algumas semanas, o homem voltou, trazendo o que havia combinado. O jovem, então, chamou seu pai e os dois foram até o portão. Quando lá chegaram, porém, Al Eitta notou que não se tratava de uma carroça nova, mas sim daquela mesma que ele havia destruído no acidente. Sem dizer uma palavra, o pai lhe passou o comando do coche e eles deram uma longa volta pela cidade. O rapaz, intrigado com o que se passava, comentou:

— Meu pai, não posso esconder minha estranheza: não o vi, em nenhum instante, enfurecido pela destruição da nossa carroça e, menos ainda, pela perda das nossas economias.

— Al Eitta — disse o pai — eu não me zanguei porque a nossa vida vale muito mais do que a vida da nossa carroça. E não haveria como zangar-me, pois nessa troca eu saí lucrando: dei uma carroça velha pela vida do meu filho!

— Sim, entendo... mas mesmo assim: por que um reconhecido comerciante como o senhor, meu pai, aumentaria o seu prejuízo material, gastando o preço equivalente a duas carroças novas para reformar uma que já havia sido destruída?

— Para que você visse, Al Eitta, que por mais que a nossa carroça venha a se despedaçar, nós sempre poderemos consertá-la; porém, se a nossa falta de prudência arrancar uma unha sequer do menor dos nossos dedos, nem com todo o dinheiro do mundo nós

poderíamos devolvê-la ao seu lugar! E entre destruir-se a nossa carroça, destruírem-se os nossos dedos ou, o que seria pior, destruir-se o nosso afeto, eu prefiro sempre que nós nos ocupemos com o que é mais importante!

A partir daquele dia, Al Eitta, o filho, mudou três coisas na sua vida: o seu modo de dirigir carroças, o seu modo de dirigir os negócios e o seu modo de valorizar as coisas na vida...

Mas esta não é a nossa antiga carroça?!"

Bumba-meu-boi

Texto de Joel Rufino dos Santos, publicado na revista Nova Escola, São Paulo, junho de 1993.

"Esta é uma história de vontade. Numa fazenda de gado à beira do rio São Francisco, trabalhava um casal de escravos: Francisco e Catirina. Vai que um dia Catirina ficou grávida. Numa noite em que a lua prateava o pasto, Catirina gemeu para o marido:

— Estou com desejo de língua de boi.

— Vontade de grávida é ordem — disse Francisco —, mas os bois não são nossos. Você sabe, mulher.

Naquela mesma hora, não é que apareceu um boi enorme, branco e gordo? De quem é, de quem não é... Francisco entrou para dormir, mas Catirina foi atrás. Tinha um olhar cumprido que dava pena:

— Quem me dera uma língua de boi...

Francisco saiu e matou o coitado. Cozinhou a língua e pôs fim ao desejo da mulher. Chamou depois os vizinhos e repartiu o resto:

— A pá é pro Itamá. A peitaca pro seu Vilaça. Pro meu sobrinho, Antonil, o costaco. Pro seu Dodato, o pernil...

Só sobraram os chifres e o rabo, que ninguém quis.

Daí a dias, o dono da fazenda cismou de ver o rebanho:

— Cadê o boizão, aquele que eu trouxe do Egito?

O feitor procurou pela fazenda inteira. Deu a notícia:

— Sumiu.

— Sumiu, como?!

Um escravo que tinha visto Francisco fazer a repartição, e não tinha ganhado nada, contou:

— Vi o Chico matando ele.

O amo caiu no choro. Era um homem feroz, mas triste. Socava a parede:

— O meu boi, boi Barroso que veio do Egito em caravela!...

Dava dó.

— Vou consolar o amo — disse Francisco quando soube.

— Está louco — falou Catirina. É melhor fugir.

O pobre do amo olhava cumprido o que restava do boi: o esqueleto com o rabo e os chifres. Mandou buscar curandeiros em todas as partes. O primeiro olhou, olhou.

— Tá morto — e deixou uma lista de remédios.

— Com três dias arriba.

De fato, no terceiro dia o boi deu um pum. Foi só. Rezaram, recitaram mantras, cumpriram penitências. Nada. Dessa vez nem um traque.

Alguém se lembrou de um pajé. Chegou com ervas e uma coleção de sapos secos. Acendeu um cachimbo e bafou os restos do boi. Também, nada.

— O meu boi morreu! — chorava o amo — Que será de mim?

— Manda buscar outro — sugeriu o feitor —, lá no Piauí.

Ninguém queria entender o sofrimento dum homem tão rico. Enquanto isso, Francisco e Catirina estavam escondidos no município de Æo. Fica prá lá de Montes Claros e acabaram sabendo que um fazendeiro assim assim morria de paixão por um boi assassinado etc.

— Se eu soubesse — suspirou Catirina — não te pedia língua de boi aquela noite.

— E se eu soubesse — falou Francisco — não te fazia a vontade.

O menino, que tinha nascido e já era grandinho, chamado Mateus, estava ouvindo a conversa.

— Meu pai, minha mãe, eu resolvo o caso.

Chegaram na fazenda. Francisco e Catirina ainda com medo do castigo. O amo, porém, só tinha olhos pra chorar. Os escravos há muito tempo não faziam mais nada. As porteiiras estavam escancaradas e um vento frio fazia redemoinho na própria sala da casa grande.

Lá estavam os restos do boi no terreiro: o esqueleto com o rabo e os chifres. Mateus levantou o rabo do boi e espiou lá dentro. Ninguém sabe o que ele viu. Assoprou três vezes.

— O boi viveu! O boi viveu! Saiu chifrando quem estava perto. O amo não cabia em si de alegria. Pulava e abraçava os escravos. Perdoou Francisco e Catirina.

Esse foi o primeiro bumba-meu-boi do mundo. Mais tarde, pra ficar mais bonito, inventaram as criaturas fantásticas: o Caipora, o Bicho Folharal, o Jaraguá e a Bernúncia. E outros animais, além do boi: a Burrinha, a Ema, o Cavalo-Marinho, o Urso, o Jacaré, o Urubu e muitos outros."



Os vasos preciosos

Malba Tahan

Um príncipe poderoso tinha vinte vasos de porcelana, belíssimos, que eram o seu orgulho. Guardava-os numa sala especial, onde ficava durante muitas horas a admirá-los.

Um dia, sem querer, um criado quebrou um dos vasos. O príncipe, enfurecido e inconsolável com a perda do precioso objeto, condenou à morte o desastrado.



Nessa ocasião, apresentou-se no palácio um velho sábio que se propôs a consertar o vaso de maneira a ficar perfeitamente igual aos outros, mas, para isso, precisava ver todos juntos.

A sua proposta foi aceita. Sobre uma mesa coberta com riquíssima toalha estavam os dezenove vasos enfileirados. Aproximando-se, o sábio, como se estivesse enlouquecido, puxou com violência a toalha e os vasos tombaram ao chão, em pedaços.

O príncipe ficou mudo de cólera, mas antes que ele falasse, o sábio, tranqüilamente, explicou:

Senhor, estes dezenove vasos poderiam ainda custar a vida a dezenove infelizes. Assim, dou por estes a minha, porque, velho como sou, para nada sirvo.

Refletindo, o príncipe compreendeu que os vasos do mundo, por mais belos e preciosos, não valiam a vida de um ser humano.

Perdoou o sábio e também o servo desastrado.

O piano

Autor desconhecido – relato veiculado na Internet, em 1998.

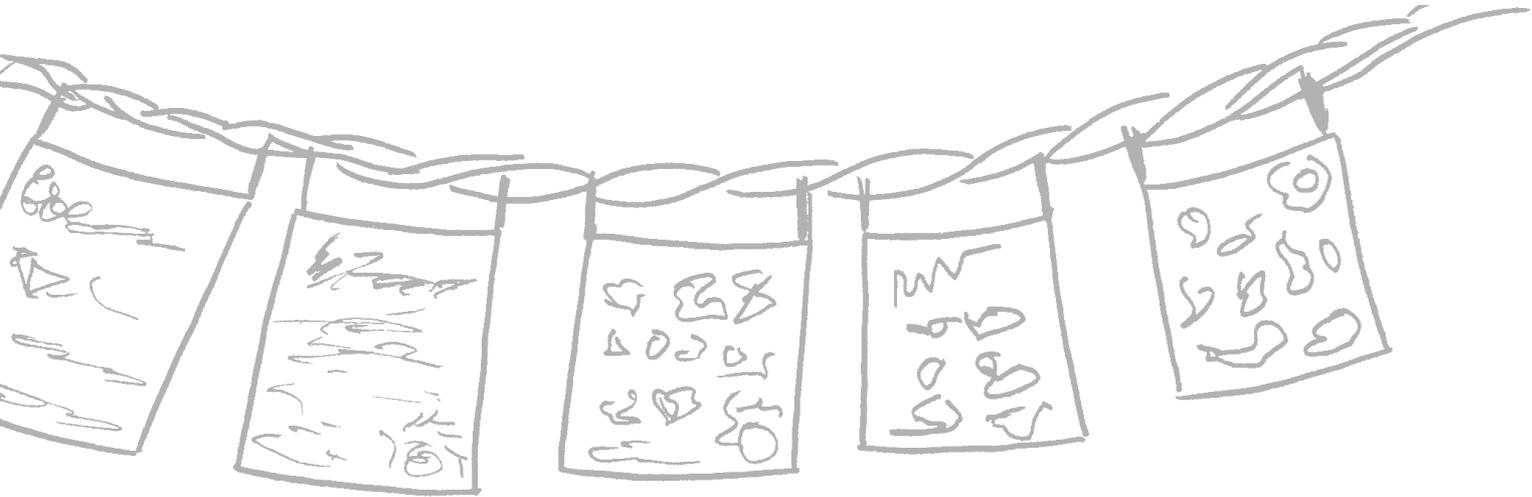
Com o desejo de encorajar seu filho a estudar piano, a mãe levou o menino a um concerto de Paderewski, famoso compositor polonês. Depois de terem se sentado, a mãe reconheceu uma amiga na platéia e caminhou em sua direção. Aproveitando a oportunidade para explorar as maravilhas de uma sala de concertos, o garoto se levantou e foi em direção a uma porta, sobre a qual estava escrito: “Não entre”.

Quando as luzes da sala começaram a escurecer e o concerto estava para começar, a mãe retornou a seu assento e descobriu que seu filho tinha desaparecido. De repente, as cortinas se abriram e as luzes focalizaram, sobre o palco, o impressionante piano Steinway. Horrorizada, a mãe viu o pequeno sentado na frente do teclado, inocentemente tocando algumas notas de uma canção infantil.

Nesse momento, o grande mestre do piano entrou no palco e rapidamente se dirigiu ao piano, sussurrando nos ouvidos do menino: “Não pare. Continue tocando”.

Então, inclinando-se, Paderewski colocou a mão esquerda sobre o teclado e passou a complementar a melodia simples, com uma harmonia. Em seguida, a sua mão direita, contornando o outro lado do menino, adicionou um *obbligato* rápido. Juntos, o velho mestre e o jovem aprendiz transformaram uma situação amedrontadora numa experiência criativa, magnífica. E o público ficou encantado.

Seja qual for a nossa situação na vida – não importa quão opressiva, desesperada, aparentemente inútil –, seja até a nossa “noite escura da alma”, Deus está sussurrando bem dentro de nosso ser: “Não pare. Continue tocando. Você não está só. Juntos, vamos transformar esses padrões desconectados numa obra de arte do espírito criativo. Juntos, iremos encantar o mundo com a nossa canção”.



Literatura de cordel

74

A era tecnológica, ao contrário de nos afastar de nossas raízes, deve facilitar nosso conhecimento sobre as origens, estimular a integração das diversas (e tão ricas!) culturas de nosso povo. Um das expressões mais representativas desse universo é a literatura de cordel.

O que é cordel?

“Cordel: s.m. Corda muito delgada; cordinha/Bras. Literatura de cordel, o romancelo popular nordestino, que se distingue em dois grandes grupos: o da poesia improvisada, cantada nas “cantorias”, e o da poesia tradicional, de composição literária, contida em folhetos pobremente impressos e vendidos a baixo preço nas feiras, esquinas e mercados do Nordeste.

A literatura de cordel pode ser encontrada em pequenas brochuras, com capa de papel ordinário, contendo versos ilustrados por xilogravuras rústicas. O nome cordel vem do fato de que costumam ser penduradas em fios de algodão — os chamados cordéis — em seus pontos de venda.”

Fonte: *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, volume 7, p.1620, Editora Nova Cultural, São Paulo e Rio de Janeiro, 1998.

COMO SE FAZ

Propõe-se às pessoas do grupo compor versos de cordel, completando os textos com suas próprias rimas.

*“O Samba é mais Cadência
remelexo nas _____
sapateado liberto
nas ruas e nas _____
e tem mais aceitação
entre as danças _____
O nosso país precisa
com rigor e com _____
divulgar nossa cultura
que está numa _____
valorizar o estrangeiro
dá-nos fatal _____”*

Varição

Pode-se promover um concurso de cordel. As pessoas formam equipes e fazem composições sobre os temas do Manifesto 2000.

Ditados populares

Provérbio, ditado, sentença: não importa o nome. A sabedoria popular encerra verdades indiscutíveis. Cada povo tem seus provérbios, mostrando a universalidade da alma em diversas regiões do planeta.

Os provérbios nos dão conselhos de prudência: “Não deixe para amanhã o que podes fazer hoje”. Consolam: “Não há bem que sempre dure, nem mal que sempre ature”. Advertem: “Quem semeia vento, colhe tempestade”.

O povo se vale de frases consagradas pela tradição para várias ocasiões:

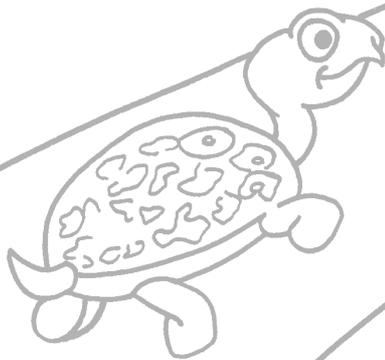
- Um homem prevenido vale por dois.
- Quem dorme no ponto é chofer.
- Cuidado com o andor que o santo é de barro.
- Quem não tem cão, caça com gato.
- Afobado come cru.
- Um mais um é muito mais que dois.
- Quando um não quer, dois não brigam.
- A união faz a força.

COMO SE FAZ

As pessoas, ou equipes, podem criar seus provérbios, inspirados em temas do Manifesto 2000! O novos provérbios podem decorar a escola em uma mostra “Provérbios da paz”.

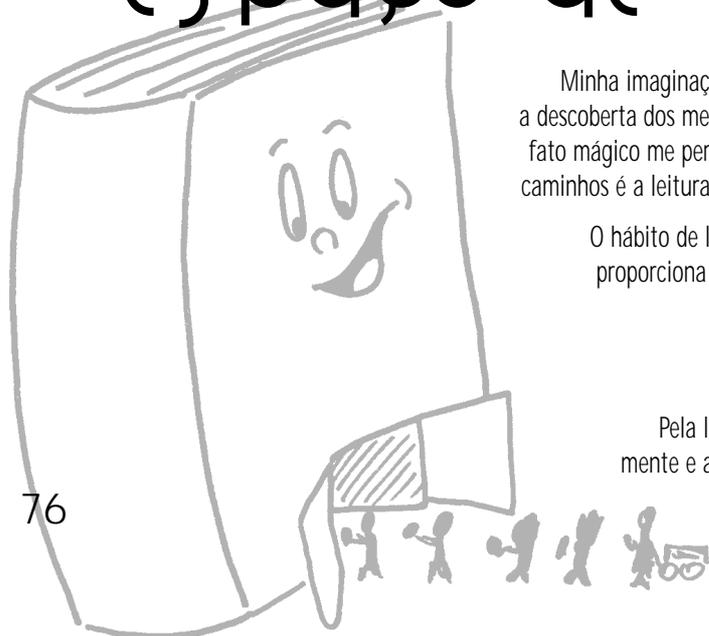


75



**“Devagar se vai ao longe..
devagar eu chego lá!”**

espaço de Leitura



Minha imaginação percorre a história da humanidade. Os primeiros instrumentos feitos de pedra, a descoberta dos metais, a agricultura. Enfim, posso compreender como chegamos até a lua. Mas que fato mágico me permite desvendar o passado, conhecer outros povos, ter notícias de Marte? Um dos caminhos é a leitura, que é uma fonte de conhecimento e de entretenimento para adultos e crianças.

O hábito de ler, que evoluiu junto com a cultura humana, aumenta nosso conhecimento e nos proporciona uma visão melhor do mundo. Pela leitura entramos em contato com outros seres humanos, numa relação fora de nossa dimensão de tempo e espaço, entramos em contato com um mundo mágico.

Ler é buscar orientação para nossos sonhos, ampliar o entendimento do mundo! Pela leitura, descobrimos sempre um pouco mais de nós mesmos. Com ela relaxamos a mente e aprimoramos a concentração. Escutamos melhor “nossas vozes”, que impulsionam

nossas escolhas e nossos ideais. Quando lemos ou ouvimos uma história, construímos nossa própria fantasia: as cores, o jeito dos personagens, os lugares.

O hábito da leitura é, enfim, uma atividade muito importante para a construção de uma Cultura de Paz.

DICAS PARA O ORGANIZADOR

- É preciso escolher e orientar o que vai ser lido: publicações de má qualidade proliferam nas bancas! Pode-se fazer um trabalho para desenvolver o senso crítico dos jovens: que valores estão sendo veiculados nessas revistas? E nas propagandas? Isso vai contra ou a favor da construção de uma Cultura de Paz?
- O espaço de leitura pode ser utilizado por pessoas de todas as idades. É uma boa oportunidade para ocupar tanto as crianças como os jovens de uma mesma família. Uma atividade que leva à calma e à concentração.
- Criar uma gibiteca comunitária. Os jovens ou crianças doam, angariam e organizam! É uma atividade que desenvolve valores como a cooperação e o ato de partilhar. A mesma idéia pode ser usada para revistas semanais de informação.
- A biblioteca da escola pode ser transformada em um ambiente agradável, quem sabe até com uma música de fundo, para desenvolver o gosto pela leitura.
- Um cantinho de leitura deve ter um clima gostoso. Uma boa opção, quando o tempo permite, é explorar espaços ao ar livre.
- Organizar um piquenique com a turma da leitura, onde se aproveita para discutir o material que está sendo lido. Isso contribui para o senso de união.
- Os participantes podem cuidar do espaço de leitura fazendo enfeites, mutirão de arrumação e limpeza etc.
- Várias histórias em quadrinhos trabalham conceitos do Manifesto 2000. Faça uma pesquisa e aproveite para discutir com a turma.
- Pode-se iniciar as atividades de leitura contando histórias. O grupo também pode dramatizar histórias, criar cenários, pensando nos seis pontos do Manifesto 2000.
- Idéias interessantes podem surgir, como dramatizações com fantoches. Deixe “rolar” a imaginação dos participantes.
- O repertório de livros infanto-juvenis que podem ser usados para trabalhar valores de uma Cultura de Paz é imenso. Faça uma lista dos livros disponíveis em sua escola, com auxílio de educadores.



ATIVIDADES

Livros para jovens

Pantera no Porão

Amós Oz

O Diário de Anne Frank

Anne Frank

Mais Coisas que Toda Garota Deveria Saber

Antonio Carlos Vilela

A Viagem de Théó

Catherine Clément

A Arte da Felicidade

Dalai Lama

As Aventuras do Capitão Cueca

Dav Pilkey

Estação Carandiru

Dráuzio Varella

Poemas Escolhidos

Ferreira Gullar

Desenhos de Guerra e Amor

Flávio de Souza

A Revolução dos Bichos

George Orwell

O Cidadão de Papel

Gilberto Dimenstein

Vidas Secas

Graciliano Ramos

Morte e Vida Severina

João Cabral de Melo Neto

Histórias de Amor

Histórias Fantásticas

José Paulo Paes (coordenação)

O Dia do Curinga

O Mundo de Sofia

Jostein Gaarder

Gen, Pés Descalços, a Vida Após a Bomba

Keiji Nakazawa

A Terra é Azul

Lucília Junqueira de Almeida Prado

O Clube dos Sete

Marconi Leal

Histórias sobre Ética

Marisa Lajolo (coordenação)

O Legado da Sabedoria

Miguel Attie Filho

O Amor que Acende a Lua

A Magia dos Gestos Poéticos

Rubens Alves

Coisas que Toda Garota Deve Saber

Samantha Rugen

Estrelas Tortas

Walcyr Carrasco

Revistas para jovens

Arte e Informação, Ar de Paris Editora

Galileu, Editora Globo

Horizonte Geográfico, Audichromo Editora

National Geographic, N.G. Ventures

Natureza, Editora Europa

Problemas Brasileiros, Sesc e Senac

Sentidos, Áurea Editora

Superinteressante, Editora Abril

Terra, Editora Peixes

Sites para jovens

Aids

www.aids.gov.br

www.pelavidda.org.br

Anistia Internacional

www.utopia.com.br/anistia

Drogas

www.diganaoasdrogas.com.br

www.drogas.org.br

Ecologia

www.neoambiental.com.br

www.greenpeace.org.br

Meu primeiro emprego

<http://planeta.terra.com.br/educacao/meuprimeiroemprego>

Música

<http://www.usinadosom.com.br>

Projeto Aprendiz

www.uol.com.br/aprendiz

Trabalho voluntário

www.terceirosetor.org.br

www.voluntarios.com.br

Livros infantis

Do Outro Lado Tem Segredo
História Meio ao Contrário
Menina Bonita do Laço de Fita
 Ana Maria Machado

O Pequeno Príncipe
 Antoine de Saint Exupéry

Crianças como Você
 Barnabas e Anabel Kindersley

A Zeropéia
 Betinho

Encontro com Tarsila
 Cecília Aranha e Rosane Acedo

Chapeuzinho Amarelo
 Chico Buarque de Holanda

A Vida Íntima de Laura
 Clarice Lispector

Os Dez Amigos
Um Sorriso Chamado Luiz
 Coleção Corpim: Pelegrino & Petrónio

Coisas de Índio
As Serpentes que Roubaram a Noite e
Outros Mitos
 Daniel Munduruku

A Curiosidade Premiada
A Fada que Tinha Idéias
Os Problemas da Família Gorgonzola
 Eva Furnari

Quem Tem Medo de Monstro?
 Fanny Joly e Jean Noël Rochut

Cocô de Passarinho
Quem Cochicha o Rabo Espicha
 Fernanda Lopez de Almeida

Lá Vem História
O Livro dos Medos
 Heloísa Prieto (organização)

A História dos Escravos
 Isabel Lustosa

Ida e Volta
 Juarez Machado

Suriléia, Mãe Monstrinha
 Lia Zatz

O Marido da Mãe D'Água
A Princesa e o Gigante
 Luís da Câmara Cascudo
Os Lusíadas
 Luís de Camões — adaptação de Edson
 Rocha Braga

Lúcia Já-vou-indo
 Maria Heloísa Penteado
Um Amigo para Sempre
 Marina Colasanti

O Homem que Soltava Pum
Sexta-feira de Noite
 Mário Prata

O Menino do Dedo Verde
 Maurice Druon

Caçadas de Pedrinho
Memórias de Emília
Reinações de Narizinho
 Monteiro Lobato

Volta ao Mundo em 52 Histórias
 Neil Philip

Portinari – Vou Pintar Aquela Gente
 Nilson Moulin e Rubens Matuck

O Fantástico Mistério de Feiurinha
 Pedro Bandeira

A Formiga Aurélia e Outros Jeitos de Ver o
Mundo
 Regina Machado

Dormir Fora de Casa
Macaquinho
 Ronaldo Simões Coelho

Marcelo, Marmelo Martelo
O Que os Olhos Não Vêm
O Reizinho Mandão
 Ruth Rocha

Ponto de Tecer Poesia
 Sylvia Orthoff

Dez Sacizinhos
 Tatiana Belinky

Quem Canta Seus Males Espanta
 Theodora Maria Mendes de Almeida
 (coordenação)

O Bichinho da Maçã
Flies
O Menino Maluquinho
 Ziraldo

artes manuais

A prática do fazer nos tornou civilizados: construímos cidades, monumentos e muitos símbolos da nossa cultura. Mas, nas sociedades contemporâneas, a tecnologia imobilizou o potencial do criar e do fazer com as mãos. Vamos resgatar esse potencial e descobrir uma variedade incrível de possibilidades.

Usar as mãos como ferramenta de trabalho nos dá o prazer de ver o produto de nossa habilidade, de nossa criação. Ao fazer um trabalho artesanal, desenvolvemos nossa capacidade de reflexão e de entretenimento, resgatamos nossos gostos pessoais, nossa cultura local, familiar, regional, nacional, mundial. Enfim, resgatamos nossa identidade de várias formas. Trabalhos manuais também podem resultar em profissionalização e gerar renda com a venda dos produtos feitos.

DICAS PARA O ORGANIZADOR

- Escolha com cuidado os materiais utilizados, de acordo com a faixa etária dos participantes da atividade.
- Fique atento para evitar possíveis acidentes.
- Os materiais utilizados na atividade podem ser obtidos por doações, trocas ou trazidos pelos participantes.
- Planeje adequadamente as atividades, avalie o espaço físico e relacione os materiais necessários.
- É possível sugerir que os participantes se encontrem periodicamente criando grupos organizados em torno da atividade. Por exemplo: um "clube de mães". Esses grupos ajudam a desenvolver a solidariedade.
- Lembre que ao realizar trabalhos manuais ampliamos nossa capacidade de reflexão e de concentração. Um clima de interiorização e calma é muito bem-vindo!



ATIVIDADES

Pesquisa baseada no *site* da Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, setembro de 1999.

Batique (Tye-die)

Quase um "uniforme" dos *hippies* da década de 70, o batique veio da Ásia, onde foi criado há muitos séculos. Essa técnica de colorir tecidos é tão fácil e criativa que agora volta à moda, com o nome de *tye-die*. Veja, a seguir, como fazer batique em uma camiseta.

MATERIAL

- Fogão • Camiseta branca de algodão
- 1 tubinho de corante de roupas na cor de sua preferência
- 1 rolo de barbante • 2 panelas menores
- 1 panelão ou caldeirão • Colher de pau • Água

COMO SE FAZ

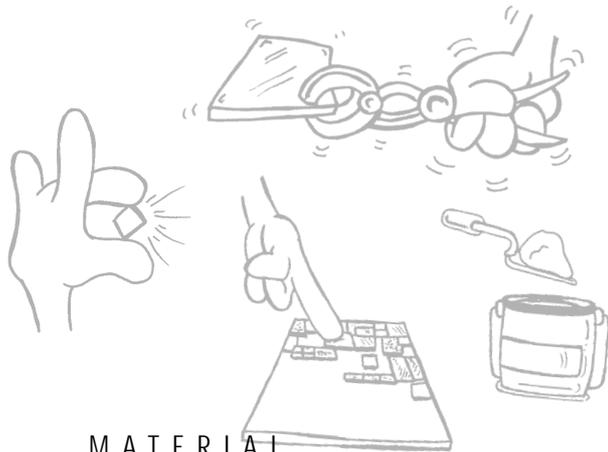
- Mergulhe a camiseta em água fria
- Para formar um círculo, puxe uma ponta de tecido e amarre com barbante. Quanto mais voltas de barbante, mais nítido o desenho. Para fazer listras, enrole o tecido com muitas voltas de barbante, sempre bem juntas, deixando um espaço entre as amarras do tamanho que você preferir (pode ser em toda a camiseta, apenas duas ou três listras ou somente nas mangas ou na barra da camiseta).
- Ponha dois recipientes com água para ferver
- Dissolva o corante em 1 litro de água fervente
- Despeje-o no caldeirão e acrescente mais água quente

- Quando a água estiver fervendo novamente, coloque a camiseta e mexa com a colher de pau por meia hora.
- Desligue o fogo, escorra a água e enxague bastante a camiseta em água de torneira.
- Corte o barbante com tesoura, enxague a camiseta mais duas vezes e ponha para secar.

Mosaico

Vemos nas revistas e nas lojas: de uma caixinha decorada a uma mesa de jantar. O mosaico, que se originou no Oriente Médio, ganha cada dia mais adeptos. Fáceis de fazer e bastante personalizados, os trabalhos em mosaico podem divertir, relaxar, passar uma mensagem de paz. Enfeitando a parede da escola, por exemplo! Nesta atividade, pode-se fazer um painel, uma bandeja ou o que se desejar. Sugira que os participantes trabalhem temas ligados aos pontos do Manifesto 2000. Ou lembre que a vida também é um mosaico, com partes mais reluzentes, outras mais apagadas. Nem tudo se encaixa “certinho” (observe como os azulejos são irregulares!) mas, no conjunto, o trabalho (assim como a história de cada um) acaba sendo belo e harmonioso.

80



M A T E R I A L

Pastilhas coloridas ou azulejos • Cascola de contato • Pincel • Espátula • Torquês (alicate especial para cortar pastilhas e azulejos) • Pinça • Lixa (para aparar pontas das pastilhas ou azulejos) • Massa para rejuntar • Solvente

C O M O S E F A Z

- Lixe a superfície a ser trabalhada (madeira, cimento etc.) e depois limpe com um pano úmido, retirando o pó.
- Desenhe na superfície o motivo que deseja.
- Com o torquês, corte as pastilhas ou azulejos.
- Com um pincel, espalhe a cola sobre a superfície.
- Escolha as pastilhas ou azulejos de maneira que as formas sejam irregulares, mas permitam encaixes. Passe o rejunte sobre todo o trabalho com a ajuda de uma espátula, preenchendo os espaços entre as pastilhas. Com uma esponja úmida, ou embebida em solvente, retire o excesso do rejunte, limpando toda a superfície.

Pintura em madeira

Que tal mudar o visual de um móvel velho e transformá-lo em uma peça nova e atraente? Ou utilizar essa técnica para prestar serviços de reforma de mobília e ganhar um dinheirinho extra? Esta atividade mostra a aplicação da técnica em uma cadeira, mas é possível utilizá-la em outras peças de madeira.

M A T E R I A L

Lixa 150 • Panos de limpeza • Álcool • Goma laca incolor
Pincel de cerdas largas • Pincéis chatos nº 12 e nº 8
Tinta PVA em duas cores diferentes (ex.: azul claro e azul marinho)
Rolo de espuma tamanho pequeno e médio
Glaze • Saco plástico • Máscara em papel vegetal
Lápis preto nº 2 • Purpurina ouro velho • Tinta a óleo terra siena
Régua • Verniz à base de água



COMO SE FAZ

- Lixe a cadeira
- Limpe a peça com um pano embebido em álcool
- Passe goma laca incolor e deixe secar por uma hora
- Passe duas demãos de tinta azul claro com o rolo médio. Deixe secar por duas horas.
- Pegue um saco plástico, amasse bem, molhe na tinta azul-marinho já misturada com glaze. Salpique na cadeira e deixe secar por uma hora.
- Com o lápis preto, faça o desenho do coração previamente riscado no papel vegetal.
- Aplique a purpurina dissolvida em goma laca, preenchendo todo o desenho. Use o pincel número 12.
- Com o pincel número 8, faça o contorno do desenho com a tinta terra siena. Deixe secar durante 24 horas.
- Passe o verniz e deixe secar por duas horas



Artesanato com sementes

A beleza das sementes e das ervas, mesmo que secas, é uma demonstração do quanto a natureza tem para nos oferecer. Em troca, precisamos preservar nosso planeta. E esta atividade nos ajuda a lembrar disso. Vamos fazer um simpático arranjo de mesa ou um enfeite para o escritório?

MATERIAL

Bolas de isopor (tamanhos variados de acordo com seu gosto e sua intenção de trabalho) • Cola de isopor • Sementes e ervas variadas • Verniz em *spray* • Tinta acrílica nas cores das sementes ou ervas que serão usadas

COMO SE FAZ

- Pinte a bola de isopor com tinta acrílica semelhante à cor da semente que será usada
- Cole as sementes na bola, formando círculos.
- Passe verniz em toda a bola
- Para montar um arranjo, use pratos ou centros de mesa que tem em casa.
- Como variação, a bola pode ser fincada em pequenos troncos e estes presos em vasinhos com argila, os quais também podem ser pintados ou forrados, formando uma árvore de sementes.

Artesanato com jornal ou revista

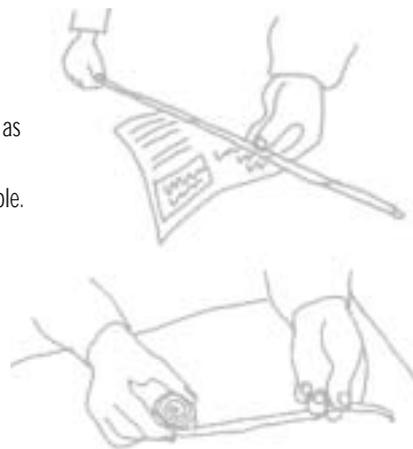
É muito fácil fazer um apoio para pratos ou para panelas usando um material simples, barato e com efeitos inacreditáveis. Haverá até quem duvide que uma peça tão interessante surgiu de folhas de revistas ou jornais. Estas dicas são apenas a base para que cada um use a imaginação e crie outras peças. Para obter resultados mais alegres e coloridos, pode-se utilizar tinta colorida para papel.

MATERIAL

Folhas de revista ou de jornal • Cola branca • Verniz
Uma vareta de cabide • Pincel

COMO SE FAZ

- Com a vareta, faça canudos com as folhas, uma de cada vez.
- Encaixe um canudo no outro e cole. Pressione bem os canudos até que fiquem achatados.
- Enrole os canudos em espiral, bem firme. Se quiser, vá colando os canudos na espiral, até ficar do tamanho desejado.



Mural da Paz



Este é um trabalho para ser mantido em exposição. Assim, outras pessoas terão a oportunidade de receber essa mensagem de paz. Este mural não inspira solidariedade apenas em quem trabalha nele, mas em qualquer um que esteja disposto a construir um mundo melhor. Uma opção que gera a inclusão é convidar grafiteiros da comunidade para fazer o mural da paz... nas paredes da escola!

M A T E R I A L

Folhas de papel grande para forrar a parede
Tinta e outros materiais que se deseje utilizar na montagem
Cola ou durex

C O M O S E F A Z

O grupo faz um painel de papel para desenhar ou prepara uma parede para ser pintada.

Tudo o que se tem a fazer é representar, cada um a seu jeito, o que entende por Cultura de Paz. É aconselhável colocar os seis pontos do Manifesto 2000 – Respeitar a Vida, Rejeitar a Violência, Ser Generoso, Redescobrir a Solidariedade, Preservar o Planeta e Ouvir para Compreender – no local que vai ser pintado.

Cada participante começa trabalhando em um pedaço do mural e, depois, todos podem interagir e completar os desenhos feitos por todos. Ao final, cada um pode completar o desenho com uma frase sobre o que acha necessário fazer para atingir a paz.

Este pode ser um ótimo exercício para trabalhar a questão dos conflitos de território (cada um inicia no seu “território” e depois vai para o território dos outros participantes). Como se deram essas interações? Houve conflito por causa de território?

Outro ponto importante desta atividade é o próprio resultado. Como as pessoas enxergam a questão da paz? Quais foram os elementos que mais apareceram? O que falta na nossa vida pessoal e coletiva para atingir essa paz?

V A R I A Ç Ã O

Os participantes podem ser divididos em seis grupos diferentes e cada grupo desenha um dos pontos do Manifesto 2000. Ao final, deve haver uma grande conversa para que todos possam entender os desenhos de cada um, e os sentimentos gerados a partir de cada ponto.

Dobradura

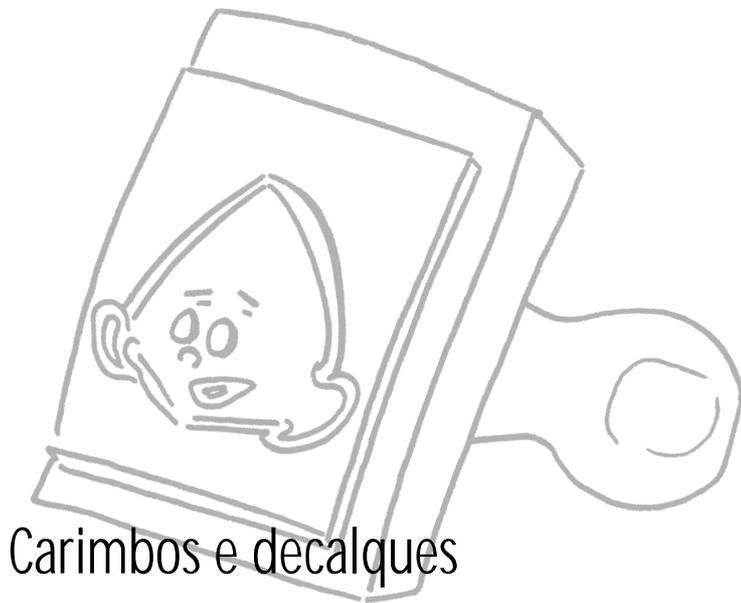
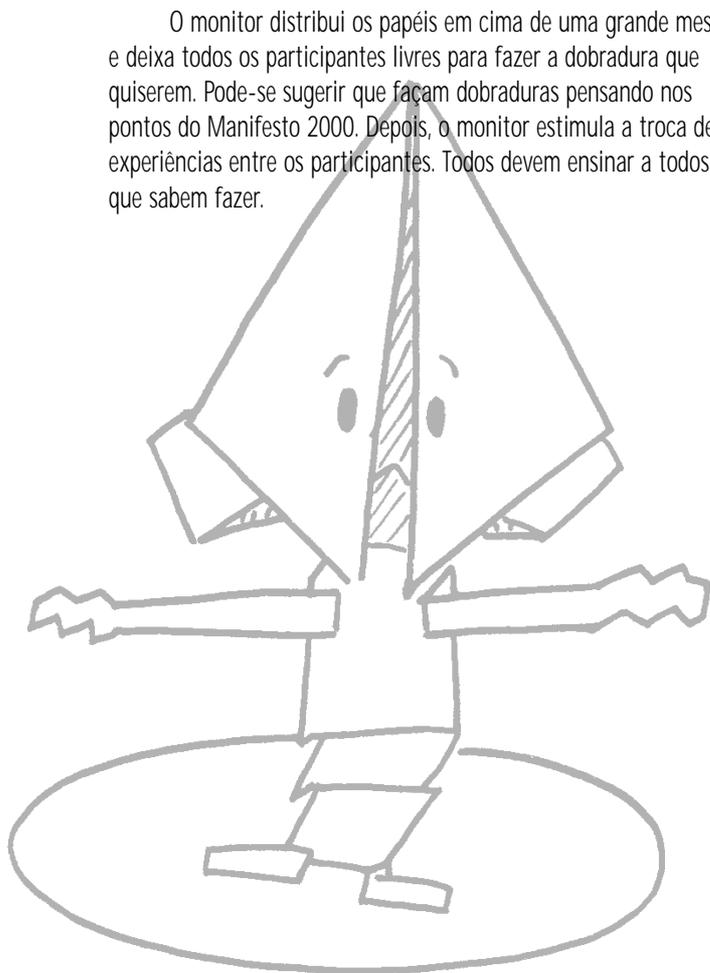
Apesar de bem simples, esta atividade é muito rica! O grupo se reúne para criar, trocar experiências e ajudar uns aos outros. Se for possível, providencia-se um livro de origami para consulta. Mas antes de oferecer os modelos prontos, pede-se àqueles que sabem fazer alguma dobradura para ensinar os demais.

MATERIAL

Papéis de cores e tamanhos variados • Tesoura • Régua

COMO SE FAZ

O monitor distribui os papéis em cima de uma grande mesa e deixa todos os participantes livres para fazer a dobradura que quiserem. Pode-se sugerir que façam dobraduras pensando nos pontos do Manifesto 2000. Depois, o monitor estimula a troca de experiências entre os participantes. Todos devem ensinar a todos o que sabem fazer.



Carimbos e decalques

Esta atividade é bastante livre. O grupo faz carimbos com sucatas e materiais de texturas diferentes. Os pedaços de materiais são molhados em tinta (para carimbos) ou colocados sob papel ou cartolina (para que seja feito o decalque do relevo).

83

VARIAÇÕES

Pinturas em grupos, com decalques e texturas diferentes, sobre os temas do Manifesto 2000.

Desenho de observação

O monitor ou as pessoas do grupo trazem objetos para serem desenhados por observação. Por exemplo: folhas, frutas, objetos decorativos, ferramentas etc. Depois o grupo faz um desenho coletivo. Finalizado o trabalho, o monitor mostra a diversidade de representações que foram produzidas, e os diferentes contornos que oferece cada objeto, dependendo do ângulo que olhamos.

Por último, todos conversam e refletem sobre as diferenças nos desenhos. Será que o meu ponto de vista sobre uma situação é o único? E se eu olhar sob o ângulo de outra pessoa, será que a situação muda?

culinária



Lavamos os vegetais e lembramos da terra que produz alimentos. As frutas suculentas nos recordam dos ciclos das estações do ano. E o que vai no lixo? Quanto alimento desperdiçado... Ao preparar os alimentos, misturamos também saborosos ingredientes da vida: bom humor, lembranças, histórias, aconchego.

As receitas contam ainda a história das culturas e dos regionalismos. Por isso muitos valores da Cultura de Paz podem ser trabalhados nos atos de preparar e de compartilhar os alimentos: a generosidade pela partilha, a consciência da carência e do desperdício, entre outros. As salas de aula da escola e até mesmo a cantina ou a cozinha podem ser palco para divertidas e instrutivas aulas de culinária. E as refeições podem ser aproveitadas para falar sobre os alimentos: de onde vieram? Para onde vão?

A seguir, você vai conhecer receitas de farinhas e alimentos enriquecidos que podem ajudar a melhorar a saúde e salvar a vida de muitas crianças. Ajude a divulgar! Também verá dicas para o combate ao desperdício de alimentos. Outras informações valiosas, que merecem ser difundidas até em cartazes!

84

DICAS PARA O ORGANIZADOR

- Resgate a cultura local, as receitas regionais. Os idosos podem ser voluntários em aulas de culinária.
- Preparar lanches e refeições em equipe promove a solidariedade, o senso de participação e a criatividade.
- Cultive no grupo o cuidado na montagem da mesa de refeições. Ao prepará-la com amor, capricho e beleza estamos dizendo que amamos nosso semelhante.
- A história de um povo pode ser conhecida pelos seus hábitos alimentares. Existem músicas e obras da literatura que também falam de comida. Estimule encontros que discutam essas questões.

- Duas maravilhas do cinema nos falam de amor e culinária: *A Festa de Babbete* e *Como Água para Chocolate*. Nesses dois filmes, as mágicas cozinheiras enfeitam seus convidados pelos prazeres da mesa. Pode-se começar as atividades com esses filmes inspiradores.
- Vários livros de Rubem Alves nos falam de amor e culinária. Deleite-se com a leitura de *Concerto para Corpo e Alma*. Leia trechos para os participantes, faça cartazes e invente uma brincadeira.



ATIVIDADES

Receitas alternativas

Selecionadas da obra *Alimentação Alternativa*, de Clara Takaki Brandão e Rubens Franco Brandão, publicada pelo Centro de Pastoral Popular, Goiás, abril de 1999.

Pão nutritivo

- 1 kg de farinha de trigo branca
- 2 copos de farelo de trigo molhado com água fervente
- 1/2 copo de óleo • 2 colheres (sopa) de açúcar (de preferência preto)
- 2 colheres (sopa) de fermento de pão (50g) • Água morna

Em um copo com água morna misture uma colher de sopa de açúcar, uma colher de sopa de farinha e o fermento. Deixe crescer um pouco. Misture os elementos secos em outra vasilha. Misture o fermento e vá completando essa massa com água morna até que a massa desgrude das mãos e não fique úmida. Amasse bem, deixe crescer por uns 30 minutos. Molde na forma que desejar e ponha para assar, primeiro no fogo alto (uns 10 minutos)



e depois diminua o fogo. O pão estará pronto quando a casca estiver dourada e fizer um som oco na casca de baixo.

Farofa multimistura

1/2 copo de óleo • 1 pitada de pimenta do reino • cheiro verde
1 copo de farelo de trigo • 1/2 copo de fubá torrado ou pré-cozido
1 copo de farinha de mandioca
1 copo de folhas diversas refogadas • 1 cebola média picada
1 colher (chá) de pó de folha de mandioca (aipim, macaxeira)
1 pitada de pó de casca de ovo • Tempero à vontade

Refogue a cebola em um pouco de óleo e acrescente a pimenta do reino, a farinha de mandioca, o fubá, as verduras refogadas, o restante do óleo, o sal com o alho e, no final, o cheiro verde e o pó da folha de mandioca.

Bolinhos

1. Bolinho de abóbora ou batata-doce (ou bagaço de coco, milho ou soja)

1 xícara de abóbora cozida e amassada
2 colheres (sopa) de farelo
1 colher (sobremesa) de fermento • Sal e açúcar
Farinha de trigo suficiente para fritar às colheradas

Frite em óleo quente. Caso queira bolinho doce, polvilhe com açúcar e canela

2. Bolinho de mandioca (macaxeira ou aipim)

3 xícaras de mandioca cozida e moída
3 xícaras de polvilho • 3 xícaras de queijo ralado (opcional)
1 xícara de farelo de trigo • 3 ovos • 3 colheres de óleo
Sal • Leite ou água, até o ponto de enrolar com a mão

Frite ou asse

Bolo multimistura

3 ovos inteiros • 2 xícaras de açúcar • 1 xícara de óleo
1 xícara de água

Bata no liquidificador e junte aos ingredientes abaixo:

1 xícara de farinha de trigo comum • 1 xícara de fubá
1 xícara de farelo de trigo • 2 colheres de farelo de arroz torrado
1 colher (sopa) de fermento em pó
1 colher (chá) de pó de folha • 1 colher (sopa) de fermento
1 pitada de sal

Misture tudo e asse

Bolo Peteleco enriquecido

2 xícaras de farinha de trigo • 1 xícara de farelo de trigo
2 xícaras de açúcar • 1 xícara de chocolate
1 xícara de óleo • 2 ovos inteiros • 1 colher (chá) de fermento
1 colher (chá) de bicarbonato • 1/2 colher (chá) de sal

Misture bem e acrescente 2 xícaras de água fervendo.

Misture novamente e asse.

Salada verde

Sempre que possível, misture 3 a 4 variedades de folhas e legumes: alface, couve, beldroega, repolho, pepino, trigo, tomate, rabanete, salsa, coentro, hortelã, alfavaca.

Suco tipo "fanta"

Bata no liquidificador:

1 1/2 litro de água e 2 cenouras grandes
Coe e reserve o resíduo para usar no arroz, na farofa etc.
Volte o suco para o liquidificador e acrescente:
1 limão cravo (capeta, rosa ou galego) com casca ou



1 laranja com casca e sem semente;
suco de dois limões comuns

Pudim de mandioca (macaxeira)

1/2 kg de mandioca cozida e amassada
2 colheres (sopa) de farinha de trigo
1/2 litro de leite • 1 colher (sobremesa) de fermento
1 colher (sopa) de óleo • 2 xícaras de açúcar
1 pitada de sal • 1 colher (sopa) rasa de erva-doce
2 ovos batidos • 1 pitada de pó de folha de macaxeira
2 colheres (sopa) de farelo de trigo
Misture tudo e coloque em forma de pudim caramelizada com açúcar

Arroz enriquecido

1 copo de arroz • 2 colheres (sopa) rasas de farelo
Óleo suficiente • Talos de couve (ou casca de abóbora) refogados
1 pitada de pó de folhas
Refogue o arroz junto com o farelo e coloque o tempero.



86

Massa para pizza

1 kg de farinha de trigo • 3 copos de leite morno
1 colher de sopa de açúcar • 1 colher de sopa de sal
1 xícara de óleo • 50 g de fermento de pão
Desmanche o fermento no leite e misture os outros ingredientes, sovando bem a massa. Deixe crescer e use como massa de pizza, esfiha ou pão.

Farinha múltipla

Dicas selecionadas da publicação *Alternativas Contra a Fome*, organizada por Christiane Costa e Valdo França, Instituto Pólis, São Paulo, 1993.

Ingredientes

- Farelo de arroz

O farelo fresco deve ser peneirado e tostado em tacho ou panela grossa. Mexa com colher de pau em fogo brando durante meia hora. Quando cheirar a amendoim torrado é sinal de que está pronto.

- Farelo de trigo

Caso esteja muito grosso, peneire e moa a parte grossa para depois tostar por 20 minutos até atingir o ponto, ou seja, cheirar biscoito assado.

- Folhas verde escuras

Exigem secagem em estufas, em fornos ventilados ou em varais, nas épocas de tempo muito seco e quente. O importante é que as folhas não fiquem amareladas e conservem o aspecto verde escuro. Em seguida são trituradas em pilão ou liquidificador e peneiradas.

- Sementes

Girassol: toste e moa para depois peneirar. Gergelim: lave e toste os grãos, até que fiquem com gosto próximo ao do amendoim torrado. Abóbora, melancia e melão: lave, seque ao sol, torre no forno, moa e peneire.

Proporção ideal para a mistura

Três medidas de farelo de arroz (32 %)

Meia medida de girassol (5 %)

Três medidas de farelo de trigo (32,5 %)

Meia medida de gergelim (5 %)

Uma medida de folha de mandioca (10 %)

Meia medida de folha de abóbora (5 %)

Meia medida de folha de batata-doce (5 %)

Meia medida de sementes de abóbora, melancia e melão misturadas (5 %)



Importante

A semente de girassol pode ser substituída por outras sementes, como castanha-do-pará, amendoim, castanha de cajú. Cada região produz sua própria farinha.

Usos possíveis

Na preparação das receitas do dia a dia, coloque uma colher de sopa de farinha múltipla para cada xícara de arroz, farinha de trigo ou fubá.

Para revitalizar a massa de farinha branca em pães, tortas e bolos, ou para aumentar o poder nutritivo de farofas, suflês, omeletes, iogurtes, leite, feijão, arroz, sopa.

Pode ser polvilhada (uma colher de sopa) sobre os alimentos em cada refeição diária.

Para não jogar o seu dinheiro no lixo

Segundo o IBGE, o desperdício no consumo doméstico de alimentos chega a 20%. A forma mais comum de desperdício caseiro é a distorção no uso do alimento. “Talos, folhas e cascas são, muitas vezes, mais nutritivos do que a parte dos alimentos que estamos habituados a comer. Ramas de cenoura, folhas de beterraba, por exemplo, são riquíssimas em vitaminas e sais minerais”, explicam os pesquisadores João Batista Rezende, Renata Farhat Borges e Aparecida Kimie Sakotani. As duas pesquisadoras, da Columbus Cultural Editora, ajudaram a empresa Cardápio, de São Paulo, a elaborar um manual que contém as seguintes dicas sobre utilização de alimentos, como forma de evitar desperdício.

Conservação

- Quando for usar apenas metade do abacate, deixe a outra metade com caroço — isso evita que a fruta deteriore com rapidez.
- O alho é sempre muito caro. Evite as perdas, transformando-o em pasta ou guarde descascado em óleo.
- Ao cozinhar batatas para usar durante alguns dias, acrescente uma cebola à água do cozimento, para que elas não escureçam.
- Para conservar a metade do limão que ainda não foi usada, coloque-a em um pires com água, com a face cortada para baixo, e leve à geladeira.
- Se quiser guardar a farinha de trigo por muito tempo, deixe-a na geladeira ou no congelador para que não fermente. Embale bem para não pegar cheiro e gosto dos outros alimentos.
- Para conservar a salsa fresca, lave, deixe secar e corte bem fininho. Guarde num vidro, coberto com óleo ou sem óleo e congele.
- Guarde o queijo branco na geladeira em recipiente fundo com pouca água salgada. De manhã e à noite, vire o queijo para umedecer os lados. Assim, ele se conserva fresco.
- Para o óleo render mais, passe-o por um filtro a cada fritura.
- Para que a farinha de trigo guardada não encaroce, acrescente um pouco de sal.

Aproveitamento

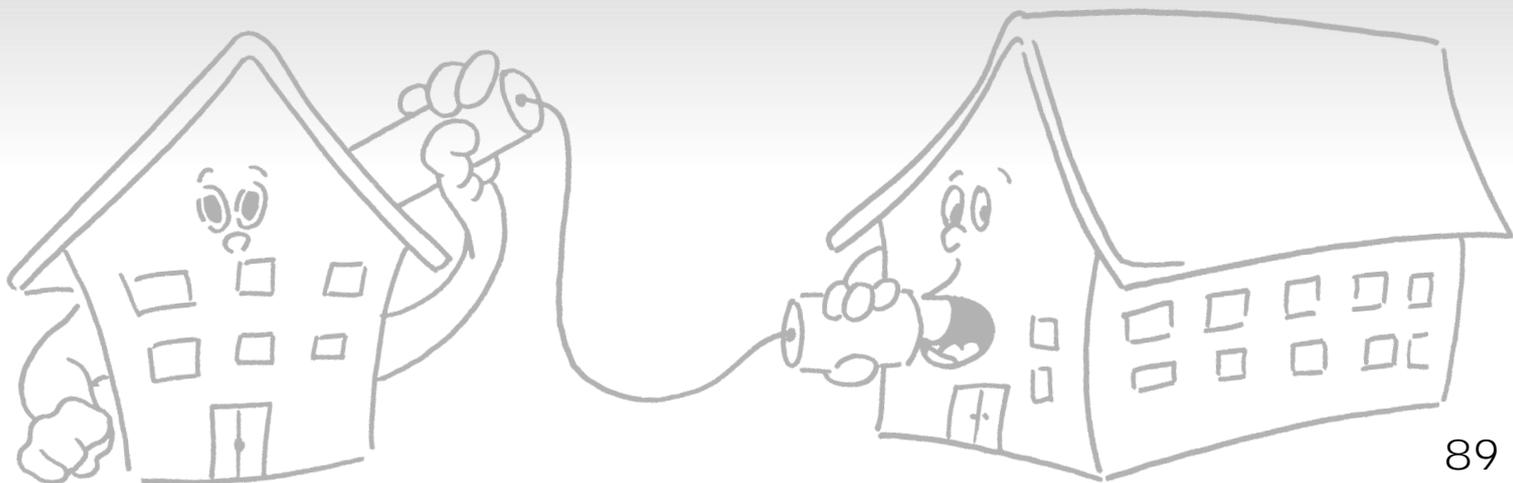
- Para tornar fresco o pão amanhecido, basta umedecê-lo levemente com água ou leite e levar ao forno quente por alguns minutos.
- Pó de folha de mandioca é alimento rico em vitamina A e ferro. As folhas devem secar à sombra e ser moídas com pilão ou batidas no liquidificador. Guarde em vasilha fechada. Use pitadas nas refeições.
- Não jogue fora os talos do agrião, pois eles contêm muitas vitaminas. Limpe, pique e refogue com tempero e ovos batidos.
- Todas as folhas verde-escuro são ricas em ferro. Não deixe de aproveitá-las em sopas, refogados, purês.
- Os talos de couve, taioba, espinafre contêm fibras e devem ser aproveitados em refogados, no feijão, na sopa.
- Sobras de bolacha não devem ir para o lixo. Despedace-as e guarde-as em vidro fechado, para usar como cobertura de bolos ou ingredientes para massas de tortas.
- O vinho azedado pode ser aproveitado como vinagre.
- Se sobrou purê de batata, forme pequenas bolinhas, polvilhe com farinha de rosca e frite como croquete. Pode rechear com sobras de carne, legumes, queijo, salsicha etc.
- A abóbora é altamente nutritiva. Lembre-se de aproveitá-la inteira: casca, polpa, folhas e pedúnculo (cabinho).
- Folhas de nabo, rabanete e beterraba têm maior concentração de carboidratos, cálcio, fósforo e vitaminas A e C, se comparados com a raiz que estamos mais acostumados a comer. Refogue-as bem e sirva em saladas, refogadas ou em conserva.
- As folhas de cenoura são riquíssimas em vitamina A e devem ser aproveitadas em bolinhos, sopas ou saladas. O mesmo se pode dizer das folhas duras da salsa.
- Somente depois de assado o peixe é que se deve tirar-lhe a cabeça. Se não, a parte cortada fica seca e dura.
- Cozinhe as verduras no vapor. Assim elas não perderão o valor nutritivo.
- Rale sobras de queijo e use em molhos e sopas.
- Se a maionese talhar, não jogue fora, pingue água quente até que ela volte ao ponto.
- A água do cozimento das batatas acaba concentrando todas as vitaminas. Aproveite-a, juntando leite em pó e manteiga para fazer purê.

- Adicione batatas cruas cortadas a sopas ou ensopados que tenham ficado salgados demais. As batatas vão absorver o sal durante o cozimento. Se não tiver batata, use pão amanhecido.
- A parte branca da melancia pode ser usada para fazer doce, que se prepara como o doce de mamão verde.
- A casca da laranja fresca pode ser usada em pratos doces à base de leite, como arroz doce e cremes.
- Para não desperdiçar o suco que a fruta pode dar, bata o limão com um martelinho antes de cortá-lo.
- Cebola tira gosto de queimado no feijão.
- Se o tomate estiver mole, deixe de molho na água fria ou gelada por uns 15 minutos. Ele ficará mais rijo e fácil de ser cortado.
- Para que o macarrão não grude, regue com um fio de óleo depois de escorrer.
- Sempre que possível, evite bater os alimentos no liquidificador. Use a peneira ou amasse-os.
- Restos de verduras podem dar ótimos suflês.
- Caroços de abóbora torrados com sal servem como aperitivo. Fazem bem para os rins e para a bexiga. O mesmo vale para a soja.
- Pão velho torrado no forno e ralado serve como farinha de rosca. Se amolecido com leite, serve para recheio de frango, ligamento para bolinhos, tortas de carne etc.
- Bolo velho pode ficar novo, se mergulhado em leite frio e assado em forno médio. Para mantê-lo bom por mais tempo, é só embrulhar com toalha úmida e guardar em lugares frescos.
- Carne de aves, assadas ou cozidas: desfie e use para ensopados, recheios, risotos, molho para massa. Se moídas, podem dar ótimos croquetes, pastéis, saladas ou recheio de omelete.
- Sobras de peixe ensopado servem para cuscuz. Sobras de filé de peixe frito servem para preparar maionese.
- Arroz: bolinhos, canjas, risotos, mexidos com ovos estrelados, sopa, tortas.

Fonte: www.alternex.com.br/~solidario/dicas.html



meios de comunicação



89

No mundo de hoje, quem não se comunica não pode fazer mudanças! Será que só nós estamos inconformados com a violência, com o córrego poluído, com a sujeira nas ruas? Só nós sabemos (ou queremos) montar uma banda, um grupo de dança? Com certeza, outras pessoas têm idéias, sonhos e preocupações semelhantes às nossas. Portanto, não vamos esquecer que “a união faz a força” e “um mais um é sempre mais que dois”!

Ao pensar em Cultura de Paz, é fundamental tecer uma teia de comunicação com a comunidade, com as escolas vizinhas, entre as pessoas. Isso para que o grupo tenha identidade.

Não podemos esquecer que os trabalhos produzidos nas atividades devem ser expostos: talentos merecem espaço! É necessário que os participantes das Escolas de Paz exibam suas produções e organizem o evento: essa co-realização aumenta a auto-estima e fortalece a identidade do grupo. Só assim conseguiremos vivenciar, na prática, novos valores e novas atitudes, e compartilhá-los com nossos vizinhos, colegas e, quem sabe, fazer as pazes com alguém!



ATIVIDADES

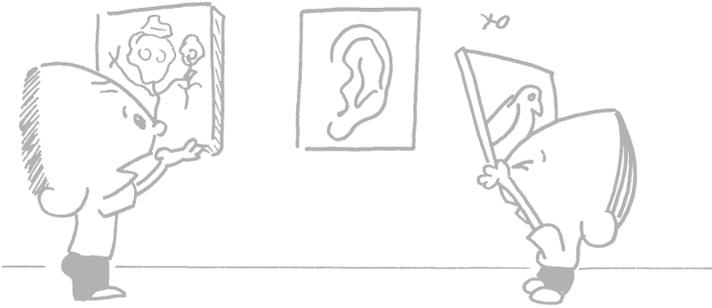
Comunicação entre escolas

O grupo faz uma lista de correspondentes entre escolas, organizados por assuntos diferentes. Os professores e pais de alunos também podem entrar na brincadeira.

COMO SE FAZ

- Trocar correspondência sobre projetos relacionados ao Manifesto 2000. Essa troca pode ser realizada por correio ou pela Internet.
- Preparar um gráfico para identificar os correspondentes e indicar a periodicidade das cartas enviadas.
- Preparar uma carta conjunta, em formato de cartaz, em que se apresentam temas de interesse geral: fotos da escola, do bairro ou da cidade; notícias de atividades esportivas e festas etc.
- Lembrar que a correspondência dá uma dimensão emocional ao trabalho de construção de uma Cultura de Paz.

- Promover um encontro entre os correspondentes, aliado a alguma apresentação artística. As pessoas envolvidas devem dar sugestões e participar de todos os preparativos.
- Essas estratégias podem ser utilizadas também entre turmas da mesma escola – para trocar impressões sobre um filme, uma história, um fato ou acontecimento, ou ainda entre as escolas que participam ou não do programa Escolas de Paz.



90 Exposição

Os participantes organizam uma exposição de trabalhos ou apresentações de dança, música, grafite etc. Escolhem o local, planejam a forma de apresentação, a decoração, decidem o critério para seleção dos trabalhos e montam o evento com a ajuda de todos. Durante o evento, eles mesmos orientam os visitantes quanto ao uso do material e as técnicas empregadas, que devem ter sido decididas pelo grupo.

Fichário cooperativo

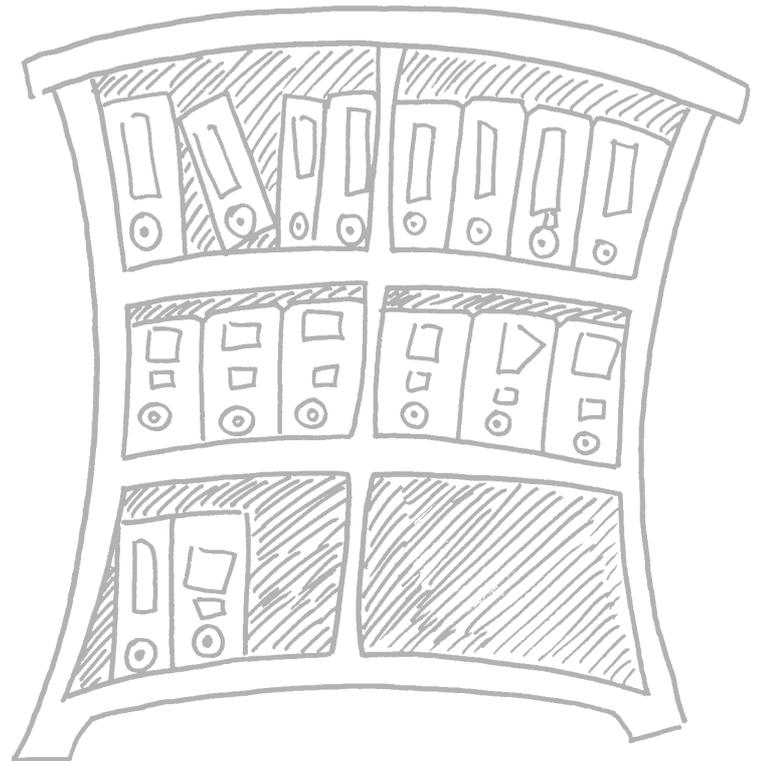
O grupo elabora fichas de assuntos específicos, voltadas ou não a projetos ligados ao conteúdo do Manifesto 2000. As fichas são organizadas em um fichário cooperativo, para consultas. Podem ser agrupadas por temas, de forma sistematizada. Por exemplo: conteúdos de jornais e de revistas sobre os temas do Manifesto 2000. Podem ser criados fichários com brincadeiras, letras de músicas, poemas, receitas, fotos etc. Podem ser organizados vários fichários, possibilitando o intercâmbio de idéias.

Imprensa de paz

Servindo como elo de ligação entre as Escolas de Paz e seus participantes, um jornal de comunicação é um atraente veículo de divulgação das ações realizadas. O importante é que todo o trabalho seja feito pelos jovens, o que inclui a pesquisa e a escolha de textos, a diagramação, a impressão, a montagem do jornal e a distribuição.

Jornal-mural

É interessante que o ambiente seja composto por paredes atraentes, cobertas por materiais interessantes e relevantes. Os murais podem se renovar conforme os assuntos do momento. Montado pela comunidade jovem, o jornal de parede ou jornal-mural se torna um canal de comunicação.





Os responsáveis pelo jornal dividem o espaço em colunas, cada uma com o seu título. Por exemplo: Eu proponho, Eu critico, Eu felicito. Durante as atividades da semana, os alunos vão escrevendo nas colunas suas queixas, seus anseios, ou aquilo que gostaram. São opiniões assinadas, pois esse jornal serve para refletir o pensamento dos jovens sobre o programa Escolas de Paz. Pode-se colocar as sugestões e críticas ou ressalvas em envelopes ou caixas fechadas, para serem abertas depois. Enfim, o espaço, as formas e as soluções vão se enchendo de desenhos e painéis, segundo os objetivos de cada grupo, tornando o ambiente sempre colorido, organizado e renovado.

Editando publicações

Produções sobre Cultura de Paz, assim como trabalhos manuais, grafites, mosaicos, poemas, contos, cordel, letras de músicas, crônicas, versos. Todas essas formas de expressão ganham um novo olhar quando organizadas em uma publicação, por mais simples que seja. Pode ser um livreto, um gibi, um jornal, coletâneas, revistas, um *site* na Internet etc. Essas publicações podem ser organizadas e produzidas coletivamente. Cada pessoa

fica responsável por uma etapa da produção (pesquisa, texto, diagramação, ilustração, edição, impressão, distribuição etc.).

Projetos “de paz”

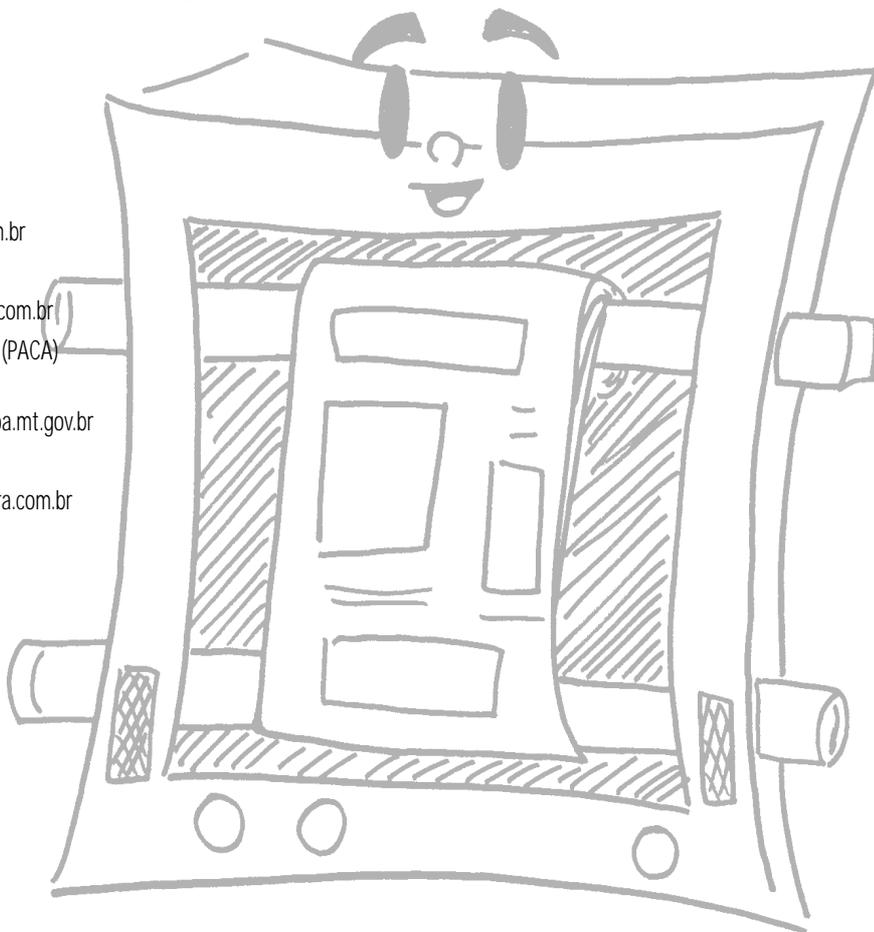
Confira a lista abaixo, com indicações de contatos para os principais projetos sociais estudados pela UNESCO no livro *Cultivando Vida, Desarmando Violências*, publicado em 2001, sob a coordenação de Mary Garcia Castro. Esses projetos trabalham a questão da paz com o público jovem, em diversos locais do Brasil. Informe-se, troque correspondência e, quem sabe, inspire-se para poder aplicar algumas dessas idéias em sua escola.

- Artivista MDE (Movimento de Expressão) Hip Hop
Tel. (44) 9185-3428
- Associação Curumins – curumins@fortalnet.com.br
- Associação Meninos do Morumbi – meninostaff@webrasil.com.br
- Auçuba – acuba@acuba.org.br
- Centro das Mulheres do Cabo – mulheres@elogica.com.br
- Centro de Cidadania Umbu Ganzá – umbuganz@hotlink.com.br

- Centro de Referência Integral de Adolescentes
cria@allways.com.br
- Cidade Escola Aprendiz – Projeto 100 muros
aprendiz@uol.com.br
- Circo Escola – fumcas@elo.com.br
- Circo Picolino – circopicolino@zaz.com.br
- Coletivo Mulher Vida – cmvida@cashnet.com.br
- Comitê para a Democratização da Informática – cdi@cdi.org.br
- Comunicação e Cultura – comcultura@comcultura.org.br
- Cores de Belém – Tel. (91) 276-3493
- Descobrimo o Saber – Tel. (98) 223-2113
- Escola de Dança e Integração Social para a Criança
edisca@edisca.org.br
- Escola de Rodeio Erê – Tel. (44) 523-3821
- Fundação Cidade Mãe – cidade_mae@pms.ba.gov.br
- Fundação Gol de Letra – goldeletra@uol.com.br
- Fundação Projeto Travessia – projtrav@dglnet.com.br
- Grupo Cultural Afro Reggae – afroreggae@ax.apc.org
- Grupo Cultural Olodum – eco@e-net.com.br
- Grupo de Teatro Nós do Morro – grnmorro@mtec.com.br
- Liceu de Artes e Ofícios da Bahia – liceu@itp.com.br
- Orquestra de Flautas Doce – www.orquestradeflautas.com.br
- Programa de Atendimento à Criança e ao Adolescente (PACA)
seas@camagibe.pe.gov.br
- Projeto Cidadania, Arte e Educação – gab-sme@cuiaba.mt.gov.br
- Rádio Margarida – radiomar@expert.com.br
- Vila Olímpica da Mangueira – vilaolimpica@mangueira.com.br
- Viva Rio – vivario@vivario.org.br

TV da comunidade

A TV da comunidade é um excelente canal para contar histórias, reproduzir imagens, comunicar fatos. Ou, ainda, um espaço que dá voz ativa à comunidade para fazer denúncias, reclamar direitos etc. Para “fazer uma TV”, basta pegar uma caixa de papelão grande, cortá-la em um dos lados e inserir dois suportes, um em cima e outro em baixo, que sustentam um rolo de papel do tipo pergaminho. Nesse papel são produzidas as notícias, as novelas e tudo o que se quiser “exibir”. Para veicular a “programação”, alguém manipula o rolo na caixa, desenrolando o papel de acordo com a velocidade de leitura dos “telespectadores”. Fica muito divertido gravar as falas e os efeitos sonoros do “programa de televisão”.



bibliografia

Fontes consultadas para preparar as atividades

Livros, revistas e outras publicações

- A Paixão de Conhecer o Mundo*, Madalena Freire, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1983.
- A Paz Também se Aprende*, Naomi Drew, Editora Gaia, São Paulo, 1990.
- A Vida na Rua & a Rua na Vida – Histórico e Proposta Pedagógica da Fundação Educacional Meninos e Meninas de Rua Profeta Elias*, Sônia M. Guarisa de Assumpção Miranda e Tânia Stoltz (sistematizadoras), Curitiba, 1999.
- Abrindo Espaços, Educação e Cultura para a Paz*, Marlova Jovchelovitch Noletto, Editora UNESCO, Brasília, 2001.
- Aprenda Fazendo – Apoio aos Processos de Educação Ambiental*, Publicação WWF Brasil, 2000.
- Atividades Interdisciplinares de Educação Ambiental*, Genebaldo Freire Dias, Editora Global, São Paulo, 1994.
- Avaliando a Educação Ambiental no Brasil – Materiais Audiovisuais*, Raquel Trajber e Larissa Barbosa da Costa, Editora Peirópolis, São Paulo, 2001.
- Aventura Pedagógica – Caminhos e Descaminhos de uma Ação Educativa*, Antonio Carlos Gomes da Costa, Editora Modus Faciendi, Belo Horizonte, 1999.
- Brinquedoteca – o Lúdico em Diferentes Contextos*, Santa Marli Pires dos Santos (org.), Editora Vozes, Petrópolis, 2001.
- Como Usar a Música na Sala de Aula*, Martins Ferreira, Editora Ensino Contexto, São Paulo, 2001.
- Cultivando Vida, Desarmando Violências*, Mary Garcia Castro (coordenadora), UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellog, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.
- Ecopedagogia e Cidadania Planetária*, Francisco Gutiérrez e Cruz Prado, Cortez Editora/Instituto Paulo Freire, São Paulo, 2000.
- Educação Ambiental – Guia do Professor*, publicação do Governo do Estado de São Paulo, 1987.
- Educação, um Tesouro a Descobrir*, relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI, Jacques Delors e outros, Cortez Editora, São Paulo, 2000.
- Educador Ambiental – 6 anos de experiências e debates*, Publicação WWF Brasil, 2000.
- Encarando a Adolescência*, Clara Rappaport, Editora Ática, São Paulo, 2000.
- Escolas de Paz*, Miriam Abramovay (coordenadora), UNESCO, Governo do Estado do Rio de Janeiro/Secretaria de Estado de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2001.
- Estação Desembarque: Referências Existenciais para o Jovem Contemporâneo*, José Ernesto Bologna, Editora Aquariana, São Paulo, 1992.
- Ética, Solidariedade e Complexidade*, Edgard de Assis Carvalho, Maria da Conceição de Almeida, Nelly Novaes Coelho, Nelson Fiedler-Ferrara e Edgar Morin, Editora Palas Athena, São Paulo, 1998.
- Evolução Histórica e Atualidades*, Célestin Freinet, Editora Scipione, São Paulo, 1998.

Exercícios de Arte para Grupos, Maria Liebmann, Summus Editorial, São Paulo, 2000.

Filosofia para Crianças e Adolescentes, Maria Luiza Silveira Teles, Editora Vozes, Petrópolis, 1999.

Formação Humana e Capacitação, Humberto Maturana e Sima Nisis de Rezepka, Editora Vozes, Petrópolis, 2000.

Inteligências Múltiplas: a Teoria na Prática, Howard Gardner, Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1995.

Jogos Cooperativos, Fábio Otuzi Brotto, Projeto Cooperação, Editora Re-Novada, Santos, 1997.

Jogos Cooperativos — O Jogo e o Esporte como um Exercício de Convivência, Fábio Otuzi Brotto, Editora Projeto Cooperação, Santos, 2001.

Jogos Dirigidos para Grupos, Recreação e Aulas de Educação Física, Silvino José Fritzen, Editora Vozes, Petrópolis, 2000.

Jogos na Educação — Criar, Fazer e Jogar, Maria da Glória Lopes, Editora Cortez, São Paulo, 1999.

O Coração da Filosofia, Jacob Needleman, Editora Palas Athena, São Paulo, 1991.

O Legado da Sabedoria, Miguel Attie Filho, Editora Edicon, São Paulo, 1995.

Orientando a Criança a Amar a Terra, Marina Lachecki Herman, Joseph F. Passineau, Ann L. Schimpf, Paul Treuer, Editora Augustus, São Paulo, 1992.

Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro, Edgar Morin, Editora Cortez (Publicação da UNESCO), São Paulo, 2000.

Reencantar a Educação — Rumo à Sociedade Aprendiz, Hugo Assmann, Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

Saber Cuidar — Ética do Humano, Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis, 1999.

Série Fundamentos — Arte Terapia, Daniel Brown, Editora Vitória Régia, São Paulo, 2000.

Sobre o Poder Pessoal, Carl Rogers, Editora Martins Fontes, São Paulo, 1989.

Sou Criança: Tenho Direitos — Oficinas Pedagógicas de Direitos Humanos, Vera Maria Candau, Susana Beatriz Sacavino, Martha Marandino, Maria da Consolação Lucinda, Adélia M. Nenhe Simão e Koff, Editora Vozes, Petrópolis, 1999.

Tecendo Cidadania — Oficinas Pedagógicas de Direitos Humanos, Vera Maria Candau, Susana Beatriz Sacavino, Martha Marandino, Andréa Gasparini Maciel, Editora Vozes, Petrópolis, 1995.

Técnicas de Contar Histórias, Vânia Dângelo Dohme, São Paulo Informal Editora, São Paulo, 2000.

Terra-Pátria, Edgar Morin, Anne Briggite Kern, Editora Sulina, Porto Alegre, 2000.

Transdisciplinaridade, Ubiratan D'Ambrósio, Editora Palas Athena, São Paulo, 1997.

Um Caminho do Teatro na Escola, Olga Reverbel, Editora Scipione, São Paulo, 1997.

Violência e Educação, Régis de Moraes, Editora Papyrus, Campinas, 1995.

Internet

Estúdio Web — www.estudioweb.com.br

Faculdade Belas Artes — www.belasartes.br/artenaescola (Projeto Fazendo Arte nas Escolas)

Folclore Brasileiro — <http://folclorebrasileiro.vila.bol.com.br>

Instituto Sou da Paz — www.soudapaz.org (Direitos Humanos em Tela / Grêmios em Forma / Centro Nacional de Formação Comunitária / Voluntários — Capacitação sobre o tema Violência / Barracão Cultural da Cidadania)

Movimento de Intercâmbio Artístico e Cultural pela Cidadania — www.miac.org.br

O Caracol do Ouvido – Arte Educação –

www.caracol.imaginario.com

Projeto Aprendiz – www.uol.com.br/aprendiz (Design Social /
Escola de Rua / Cyber Café Aprendiz)

Projeto de Desenvolvimento de Protagonismo e Cidadania –
www.educar.com.br

Protagonismo Juvenil – www.protagonismojuvenil.org.br

Revista Nova Escola – www.uol.com.br/novaescola

Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro –
www.sec.rj.gov.br

Secretaria Estadual de Educação de São Paulo –
www.educacao.sp.gov.br (Projeto Direitos Humanos / Projeto
Comunidade Presente / Projeto Parceiros do Futuro)

Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro –
www.see.rj.gov.br

Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro –
www.rio.rj.gov.br/sme/ (Fora do Horário Escolar / Núcleos de
Arte / Clubes Escolares / Pólo de Educação pelo Trabalho)

Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI)
www.virtual.epm.br/uati